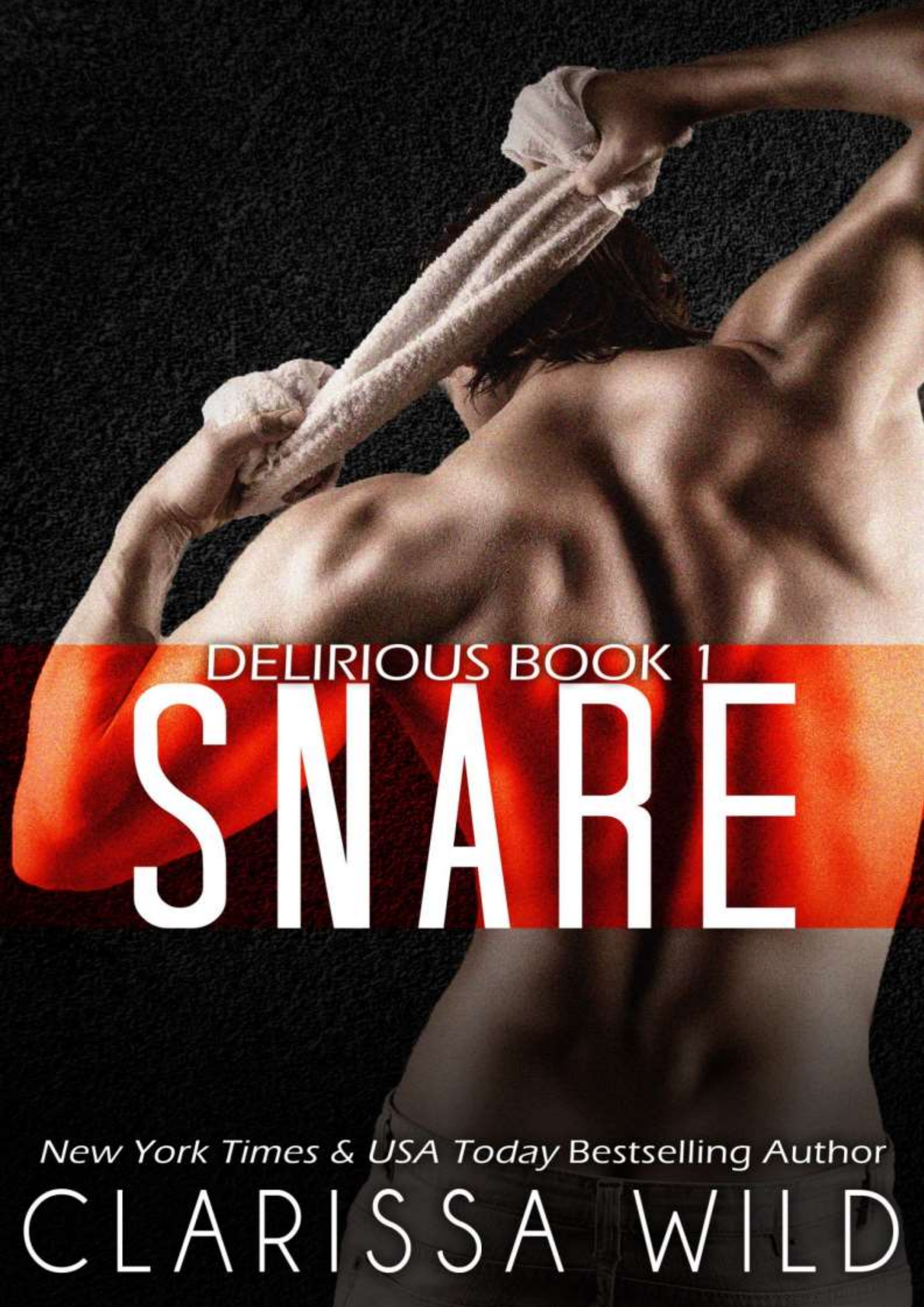




DELIRIOUS BOOK 1

SNARE

New York Times & USA Today Bestselling Author

CLARISSA WILD



Clarissa Wild

#1 Snare

Série Delirious

Snare Copyright © 2014 Clarissa Wild

SINOPSE

Seus segredos vão destruí-la.

Tomada.

Humilhada.

Usada.

Com a boca inteligente e suja e comportamento possessivo, Sebastian Brand tem me viciado da forma mais descarada. Eu sou obcecada por ele. No entanto, agora que eu escapei do hospital psiquiátrico, ele procura controlar cada movimento meu.

O distanciamento esmagador de sua atitude e as trevas em sua mente me diz que há mais neste homem que pura dominância. Depravação é o seu playground e dor é um mal necessário.

Me manter longe foi o seu primeiro instinto.

Me capturar foi o seu segundo.

Reivindicada por um homem com o exterior de um anjo e a mente de uma besta, vou fazer de tudo para desvendar seus segredos e enfrentar meus próprios demônios.

Um corpo em troca da liberdade. Um coração em troca da verdade.

A vida nunca é um dado adquirido. Apenas uma morte certa.

Este é o Volume 01 na Série Delirious, que contém três volumes e um prequel. Este livro é um romance completo. Esses livros devem ser lidos em ordem.

A SÉRIE

Série Delirious – Clarissa Wild



Prólogo

Música de acompanhamento: 'The 2nd Law' por Muse

Quando a vida que você conhece e o amor desmoronam, você se apega às coisas que te mantêm seguro - às pessoas que lhe trazem calor e conforto, as que te tiram do perigo e te deixam em segurança.

À medida que o mundo desabou ao meu redor, eu escolhi desistir de tudo. Minha mente vagou na escuridão, deixando para trás qualquer vestígio de angústia. Foi a maneira que minha mente encontrou para salvar o que restava da minha alma.

Me prender a ele foi a única coisa que me fez continuar. Me manteve viva. *Ele* se tornou a minha âncora. Sebastian Brand - o homem que me tirou das trevas e me trouxe para a luz.

Eu o quero. Eu o desejo. Eu o desejo e devoro quando ele está perto de mim.

No entanto, eu nunca imaginei que eu seria forçada a deixá-lo reclamar o meu corpo; que eu seria capturada e levada contra a minha vontade.

Que eu viria a precisar deste homem mais do que a minha sanidade.

Conforme eu me penduro no teto feito uma boneca enforcada, eu me sinto livre. Seu dedo desliza por meu peito, entre os meus seios, e se move dolorosamente perto dos meus mamilos, antes de voltar para o meu esterno. Ele traça uma linha pelo meu estômago, deixando um rastro de fogo. Todos os meus sentidos ganham vida quando ele me acaricia delicadamente, com cuidado, como se o seu dedo fosse o bastão e eu fosse o instrumento que ele está tocando. Gemidos que devem soar como música para seus ouvidos saem da minha boca. Eu sou uma escrava do seu toque. Este homem me tem em seu poder e eu estou amando cada momento imoral e vergonhoso que nós compartilhamos.

Ele se debruça entre as minhas pernas e pressiona seus lábios por minha pele. Uma necessidade vil e pura cresce dentro de mim e eu cedo ao prazer delirante quando sua língua afaga minhas coxas.

Eu sou uma prisioneira e, ainda assim, eu não me sinto como uma.

À mercê de um homem cativante e apaixonante, eu venho a vida.

Nas mãos de um monstro depravado e cruel, minha respiração é roubada.

Mesmo na mais extrema das situações, confiar na pessoa errada poderia te matar.

Confiar em Sebastian Brand foi o maior erro que já cometi.

Capítulo um

Música de acompanhamento: 'West Coast' por Lana Del Rey

LILITH

Providence, Rhode Island - 20 de abril de 2013

Eu congelo e deixo as suas palavras serem absorvidas. Ele não me conhece. Nem mesmo o meu nome. O que está acontecendo aqui?

— Sou eu, — eu digo, colocando a mão no meu peito. — Lilith.

Ele franze a testa, o nariz se contorcendo em desgosto. Eu odeio aquele olhar desconfiado em seus olhos e a maneira como seu corpo está um pouco inclinado, como se eu fosse uma lunática o abordando sem motivos.

— E eu tenho que conhecê-la? — diz ele, levantando uma sobrancelha.

Eu torço o lábio, meu coração apertado pelo pavor. — Como isso é possível?

— Sinto muito; eu acho que você está me confundido com outra pessoa. — há um tom dolorido em sua voz e é quase como se ele estivesse com pressa para falar as palavras. — Desculpe, senhorita, mas eu tenho que ir agora.

Ele passa por mim e caminha pela calçada, enquanto eu fico olhando para ele. Estou perplexa - completamente abalada - com sua recusa descarada. Isso não pode estar certo. Ele me conhece e eu o conheço.

— Espere! — eu exclamo e corro atrás dele, piscando para afastar as lágrimas.

— O que você quer? — ele resmunga.

— Por que você não me reconhece? Você *sabe* que você me conhece.

— Sinto muito; eu não tenho ideia do que você está falando.

— Sim, você tem. Pare de negar isso.

— Senhorita, me deixe em paz, por favor.

Sua ignorância dói, mas eu não vou deixar isso me atingir. — Não, eu quero saber por que você está negando me conhecer. Você sabe muito bem o que fizemos no hospital.

Ele respira fundo, mas não exala, o que me diz que ele está chateado. Bom, é melhor que esteja. Eu também estou. Eu não entendo nada disso.

— Pare de me ignorar. — eu seguro sua jaqueta. Ele para e olha para mim, o rosto tão escuro, tão volátil; isso me assusta para caramba. Um empurrão é o necessário para me fazer soltá-lo.

— Eu não sei o que você quer, mas eu sugiro que você vá embora antes que eu chame alguém.

— Como quem, exatamente?

Ele começa a procurar algo no bolso e pega sua carteira. — Eu não me importo, me deixe em paz! Você quer dinheiro? É isso? Aqui. Agora vá embora! — ele coloca algo em minha mão. Perplexa, eu olho e vejo uma nota de cem dólares. Não, de jeito nenhum.

— Eu não preciso do seu dinheiro. — digo ao segui-lo, amassando a nota para que eu possa devolvê-la.

— Então, o que eu tenho que fazer para você ir embora? — diz ele. — Chamar a polícia? É isso que você quer?

— Não, claro que não.

— Então por que você insiste em me seguir? Você não me conhece.

— Então se importa em explicar como eu sei seu nome, senhor Sebastian Brand? — eu zombo.

— Você pode ter descoberto isso em qualquer lugar. Já ouvi o bastante. — ele sibila.

— Eu não vou embora.

Ele não responde, então eu o sigo até o prédio ao lado do ginásio - o endereço exato que eu encontrei na internet quando eu procurei por ele. Eu sabia; ele vive aqui. Por que mais ele entraria aqui?

— Senhor Brand, você sinceramente vai negar o fato de que conversamos há tempos? — eu tento ignorar o guarda na mesa olhando para nós por trás de seus óculos.

— Sim. Sim, eu vou. — ele sorri para mim enquanto pressiona o botão do elevador.

Eu faço uma cara trivial. — Você não pode me enganar. Eu sei que você me conhece e eu sei que você se lembra de todas aquelas noites no hospital. Não me diga que não era real. Eu não tenho certeza de que tipo de brincadeira você está fazendo aqui, senhor Brand, mas eu não vou deixar isso pra lá.

— Oh, eu não estou brincando, senhorita. Se estivesse fazendo isso, você saberia. — não há diversão na superfície de sua voz.

— Oh, não diga.

Nós entramos no elevador e ele aperta um botão. Eu olho em volta e percebo que até o elevador parece ter sido caro. Madeira decora as paredes, as barras são douradas e no chão há um tapete vermelho aveludado. Tudo neste edifício parece ser caro e, a julgar pela aparência dele, Sebastian não é exatamente pobre.

— Na verdade, eu gosto de muitas brincadeiras, mas isso não é uma brincadeira para mim. — ele continua. — Isto é sério. Eu sinceramente quero saber por que você está me seguindo. Você sabe que eu poderia mandar te prender por assédio, certo?

— Eu tenho certeza que você poderia.

Ele ri. — Eu gosto do fato de que você não está nem um pouco assustada. Admiro isso em uma mulher.

— Eu não me intimido por homens de terno e você, senhor, não me assusta nem um pouco.

— Que pena...

Engulo em seco e olho para os números no painel na parede. Ainda há *um monte* de andares. Este edifício é enorme e ele mora no último andar. Isso pode levar um longo tempo. Muito tempo a sós com ele. Ah, merda.

Meu coração dispara quando as portas do elevador se fecham e eu fico sozinha com Sebastian, ou quem quer que diabos ele pensa que é. Eu me remexo para tentar esconder meu desconforto. Devo insistir. Eu não vou deixá-lo, não importa o que ele diga.

— Escute, eu não sei que brincadeira é essa, mas você sabe tão bem quanto eu que...

De repente, Sebastian agarra meus braços e me empurra contra a parede de madeira, me prendendo entre seus braços. O dinheiro que estava na minha mão cai no chão.

— O quê? Que eu te conheço ou que você me conhece? — ele se inclina. — Que eu fiz algo com você?

Eu engulo, olhando diretamente para seu rosto, sem ceder à sua provocação. — Nós transamos.

Apertando os olhos, ele chega mais perto, aumentando seu aperto em meus braços. — E?

— E foi maravilhoso.

Ele sorri descaradamente. — Claro que foi.

Eu suspiro aliviada.

— Eu domino as fantasias de todas as mulheres. Pena que é apenas uma fantasia.

— O quê? — digo. — Não foi apenas uma fantasia.

— Oh, senhorita, qualquer que seja o seu nome...

— Carrigan. — eu solto.

— Senhorita Carrigan... — a maneira como ele diz meu nome provoca arrepios pelo meu corpo. — Seja lá no que você está pensando, você está enganada. Eu *não* dormiria com uma mulher e não me lembraria dela.

— *Não* me chame de mentirosa.

— Não estou. Eu só acho que você está confusa. Tudo bem. Eu sei como lidar com mulheres confusas.

Eu bufo. — Aposto que você é o responsável pela confusão.

Ele sorri. — *Touché*. Você está certa, eu sou. — ele inclina a cabeça. — E você sabe o que mais? — ele se inclina, se pressionando contra mim. Meus mamilos endurecem em excitação contra seu traje casual. Mesmo que ele negue tudo o que eu digo, ele ainda me excita.

— O quê? — eu pergunto, minha boca ainda entreaberta, indo em direção a ele.

Ele aproxima a cabeça do meu ouvido, me fazendo perder o ar.

— Eu brinco com suas cabeças.

Eu respiro fundo. Jesus Cristo.

Ele coloca uma mão na parede ao meu lado, apertando meu braço ainda mais com a outra mão. — O que você quer de mim, senhorita Carrigan?

— Eu quero a verdade. Você me conhece. Me diga que me conhece. Me diga que você me quer. Me diga que você precisa de mim. Sinto falta do seu toque.

Ele bufa perto do meu ouvido e me dou conta de que é uma meia risada. Depois de um tempo, ele abre a boca, soltando o hálito quente em meu ouvido. Eu aperto minhas pernas juntas a partir do calor.

— Eu não *preciso* de ninguém. Nunca.

— Eu sei que você disse que eu não deveria vir até você, mas eu não poderia ir a qualquer outro lugar. — eu sussurro com desespero puro. Eu não quero que ele me negue isso. Eu não posso lidar com isso.

— Você está certa, não deveria ter vindo. Você não tem ideia do que você fez.

— Sinto muito...

— Você está brincando com o homem errado.

Eu ofego quando ele segura minha garganta. Eu me contorço sob seus braços, mas não resisto à maneira que me prende à parede. Por que ele está sendo tão cruel?

— Você acha que me conhece?

— Não... Mas você me conhece. Você sabe que eu preciso de você... Eu preciso de você, senhor Brand, para fazer tudo bem de novo.

— Você precisa de mim? Você acha que precisa das minhas mãos em você? Qual é a sensação?

Eu me esforço para ficar parada quando seus dedos afundam lentamente em meu pescoço. Eu tusso.

Ele chega perto de meus lábios, quase me beijando. — Você acha que você quer isso? Tente de novo.

— Eu quero. — eu sussurro.

— Certo.

Em um movimento rápido, ele me gira, me forçando a abaixar até que meu rosto esteja contra a parede e minha bunda esteja apontando em sua direção. Ele ergue meu vestido e tira minha calcinha de uma só vez.

— Eu vou te mostrar o que eu faço com as mulheres que ficam implorando.

De repente, sua mão choca na minha bunda.

Eu grito em choque. Jesus Cristo, ele me bateu.

— Você gosta disso, senhorita Carrigan? — ele dá um tapa na minha bunda novamente, fazendo meu corpo balançar para cima e para baixo.

Eu me afasto da parede, mas ele não me permite recuar.

— Oh, não, você não vai a lugar nenhum. Você queria que eu a tocasse, então me deixe colocar as mãos em você.

— Assim não... — eu choramingo quando ele volta a me bater.

— Sim, assim. Você pode negar o quanto quiser, mas eu sei que você é *aquele* tipo de mulher. Alguém que gosta de ser dominada. — ele geme. — Que bunda bonita, redonda e empinada. Bem rosadinha. Minha favorita.

— Você deve vê-la quando não está dolorosamente vermelha. — eu respondo em um breve momento de coragem.

Ele ri, enquanto me espanca novamente. — Oh, fazendo brincadeiras, é? Eu gosto de mulheres que são um pouco mal-

humoradas. — ele me bate de novo, seus dedos se esticando sobre a minha bunda. — Veja, isso... Isso é do que *eu* preciso.

Ele rosna ao me dar um tapa novamente e minha pele formiga com o impacto. Eu sinto a dor, e ainda assim me excita como nada mais. — Eu não disse que era uma má ideia me seguir?

Eu sei que eu estou presa aqui, mas eu me recuso a acreditar que tinha sido uma má ideia. Ele é Sebastian Brand e ele me conhece. Eu não vou parar até que ele me diga o que ele sabe. No entanto, eu nunca imaginei que ele fosse me tocar assim. Esse elevador nos tem presos e não parece que suas mãos vão sair tão cedo da minha bunda. Eu tenho que lidar com isso de forma diferente. — Me desculpe, senhor Brand.

— Se desculpar não é o bastante. — ele me bate novamente. — Além do mais, você parecia tão convencida de que eu deveria tocá-la novamente, que achei melhor lhe dar o que queria. — ele segura meu cabelo e me empurra ainda mais para baixo. — Uh-uh, eu não disse que você poderia sair.

— Eu nunca pedi isso.

— Ah, mas pediu, senhorita. Veja, esse é o problema. Você pede, mas você não tem ideia o que você está pedindo.

Eu rosno e ele ri em resposta. — Não me diga que vai dar para trás; estava começando a ficar divertido.

— Eu não vou.

Ele aperta minha bunda, me fazendo contorcer. — Que pena.

Um sino toca, antes do elevador parar. Nós chegamos ao último andar.

Ele para de tocar minha bunda e, de repente, é como se eu estivesse nua. — A brincadeira acabou. Espero que tenha sido o suficiente.

Me sentindo humilhada, eu respiro fundo, enquanto coloco minha calcinha e abaixo meu vestido. — Não foi. — eu não vou recuar. Ele pode pensar que eu estou com medo agora, mas eu não estou.

— Porra, e eu achando que você só queria que eu te tocasse.

Eu me viro franzindo a testa, um rubor crescendo em minhas bochechas pelo que acabou de acontecer. — É disso que se trata? Se livrar de mim?

Ele sorri tão descaradamente e é tão irritante que eu rosno.

— Ahhh... Você está bravinha? — ele levanta uma sobrancelha. — Eu lhe dei o que você queria. Você pediu que eu precisasse de você, e eu precisava que sua bunda ficasse vermelha. Eu já consegui o que queria, então não temos mais nada a conversar.

— O quê? Você não pode fazer isso! — eu digo quando ele se vira.

— Na verdade, não só posso como fiz. E agora você sabe que sou um completo idiota. Que essa seja a última vez que nos vemos. — ele começa a sair do elevador, me deixando com uma boca aberta.

— Você acabou de me apalpar em um elevador e simplesmente vai embora? Fácil assim?

— Fácil assim. — ele responde enquanto se afasta.

— Que tipo de homem é você? — eu pergunto, perplexa, quando ele para em frente à única porta desse andar. Ele coloca seu polegar em algum tipo de máquina e a porta se abre.

— Não sou o homem que você esperava, infelizmente. Me desculpe, eu não posso te ajudar, senhorita Carrigan. Adeus.

Eu olho para o chão, completamente abalada e vejo a nota de cem dólares. Eu a pego e a jogo para ele. — Você esqueceu o seu dinheiro, babaca!

— Pode ficar! — ele acena.

Sua voz ressoa em meus ouvidos quando ele fecha a porta, sem nem me olhar para ter certeza de que estou bem.

Idiota.

Eu nunca, *nunca*, imaginei que Sebastian poderia ser um idiota completo, mas ele era. Porque será? Eu ainda não acredito nele. Ninguém no seu perfeito juízo iria me tocar assim. Ninguém iria bater em um estranho. Ninguém. Isto tem que ser uma farsa. Eu não sei por que ele está fazendo isso, mas eu vou descobrir de alguma forma. Depois de todas aquelas noites no hospital, eu não vou desistir facilmente. Esta não é a última vez que iremos nos ver, disso eu tenho certeza. Eu vou fazer isso acontecer.

Capítulo dois

Música de acompanhamento: 'Lux Aeterna' por Clint Mansell

SEBASTIAN

Providence, Rhode Island - 20 de abril de 2013

Proteção. O que significa quando nós protegemos do ferir? Quem se beneficia? Ninguém.

Eu limpo a minha mão no meu rosto, soprando algum vapor. Com minhas costas contra a porta, eu reflito sobre o que acabou de acontecer. Eu fiz algo que eu nunca pensei que eu iria, e mesmo assim eu fiz. Minha consciência está caindo em cima de mim, mas eu sei que fiz a coisa certa. Eu sou um idiota, e eu sei disso muito bem. Eu só espero que ela pense assim também. Espero que ela tenha visto a raiva quando eu lhe disse adeus. Ela deveria sair e nunca mais voltar. Eu não sei por que ela queria vir para mim, mas foi a escolha errada, e eu deixei isso muito claro para ela. Talvez me empurrando para ela do jeito que eu fiz, violando seu corpo da maneira que fiz, vai assustá-la. Seria o melhor. Estar comigo é a pior coisa que alguém poderia desejar.

Eu suspiro, me perguntando se eu poderia ter lidado melhor com as coisas. Eu não nego que eu gostei de espancá-la. E provocou a minha excitação, isso é certo. Meu pau ainda está muito duro em minhas calças, e eu não posso dizer que eu não queria repetir isso. Só que não seria uma decisão sábia. Não quando tudo está em jogo. Eu deveria esquecer o quão bom era ter minhas mãos em sua bunda e como é bom sentir estar no comando. Não me lembro a última vez que eu desejava ser tão perverso.

Isso me assusta.

Este não é quem eu sou, e ainda assim eu sei que eu estou virando cada vez mais um monstro.

Tenho medo do meu próprio futuro.

Engolindo em seco, eu tiro minha camisa e caminho até o chuveiro. Devo colocar minha mente em outra coisa. Há muito trabalho a ser feito hoje, e eu não posso me distrair por pensamentos de uma deliciosa mulher implorando por minha dominação.

Deus, por que não posso tirá-la da minha cabeça?

Eu me encaro no espelho, correndo os dedos pelo meu cabelo. Para um jovem como eu, eu pareço envelhecido. Como se a minha pele estivesse engessada e meu sorriso se transformou em uma careta permanente. Me lembro dela rosa, os lábios macios e da forma como ela engasgou. Isso me fez sorrir. Eu não sorrio assim em um longo tempo, como se eu estivesse realmente me divertindo.

Infelizmente, não é para ser. Tudo o que ela quer, isso não pode acontecer. Isso não é certo. Eu não sou um homem de abraçar na cama; eu sou um homem para matar em seu sono. Não há nenhuma qualidade redentora em mim. Eu gostaria que ela tivesse visto isso em nosso pequeno encontro. Eu nem mesmo sei por que ela veio para mim em primeiro lugar.

Me querendo? Que tolice. Senhorita Carrigan é insana. Me querer é como querer a morte. Ninguém deseja isso. Ela é verdadeira e completamente louca se ela acredita que eu sou alguém que ela pode mexer. Que eu estaria fornecer a ela alguma coisa que vale a pena ter. Que eu poderia dar a ela o que ela precisa. Absurdo. Espero que ela corra... para muito, muito longe.

Ela não me conhece. Estranhos - isso é tudo o que somos.

Eu lavo meu rosto com água fria, tentando afastar as camadas e camadas de depravação que se infiltrou em minha pele. Não adianta. A vida é desoladora. Fim de história.

Abro a porta transparente no meu banheiro e tomo um longo banho pouco reconfortante. Eu me esfrego com uma escova carregada com gel de banho, me certificando de que eu esteja limpo como um homem possuído. Faço a barba até que meu queixo esteja suave e passo loção pós-barba em alguns pontos. Como um robô, eu coloco minha camiseta de botão e mangas compridas, me certificando de que não há rugas. Vesti as calças recém passadas que Conchita, minha empregada,

preparou para mim e puxo um cinto através dos laços. Eu prendo meu broche e me ajusto. Calçando meus sapatos pretos, eu olho para mim mesmo no espelho e estou semi contente com o que vejo. Perto da perfeição - ainda que por algumas rugas no meu terno, que eu rapidamente resolvo. Com um pouco de gel, eu dobro meu cabelo para trás até que ele esteja suave, e não há mais nada em mim fora do lugar.

Estou sempre nos conformes, ajeitando tudo para caber no molde necessário. Esse é o lugar onde eu estou agora. Um escudo flexível do homem que eu costumava ser - alguém que sabe sua responsabilidade e o carrega sem objeção. Esta pessoa... Eu o odeio.

Eu ajusto minha gravata no espelho antes de eu pegar minha mala e sair pela porta.

Eu ainda me sinto sujo.

Hediondo.

Monstruoso.

E isso nunca vai acabar. Não até que eles morram.

* * *

Sala de Reuniões, Genesis. Providence, Rhode Island - 20 de abril de 2013, à tarde

A temperatura neste salão despenca cerca de cinquenta graus no momento em que eles entram no hotel. 'Eles' são os homens com os quais eu tive 'negócio' por mais de uma década. Eu digo negócio, mas realmente não é um negócio. É mais pessoal do que qualquer coisa. Eles cravaram seu caminho em minha vida até que não havia voltar. Eu deveria ter visto isso vindo há muito tempo, mas isso é fácil de dizer, em retrospectiva. Maldade não começa a descrever o que estou lidando.

— Bom dia, senhores.

— Olá, Sebastian. É bom ver que você chegou cedo, — diz Arthur quando ele desliza a mão sobre o liso cabelo em gel. Mesmo agora, quase na casa dos quarenta, ele ainda parece estar com vinte. Sua voz ranzinza sempre me irrita e o jeito que ele aperta os olhos enquanto ele me observa conversar me enerva como nada mais.

— Eu não queria te decepcionar, — eu digo, sorrindo enquanto eu me viro para enfrentar as bebidas eu estava me preparando.

— E você nos trouxe Cognac¹, também. Que agradável surpresa, — Hubert ruge de tanto rir, coçando sua barba por fazer. — Parece que o rapaz finalmente aprendeu a apreciar o que ele tem. — seu cabelo grisalho está bagunçado e por todo o lugar que ele tira seu echarpe.

Seu comentário faz o meu estômago agitar, mas eu tento ignorar quando pego o Cognac e coloco todos os cinco copos na mesa. Os homens se desfazem de seus casacos. Um deles sempre precisa de ajuda - Lewis, o baixinho, careca. Ele tem um problema nas costas desde que ele 'torceu' durante uma sessão. Patrick é o único que nunca fala, mas silenciosamente escuta e observa tudo o que precisa ser feito. Ele prefere os livros do que o mundo real, embora ocasionalmente, quando assume as atribuições, ele gosta de passar tempo com pessoas reais. Ele é o único que me lembra de mim mesmo.

Enquanto os homens se sentam nas cadeiras com almofadados confortáveis, eu pego uma caixa de charutos e ofereço para eles.

— Oh, Sebastian, agora você está nos mimando, — Arthur repreende.

— Só estou a tentar manter todos de bom humor.

Hubert pega um charuto da caixa, e eu ofereço para acender a ponta. — Deus, eu precisava disso.

Eu sorrio pretensiosamente quando ofereço a todos um charuto, só Patrick recusa. Por um tempo, há um silêncio enquanto olhamos um para o outro. Fumaça deriva através do quarto, mas não me faz desviar os olhos dele - Arthur - quem começou isso tudo.

— Eu me diverti muito esta manhã, — diz ele.

— Hmmm... — eu assinto.

— Uma bagunça, embora, — diz Hubert, encolhendo os ombros como se não fosse grande coisa.

— Sim, o quarto está muito... inútil no estado em que está agora.

Eu não preciso de mais comentários para saber onde isso vai dar. — eu cuidarei disso.

¹ É uma bebida.

Arthur sorri, mas não é genuíno. Nunca é. — Ótimo. — ele desvia os olhos para Lewis. — Você já terminou a sua tarefa?

— Ainda não. Eu estive lutando para encontrar o caminho certo.

— Basta escolher um. Há um monte. Olhe em volta. Não é tão difícil, — Hubert zomba depois de tomar um gole de conhaque.

— Cuide da sua vida. Eu quero o perfeito, — Lewis cospe.

— Uau, não há necessidade de ficar agressivo, — diz Arthur.

— Este jogo não é divertido se eu não conseguir decidir como eu vou jogá-lo, — diz Lewis em sua velha voz rouca.

— Está certo, — Arthur concorda, olhando para Hubert.

Ele revira os olhos. — Tanto faz.

Arthur agora olha para Patrick. — Você?

Patrick encolhe os ombros e pega um livro de debaixo do seu assento e começa a lê-lo.

— Desde que todos estejam bem com isso, vamos conceder a você uma extensão.

— adorável, — diz Lewis, tomando um gole de conhaque, enquanto balança a cabeça.

— Então, vocês todos leram? — pergunto.

— Sim, menino, poderíamos precisar de alguns novos, — diz Lewis. — Eu estou pronto para mais, uma vez que eu terminar esta missão.

Arthur ri. — Olhe para isso, meu velho, tentando recuperar o atraso com a gente.

Lewis apenas lhe dá um sorriso curto. — Hmmm... é um orgulho atingir a idade que tenho. Não é um dom dado à todos os homens, especialmente aqueles que andam em uma ladeira escorregadia como a sua.

— Touché. — eu rio, mas a minha resposta brincando parece pouco apreciada. Eu limpo minha garganta e me levanto da cadeira. Eu ando para o armário e pego a pilha de livros no topo que eu trouxe comigo na minha mala. — Eu selecionei estes livros para vocês. — eu

entrego cada livro para o respectivo destinatário. — Vocês me pediram para eu escolher, então eu espero que vocês todos estejam felizes.

Hubert aperta os olhos. — Você está brincando, certo?

— Não? — eu digo, hesitante.

Ele lança o livro sobre a mesa com tanta força que o Cognac dos copos espirram nas mesas. — Lixo. Me dê um diferente.

— O que você quer? — eu pergunto, o peso de sua resposta à minha escolha caindo em cima de mim. Eu sabia que isso iria acontecer, mas eu esperava que ele não se importasse de ler algo um pouco mais suave desta vez.

— Me dê uma coisa emocionante. — para uma velho, ele com certeza tem algum espírito. — Algo com um pouco de horror.

Oh não, aqui vamos nós de novo.

Quanto tempo eles vão continuar com isso? Quanto mais longe ele pode ir?

Eu me pergunto se isso pode ficar pior.

Seus olhos seguram um brilho quando Hubert aponta para um livro específico na prateleira de cima. — Aquele.

Eu engulo quando noto o livro que ele está apontando. *Aquele*. Ele diz de forma tão descuidada como se ele tivesse esquecido o que está dentro. Ele leu a sinopse antes, quando Lewis mostrou a ele. Ele sabe que este livro contém as mais tortuosas cenas repugnantes que eu já li. E mesmo assim ele quer, sabendo muito bem quais são as consequências.

Você nunca deve se recusar a completar uma tarefa, mesmo se a tarefa foi escolhida por você.

Esse mantra esta estampado em nossa parede.

Se é isso que ele quer, é isso que ele vai conseguir.

Uma vez escolhido, não há como voltar atrás.

Isso nunca vai acabar se eu não colocar um fim a isso.

* * *

Quarto 37. Uma hora mais tarde

Incansavelmente, eu esfrego o chão para me livrar das manchas vermelhas. Não há nada mais neste mundo que eu odeio do que manchas. Especialmente as vermelhas. Elas estragam tudo.

Meus joelhos estão machucados e minhas costas parecem quebradas, mas eu continuo indo. Não há mais ninguém que possa fazer este trabalho, ninguém mais que iria levar isso a diante, e ninguém mais que seria de confiança para fazer. Eu sou o único que tem de carregar esse fardo. Eu não tenho outra escolha.

O quarto está uma bagunça. Restos estão em toda parte, e eu não tenho certeza de que partes pertencem aonde, e quem é quem. O cheiro me faz querer vomitar, mas eu prendo porque eu não estou no clima para limpar mais nojeira. Eu não vou acrescentar mais imundície a esse lugar.

Estou aqui apenas para limpar.

Escovo, limpo, lavo, enxaguo e esfrego até que meus dedos estão doloridos e minhas roupas estão completamente encharcadas de suor. Em uma poça de água misturada com detergente, vejo o meu próprio reflexo. Listras vermelhas escorrem no meu cabelo. Gotas e manchas por todo o meu nariz e bochechas.

Eu acho que eu vou ter que tomar outro banho quando eu chegar em casa.

* * *

Cobertura de Sebastian. Providence, Rhode Island - Quatro horas mais tarde

Eu coloco o meu dedo sobre o mecanismo que me identifica para abrir a porta. O som que faz é incomum, como um farfalhar de penas debaixo da porta. Anormal.

Antes de colocar um pé no meu apartamento, eu posso dizer que há algo errado.

Eu olho em volta, mas não há ninguém para ser visto. Eu farejo, mas não cheira nada de estranho, com exceção de um leve perfume de rosas vindo do corredor. Nenhum dos meus móveis foi movido e, a partir da aparência dele, tudo ainda está intocado.

Algo ainda não está certo.

Eu dou um passo a frente. Uma estalar me alerta, puxando a minha atenção em direção a meus pés. Há algo branco preso na parte inferior dos meus sapatos. Droga. Eu vou ter que limpar esses também.

Eu me agacho e olho sob o meu sapato, tirando. É um pedaço de papel higiênico amassado.

Abrindo, eu ajeito o papel até eu percebo que é uma nota. Palavras rabiscadas às pressas com algo vermelho e grosso. Batom.

Eu não vou desistir.

Isso é tudo, mas é o suficiente para eu saber de que isto veio. Senhorita Carrigan.

Eriçado, eu esmago o papel na minha mão e o jogo no lixo, enquanto eu entro na minha casa. Agora eu preciso verificar o tapete por manchas também. Eu *odeio* batom.

Por que ela não podia simplesmente ir embora como eu disse a ela? Porque esta mulher é tão persistente? Eu rujo e bato a porta com tanta força que reverbera em meus ouvidos. Ela violou a minha privacidade. Se eu vê-la novamente, eu vou ter certeza de retribuir o favor.

Capítulo três

Música de acompanhamento: 'She and Him' por Omniflux

LILITH

Providence, Rhode Island - 21 de abril de 2013, de manhã cedo

Eu dormi no motel mais próximo que eu poderia encontrar na noite passada, o Town and Country Motel. Eu paguei pelo quarto com o dinheiro que eu ganhei de Sebastian. Eu não gosto de fazer uso dele, porque eu normalmente odeio dinheiro 'emprestado' ou o que você quiser chamá-lo. No entanto, eu já fiz uma promessa a mim mesma que eu vou pagar de volta. Eu não queria o dinheiro dele, mas eu não vou recusar também. Eu me recuso a desistir.

Então aqui estou eu, em pé na frente do prédio dele, esperando ele sair. Eu tremo com uma brisa passageira. É frio no início da primavera, então eu fecho o meu casaco e enfio as mãos nos bolsos. Nem esse casaco é meu. Comprei com o dinheiro dele. Eu preciso devolver tudo. Eu nunca tenho dívidas, e não vou começar a ter agora.

Enquanto observo a porta sem tirar meus olhos, algumas pessoas passam pela árvore que eu estou por trás. Um monte de corredores estão se exercitando no parque esta manhã. Eu não levo em conta que eu sou a única observando as pessoas. Devo parecer algum tipo de perseguidora olhando para o mesmo prédio por alguns minutos, talvez horas, à espera de alguém. Não me atrevo a pensar em mim dessa maneira, mas que outra conclusão se pode tirar? Nem mesmo eu posso dizer a diferença mais.

Eu sou obcecada por ele. Eu farei qualquer coisa para estar com ele e para ele me reconhecer. Não há como voltar atrás. Eu não posso voltar para a instituição; eu seria trancada para sempre. Ele é minha única opção, a minha única segurança. Eu não vou aceitar a rejeição. Alguns veriam isso como sendo um stalker². Isso faz de mim uma pessoa má? Pode ser. Mas eu não sou a única ruim.

Ele me espancou no elevador. Isso faz dele o epítome do mal, certo? Eu não concordo com isso. Não que eu protestei ou qualquer coisa ... mau pode ser bom.

Eu não posso acreditar que eu estou dizendo a mim mesmo isso é bom. Não é, mas eu não posso ajudar, mas quero mais.

Meu coração salta quando eu vejo Sebastian caminhando para fora da porta em um terno. Deus, ele parece tão bom, tão escultural. A maneira como ele desce as escadas, arrumando a sua gravata enquanto permanece na postura perfeita, me faz suspirar.

Eu estou tão pirada por estar fazendo isso, mas eu estou determinada que ele me aceite. Quando ele vira à esquerda na calçada, eu vou a trás. As ruas estão cheias de pessoas e carros, que formam um excelente disfarce enquanto eu ando atrás dele. Às vezes, ele olha para trás, e eu imediatamente entro atrás de um guichê para evitar ser vista. Quase como uma detetive, só que eu não sou uma. Isso é inadequado em tantos níveis diferentes, mas eu não me importo em fingir ser normal mais.

Ele entra em um edifício a poucos quarteirões de distância de sua casa. Eu o sigo para dentro, sem me preocupar de ser pega por seus sentidos aguçados. Uma vez que eu estou dentro, meu objetivo evapora momentaneamente.

Enormes filas e filas de estantes revestem as paredes altíssimas. Há múltiplas camadas, cada uma com uma escadaria transparente, bem como uma escada giratória. Há até mesmo um elevador translúcido no meio, e logo abaixo está uma mesa de madeira maciça em que vários trabalhadores estão sentados, fazendo ligações e escrevendo no computador.

Fico maravilhada com a visão desta biblioteca colossal. Eu nunca vi uma tão grande. Deve haver uma quantidade infinita de livros aqui. Eu não posso imaginar um livro específico que não teria aqui.

² Stalker é o nome que dá à perseguidores.

Quando me viro para admirar a vista, noto que Sebastian desapareceu. Merda. Eu o perdi. O que eu faço agora? Esta biblioteca é enorme; eu nunca vou encontrá-lo. Por que ele está aqui, afinal? Ele trabalha aqui? Ou este é um dia de folga e ele gosta de ler livros? Devo dizer, se esse for o caso, eu o amo ainda mais.

Sorrindo, eu avanço, passando pelas fileiras de livros e para as profundezas da biblioteca. Uma senhora passa por mim e torce o nariz, mas eu a ignoro. Eu devo parecer perdida, mas eu não me importo. Enquanto ninguém me segue, está tudo bem. Tudo que eu quero é encontrar Sebastian.

Não sei por que. Ele é tudo que eu sempre penso desde aquele dia no hospital e eu imploro para ficar com ele. Ele me assusta, muito, é por isso que vou atrás dele. É diferente de mim, mas eu não posso parar.

Vagando ao longo do corredor e subindo as escadas, eu me perco neste enorme biblioteca, este santuário que contém tudo que um leitor poderia desejar. Aposto que este lugar tem alguns tesouros. Eu ando pelo edifício até que eu estou sozinha e me sinto segura. O silêncio é o que eu amo sobre este lugar. Quanto mais eu fico, melhor parece, mas eu também tenho vontade de verificar os livros que eles têm. Eu entro em um corredor. De alguma forma, eu não posso resistir em verificar uma prateleira que diz romance erótico.

Eu folheio os livros, procurando algo para ler, como eu sempre costumava fazer antes de eu acabar na instituição. Eu sempre fui uma amante de romance, especialmente quando envolvia sexo quente. Agora que eu estou aqui, eu poderia muito bem pegar a chance de ler algo novo; como a instituição só tinha livros antigos, eu havia lido cerca de quinze vezes a mesma coisa. Eu estou morrendo por algo fresco para mergulhar, e desde que eu não consigo encontrar Sebastian em qualquer lugar, esta é a próxima melhor coisa.

Correndo o meu dedo pelos livros, eu olho os títulos até que eu encontro um que desperta meu interesse. Colocando o dedo na parte superior, eu o retiro. Meus olhos pegam alguma coisa do outro lado da estante.

Um homem, sentado na borda de uma mesa com um livro nas mãos. Seus olhos estão fechados.

É Sebastian.

Eu quase largo o livro, mas consigo pegá-lo no caminho. Jesus, é ele, e eu estou tão perto. O que ele está fazendo aqui? Mesmo que eu o vi entrar aqui, eu não esperava que *ele* viesse a esta área. Este é o lugar onde todos os viciados em romances vêm.

Eu espio pela fresta, curiosa demais para resistir. É então que eu noto que ele tem a mão em suas calças.

Meus olhos se arregalaram com a visão. Puta merda.

Chocada, eu olho para ele quando ele inclina a cabeça para trás e solta um suspiro suave. Luxúria corre através do meu corpo, e meus mamilos ficam duros imediatamente. É como se vê-lo se tocar fosse a coisa mais excitante que eu já vi.

Mas eu estou horrorizada.

Nojo.

Isso é ultrajante.

E é quente. Tão quente, que eu mal posso ficar em pé.

Eu engulo quando ele lambe os lábios, o mordendo depois. Deus, o que eu não daria para fazer isso com ele. Eu estou encantada por seus sons, gemidos e o movimento de seus dedos. A maneira como ele empurra sua mão para cima e para baixo. Como suas calças estão avolumadas, e como seus olhos lutam para permanecerem abertos. Eu só posso imaginar o que está acontecendo em sua cabeça. Eu gostaria de poder ver lá dentro, esperando que ele está pensando em mim.

Inclinando-se tão perto como eu posso sem esbarrar contra a estante de livros, eu espreito através do pequeno espaço para ver tanto quanto possível. Com um gemido tenso, ele puxa o zíper de suas calças para baixo e tira seu pau. Puta merda, ele é enorme. Apenas o pensamento me deixa excitada e incomodada. É como no hospital, quando ele fez amor comigo. Pensando nisso traz um calor para minhas bochechas. Estou tentada a deixá-lo saber que eu estou aqui, olhando para ele, mas isso iria estragar a surpresa.

Ele pode parar. Eu não quero que ele pare.

Eu perdi a cabeça.

Eu suspiro mais suave quanto eu posso quando ele começa a esfregar seu pau. Minha calcinha já estão molhada, mesmo ele não tendo me tocado e nem sequer sabe que estou aqui. Mas a maneira

como ele passa a mão para cima e para baixo seu eixo, tão delicado, tão no controle, cria arrepios por todo o meu corpo.

Eu não posso parar de assistir, não posso parar de olhar para este homem magnífico que está dando prazer a si mesmo na frente de todos. Ele está em perigo de ser visto, mas ele não se importa. Em vez disso, ele olha para as páginas do livro em sua mão e geme, se empurrando mais e mais rápido.

Sem pensar nisso, minha mão flutua em minha calcinha. Eu começo a me tocar com a visão diante de mim. Eu me sinto tão má em fazer isso, mas, ao mesmo tempo, é emocionante. Libertador, quase.

Dois estranhos dando prazer a si mesmos em um lugar público. Não pode ficar mais erótico do que isso.

Isso parece um sonho. Como se eu estivesse dormindo e o mundo deixou de existir.

Sebastian vira a página do livro e continua a se masturbar quando gotas de suor caem de sua testa. Meus dedos trabalham no meu clitóris o mais discreto possível, sempre observando se pessoas passam. Eu não posso tolerar o pensamento de alguém nos encontrando aqui, mas, ao mesmo tempo, não há nada mais sexy do que o que estamos fazendo agora. Minha buceta está molhada de excitação, querendo seu pau. A forma como os músculos de seus braços flexionam enquanto ele se agarra parece tão apetitoso, eu quase gozo.

Os cabelos loiros de Sebastian caem para trás por cima do ombro enquanto ele engasga, um suave gemido escapa de sua boca, enquanto ele se empurra até ao limite. O livro cai de sua mão quando ele fecha os olhos uma última vez antes de gemer alto. A biblioteca inteira provavelmente poderia ouvi-lo, mas neste momento, nenhum de nós se importa. Tudo o que posso pensar é no gozo que esguicha de seu pau em rajadas rápidas. Cai sobre seu estômago, mas Sebastian continua. Sua destreza sexual parece como um vasto oceano sem fim em que eu ficaria feliz de me afogar.

Quando ele finalmente está saciado, ele solta seu pau, que está diminuindo lentamente. Ele se limpa com um lenço de papel, mas eu ainda estou maravilhada com ele e quão sexy ele é. Estou prestes a explodir. Sacudindo o meu clitóris, eu solto suspiros curtos de excitação, sentindo a pressão se construindo. E então, logo antes de eu gozar em uma biblioteca pública, seus olhos caem sobre mim.

Olhos azuis radiantes travam nos meus.

Enquanto minha buceta está pulsando.

Estou gozando e ele está me observando. Ele está me observando o observar gozar, enquanto eu gozo.

Oh, Deus.

Seu sorriso pecaminoso diz tudo. Eu não posso parar a vermelhidão de aparecer em todos os lugares na minha pele enquanto eu tropeço de volta contra a estante de livros, quase tropeçando em uma pilha de livros no chão. Tirando minha mão da minha calcinha, eu rapidamente vou para um corredor diferente. Eu me sinto tão suja, tão ridícula pelo que eu fiz. Estou ficando louca?

Ele estava transando com ele mesmo em uma biblioteca, e eu estava espiando, sendo uma pervertida. Jesus, isso foi quente.

O que eu estou pensando?

Eu balanço minha cabeça, ainda recuando quando uma mão agarra meu pulso.

— Onde você está indo? — diz Sebastian com calma, sua voz divertida. Como se essa conversa fosse a coisa mais normal do mundo.

— Longe daqui. — eu não tento parecer assustada.

— Você quer dizer longe de mim.

— Sim.

Ele não volta o meu pulso. Em vez disso, ele agarra o outro também, colocando-os nas minhas costas. — Quem disse que você poderia ir embora?

Eu franzo a testa. — Você não pode me manter aqui contra a minha vontade.

— Oh, mas eu posso. — ele se inclina para perto do meu ouvido e cheira. — Você tem um cheiro agradável, senhorita Carrigan. Como rosas.

— Fique longe de mim.

— É isso mesmo que você quer? Da última vez que eu me lembro, *você* foi a única que queria me tanto que você não poderia me deixar em paz, — ele sussurra. — Não negue.

— Não vou negar, mas você está me assustando e eu quero sair. Agora.

Ele ri perto da minha orelha, provocando arrepios na minha espinha. — Ainda não.

— Vou chamar os guardas se você não me soltar.

— Eles não vão te ajudar. Você vê, todo mundo aqui trabalha para mim.

Meus olhos se arregalam. — O quê?

— Esse lugar é meu, senhorita Carrigan.

Eu seguro a minha respiração. Merda. Se ele possui esta biblioteca inteira... isso significa que ele é capaz de manipular todos os trabalhadores. Ele poderia sair com qualquer coisa daqui, e ainda assim eu seria a única sentada sobre brasas.

Merda.

Terror me enche pela primeira vez. Eu nunca senti isso antes com Sebastian. Por que é tão diferente do hospital?

Eu me esforço para me libertar de suas garras, mas ele só aperta. Eu esquivo, mas não adianta. Sebastian me empurra contra uma parede na parte de trás, longe de qualquer saída. Estou presa.

— Eu sei o que você viu. Minha mão... acariciando meu pau... gozo estourando a partir da ponta. — sua respiração quente formiga contra o meu ouvido. — Eu também sei que você gostou.

— Vá se ferrar.

— Oh... agora você está lutando contra mim, — ele sorri; eu posso sentir seus dentes contra a minha pele. — O que mudou, Srta. Carrigan?

— Você.

De repente, ele me torce em seus braços, prendendo minhas mãos para a parede. Me encarando, ele se inclina, nossas bocas quase se tocando. — Foi emocionante para você me assistir empurrar meu pau? Isso te deu prazer?

Eu fecho meus olhos, sentindo o calor subir para meu rosto.

Ele ri. — Você acha que eu não iria perceber que você me seguiu até a biblioteca?

— Você sabia esse tempo todo e você não disse nada?

Seus olhos estão pesados agora. — Por que eu deveria? Você queria me ver, me tocar. Bem, aqui estou eu.

— Não... — eu balanço minha cabeça. — Você está torcendo tudo.

Ele sorri maliciosamente. — Isso é porque eu *sou* torcido. Você vê, eu sei que você estava gostado de me olhar... Eu podia ver isso em seus olhos. Isso me excitou. Sim, eu olhei para eles enquanto eu gozava. Eles brilhavam de pura lascívia quando meu gozo explodiu. Eu aposto que você estava pensando sobre lamber tudo. Você queria fazer isso, senhorita Carrigan?

Eu afasto minha cabeça para longe de seus lábios enquanto ele se move para me beijar. Minha desaprovação o faz hesitar, esperar, e, em seguida, ele novamente volta a olhar para mim. — Isso era o que você queria, não?

— Não...

— Sim. — sem aviso, sua mão solta meu pulso e mergulha entre as minhas pernas. Eu suspiro, sem saber o que fazer com esta intrusão repentina. A ganância e carícias. O desejo que eu estou sentindo.

— Você pode sentir o quão molhada você está? O quão suja você realmente está? Você definitivamente gostou daquilo. Isso assusta você?

Estou muito chocada com minhas próprias emoções e com o que está acontecendo para me mover. Eu não posso nem responder às suas perguntas. Sua mão desliza para fora de novo, minha umidade em todo seu dedo. Ele traz para o nariz e cheira. — Seu cheiro me excita, senhorita Carrigan.

— Você é nojento, — murmuro, mas me dói dizer isso. É a minha consciência falando.

— Sêrio? É essa a sua opinião agora? E lá estava eu achando que você queria que eu fosse um cavaleiro de armadura brilhante. Acho que a fantasia está quebrada agora. — ele traz o dedo à boca e lambe a ponta, mergulhando a língua para fora completamente. Meus olhos seguem sua língua enquanto ele lambe em torno de seu dedo, meu lábio trêmulo a partir do pensamento do que ele poderia fazer com ele. O que ele poderia fazer comigo.

— Eu poderia realizar uma fantasia diferente, no entanto. Hmmm... Eu poderia comer você, aqui e agora, se eu quisesse.

— Isto é, se você tiver a minha permissão, — eu zombo.

Ele solta meu pulso, sua mão descendo pelo meu braço, pelo meu corpo, invadindo todos os poros do meu corpo com sua excitação. — Eu não peço permissão.

— Você faria uma coisa dessas? Me levar contra a minha vontade? — eu abaixo meus braços, mas eles misteriosamente se agrupam em torno de seu pescoço ao invés de bater nele e correr.

Parece que o meu cérebro luxurioso assumiu completamente.

— Você não tem ideia do que eu sou capaz de fazer, senhorita Carrigan. Que é exatamente por que eu disse que você não me conhece, e que eu *não* sou quem você está procurando. Eu sou uma pessoa má, senhorita Carrigan. Você está procurando um anjo que não existe.

— Não acredito nisso.

Seu comportamento muda de repente. Ele aperta os olhos, se aproximando, se elevando sobre mim como um homem dominador que anseia por controle. — Você deve. Eu faço coisas ruins para as pessoas, coisas muito ruins. Eu não sou um bom homem. Eu não sou alguém que você quer, alguém que você precisa; eu sou alguém que você quer fugir. Então corra. Saia daqui.

Eu balanço minha cabeça, tremendo no lugar.

Ele dá falsas mordidas no ar. Assustada, eu recuo uma polegada, minhas mãos caindo para o meu lado.

— Vê? Você está com medo. Não negue.

Eu engulo. — Eu não.

— Mentirosa. Você sabe, eu posso dizer isso pela maneira que você está tremendo. Fique com medo. Tenha pavor de mim. Por que tudo isso, o que eu fiz, fazer você ver minha sessão de masturbação... foi um aviso. — ele paira sobre mim como alguém que preferia me ver machucada do que ter misericórdia. — A palmada não foi o suficiente para você ter medo de mim?

— Não... — eu sussurro.

— Há coisas piores que eu posso fazer do que isso. Aquilo foi apenas uma fração da dor que eu poderia te infligir. O pior é a parte em que isso bate em você bem no coração. Estou tentando te poupar dessa miséria. — ele agarra meus ombros. — Agora vá. Saia. Me. Deixe. Em. Paz.

Lágrimas brotam nos meus olhos. — Você é cruel...

Ele suspira, depois balança a cabeça quando ele me solta completamente. — Se você soubesse.

Suas palavras me abalam. Ele não me quer. Eu sou apenas um brinquedo que ele usou para sua própria diversão. Mesmo quando ele diz que não me conhece, ele ainda abusa do poder que ele tem sobre mim. O fato de que eu o quero é a minha fraqueza, e ele explora isso.

Por quê? O que é que ele quer? O que ele ganha de mim por eu fugir?

Independentemente disso, eu ando. Eu tenho que sair, tenho que sair deste lugar. Eu mal posso respirar. Minhas pernas começam a correr, e logo elas estão correndo do fantasma de um homem que eu conhecia.

Capítulo quatro

Música de acompanhamento: 'Arsonists Lullabye' por Hozier

SEBASTIAN

Quarto 54. Providence, Rhode Island - 27 de abril de 2013

Eu pego um saco plástico e um papel e começo a pegar as sobras da noite passada. Há muita comida derramada no chão e cheira a ranço. A tampa de plástico na frente da minha boca não vai segurar o fedor. Não é porque a comida ficou velha tão rapidamente; mais por causa do que ela está misturada. Infelizmente, acho que é uma confissão um tanto vergonhosa que eu estou me acostumando com o cheiro. Eu só não penso sobre isso muitas vezes. Me mantém são.

Depois que eu estou farto de arrumar a bagunça, eu esfrego o chão cuidadosamente para me certificar de que as manchas sumiram e o mau cheiro desapareceu. Eu gosto de usar minha marca especial de desinfetante; sempre parece fazer o truque. Eu acho que é por isso que eu sou sempre aquele a limpar tudo depois - eu sou o único que sabe como deixar tudo impecável novamente.

É uma das vantagens de ser tão inflexível sobre limpeza. Isso tem seus prós e contras. Especialmente considerando de onde tudo isso veio. Meu pai costumava me fazer esfregar o chão e mesas por horas. Havia sempre esse cheiro pungente pendurado na casa. Cheirava a álcool e vômito. Às vezes, acho que ele me fazia limpar apenas para encobrir a sua imundície.

Meu pai não era um homem amável. Felizmente, ele não está aqui para me atormentar mais.

Eu ainda me lembro de tudo. Cada humilhação que ele me fez passar. Ele me mostrou como me vestir adequadamente e aperfeiçoar meu andar, meu cabelo, meu sorriso. Tudo. Se não eu levaria um tapa. Tapas se transformaram em espancamentos se eu não melhorasse. E assim eu continuei melhorando, até que eu não sabia o que era não odiar a sujeira. Eu odeio isso com todos os poros do meu corpo.

Eu penso em ontem, em como eu derramei meu gozo sobre mim enquanto aquela mulher me olhava. Claro, eu limpei o corredor imediatamente após a senhorita Carrigan sair. Sem porra ou suor manchando o piso dos meus belos salões. O que posso dizer? Odeio estar sujo, mas eu não posso evitar.

Senhorita Carrigan... apenas pensar sobre ela cria uma tempestade na minha cabeça. Ela vai me arruinar. Apenas por voltar, ela vai me destruir. Eu não posso deixar que isso aconteça. Eu não posso ter relações. Não de qualquer tipo. Nem mesmo temporário, com ou sem sexo. Se alguém descobrir... não, eu não posso deixar que isso aconteça.

Droga, eu ainda não posso acreditar que ela me seguiu novamente. O que ela estava pensando? Que eu era gentil? Eu balanço minha cabeça. De jeito nenhum. Eu não deveria estar pensando em uma coisa dessas agora. Eu tenho coisas muito mais importantes para fazer, como limpar este piso.

Eu divago tão rapidamente, mas eu suponho que é normal quando você esteve limpando por horas. Eu não posso evitar deixar minha mente vagar. Qualquer coisa para tirar a minha mente do fato que eu estou tocando a coisa mais horrenda na terra.

Quando eu acabo com o piso, eu verifico a mesa. O saco preto pesado está fechado e pronto para transporte, então eu o agarro com as duas mãos e puxo ele para fora da mesa. O barulho não me perturba mais. Nem o arrastar e deslizar enquanto eu o transporto através da porta e saio pela saída de emergência. É preciso algum esforço para jogá-lo sobre as escadas de incêndio, e o som que faz uma vez que atinge o asfalto não é nada atraente.

Eu desço as escadas, abro o porta-malas do carro fúnebre que eu comprei, coloco o saco lá e fecho. Eu dirijo e dirijo, não pensando em nada. O tráfego mantém minha mente à deriva, longe da loucura. Um peso é tirado do meu ombro quando eu largo o corpo do lado de fora do necrotério. Eles assinam a papelada, e eu dou a eles o pequeno

suborno. Eles não precisam de muito. Tudo que eu peço é silêncio. Eles cadastram no sistema. Causa da morte: suicídio pulando de um prédio. Adapta-se bem a seus ferimentos. A equipe não reclama. Pelo menos eles receberam uma inteira neste momento. Não que eles *poderiam* reclamar. Se fizerem, eles morrem.

Não existe tal coisa como a escolha ou livre arbítrio. Tudo o que existe é aqueles com poder e aqueles sem. Obedecendo aqueles que comandam. Eles estão cegos pela sua própria ignorância se as pessoas pensam ter uma chance contra aqueles que os possuem. Dinheiro. A ferramenta que foi inventada para viver, para ser livre e cuidar das pessoas, é usada para a dor, angústia, dominação e regra. O dinheiro é o sangue em nossas veias que nos mantém vivos ou nos mata.

É simples assim.

Eu dirijo a mesma rota monótona de volta para minha casa como sempre faço. Eu entro, me desfaço do meu casaco, tiro o broche e o coloco sobre a mesa, desabotoo a camisa, desfaço o zip das minhas calças, desamarro meus sapatos e me livro de tudo. Deixando tudo no chão, eu entro no meu banheiro. No espelho, eu olho para o meu corpo nu e a vermelhidão que cobre minhas mãos. O uso de luvas não adianta; a mancha passou através dela.

Suspirando, eu abro a torneira e seguro minhas mãos sob a água. Eu amo a sensação de água fresca jorrando pela minha pele, só que desta vez, não é o suficiente para me livrar dessa porcaria. Agarrando uma escova, eu começo a esfregar minhas unhas uma e outra vez. Dói, mas eu não vou parar. Não até que essa sujeira suma. Não até que eu esteja inteiramente limpo novamente - sem manchas, sem nada. Apenas o vazio. Claridade.

Minha mente está tudo menos clara. Vozes enchiam a minha mente com a desordem. Risos. Gritos. Mais risos. Mais gritos. Uma mulher, chorando, seus gritos furam através da medula e osso. Eu podia ouvir tudo. Eu estava lá, testemunhando tudo. Eu nunca impedi que isso acontecesse.

Eu sou um monstro.

Eu me inclino sobre a pia, não sendo capaz de me olhar nos olhos. Eu olho para a água com sangue. Minha escuridão, meus pecados, não vão pelo ralo com ele. Isto é exatamente o que eu detesto. O fato de que, não importa o que eu faça, eu não vou ser capaz de me livrar deste mal.

No meio do caos, eu perco a cabeça. Eu não posso lidar com isso mais - machucar, a punição, e a degradação. Minha alma foi esmagada, e eu perdi tudo uma vez que eu me considere bem comigo mesmo.

Meu punho abre em torno da escova, a pressão dos cabelos começando a perfurar minha pele. Eu cerro os dentes. O sangue que derrama de minha mão é um alívio escasso. Não há nada que pode temperar essa raiva, essa fúria que ferve dentro de mim. Nada pode mudar a maneira como as coisas se tornaram.

Exceto ela. Aquela mulher que dobra as regras e se recusa a ouvir. A mulher que continua voltando, não importa o quê. Admiro sua tenacidade e sua vontade, embora eu tenha avisado. Ela me mudou, e eu não sei por que ou como, mas eu posso sentir isso. Eu arrisquei tudo por ela apenas por falar com ela. Neste momento, contra todas as probabilidades, eu penso nela. Eu penso sobre suas palavras e seu interesse eterno e adoração por um homem que ela pensa que ela quer. Por um momento, eu me imagino sendo apenas isso - um homem que uma mulher como ela poderia precisar e desejar.

Uma vez que a dor e a raiva abrandaram, eu solto a escova que cai no chão de azulejos. Eu junto as minhas duas mãos pelo meu cabelo, me inclinando sobre os cotovelos. A lâmina de barbear na pia me chama a atenção. Lâminas afiadas que poderiam cortar qualquer coisa. Há um único pensamento que passa pela minha cabeça, e isso me assusta tanto que eu não posso encarar a pia mais. Eu me afasto, longe do reflexo que me confronta com horror. Tudo o que posso pensar é colocar um fim a isso tudo. Um fim para mim.

Em vez disso, eu entro no chuveiro e lavo as impurezas.

Esse processo se repete uma e outra vez.

Luxúria. Desejo. Execução. Dor. Dano. Confusão. Morte.

Lamento.

Limpeza.

Enxágue e repita.

Há mais uma coisa me impedindo de me isentar da equação; eu parei uma vez.

Poupei alguém. Eu poderia fazer isso novamente.

Sala de Reuniões, Genesis. Providence, Rhode Island - 27 de abril de 2013, à tarde

— Estou passando por esses livros como se eles fossem bolos, — diz Hubert, peneirando a pilha de livros em cima da mesa.

— Seja cuidadoso. Você pode torcer o seu ego, — Arthur diz, rindo.

— Ah, vá se foder. Eu estou me divertindo.

— Leva muito mais para você ter um pouco de diversão nos dias de hoje, — eu noto.

Hubert se vira para mim, franzindo a testa, mas não responde. Ele pega um livro e casualmente passeia de volta para sua cadeira, se sentando como se ele fosse o rei desse lugar. — Bem, pelo menos eu estou me divertindo. O que você tem feito?

— Lendo.

Hubert ri. — Você sabe que isso não é tudo.

— Tenho certeza que ele sabe, Hubert. Não há necessidade de lembrá-lo, — Arthur interrompe. Eu sei que ele está tentando manter a paz, mas estou quase pronto para estrangular o cara bem aqui e agora. — Vamos nos concentrar em outra coisa... Patrick, como está o livro? — Arthur pergunta.

Todo mundo olha para Patrick que levanta a cabeça, submerso em sua fantasia. Ele levanta o polegar e continua a ler. Yep, quieto como sempre.

— E como está indo o seu progresso, Sebastian? — Lewis me pergunta, se misturando na conversa.

— Bem... — eu limpo a minha garganta. — Não tão bem quanto eu gostaria, mas vou chegar lá, eventualmente.

— Oh, vamos lá, corte essa merda e cuspa logo com isso, — Hubert cospe.

— Não é tão simples assim, — eu rosno.

— É sim.

— Você não tem uma fodida ideia.

— Quão difícil pode ser? Você só está sendo desleixado agora, arrastando isso. Oh, não, espere. — Hubert sorri diabolicamente. — Você está com medo. Você vai dar pra trás?

— Absolutamente não, — diz Arthur. — Chega. — ele vira a cabeça em minha direção. — Sebastian, você vai continuar com a cena.

— Eu não estou pronto para isso.

— Sim, você está. — o cotovelo de Hubert repousa em seu joelho enquanto ele apoia o queixo com os nós dos dedos, olhando para mim sem pestanejar. Eu engulo o nó na garganta enquanto eu observo Lewis recostar na cadeira, o mesmo olhar em seu rosto. Arthur aperta os olhos, inclinando a cabeça.

Um arrepio corre para cima e para baixo na minha espinha.

Intimidação. A pior forma de punição segue se eu não obedecer.

— Vou ver se eu posso fazer isso funcionar.

— Ótimo. Então podemos prosseguir como de costume, — diz Arthur.

— Que pena. Eu estava esperando que pudéssemos finalmente fazer algo emocionante, — diz Hubert. Ele dá de ombros, suspirando. — Tanto faz. Ele não merece estar aqui.

— Cala a boca, — eu digo.

— Hubert, Sebastian é tão parte deste clube como você é.

— Sim, e bem valioso, também, — acrescenta Lewis, apontando para mim como se fosse algum tipo de aprovação.

— Obrigado, eu acho, — eu digo. Eu não tenho certeza o que pensar de tudo isso. Eu nunca pedi para estar nisso. Eu meio que fui arrastado para isso.

— Eu não estou convencido até que complete este livro.

— Eu vou fazer isso, pare de se preocupar, — eu tranquilizo para aliviar o clima na sala. Estou cansado disso.

— Certo... vamos para o próximo tópico: Lewis, seu novo livro.

— Sim! Vamos convidar os nossos hóspedes. — eu quero saber quem ele quer dizer. Lewis olha para a porta. — Você pode entrar agora.

A porta se abre e um homem entra. Ele está vestindo um terno e um casaco cinza longo e escuro que quase atinge o chão. Luvas de couro escondem suas mãos, quando ele tira seus óculos escuros. Nada se compara à sua cicatriz chocante; um X cauterizado toma o lugar de seu olho. Um olho falso e metálico se encontra em seu lugar agora. Assustador.

Quem é esse homem? O que é Lewis planeja fazer com ele?

E mais importante; se ele estava aqui todo esse tempo, o quanto ele ouviu?

— Isso não é contra as regras? — pergunto.

— Santa Mãe de Deus! — Hubert grita. — Você parece que saiu direto de um filme.

O rosto do homem é rígido, imóvel, assim como sua postura. Nem uma única contração em resposta à observação de Hubert. Impressionante.

— Normalmente, eu não iria permitir visitantes de fora, mas uma exceção pode ser feita quando a pessoa em questão é cem por cento confiável, — diz Arthur.

— Como você sabe?

— Porque eu o contratei, — diz Lewis, sorrindo como um velho perverso.

— Qual é o seu nome, Scar³? — diz Hubert.

Desta vez as narinas do homem inflamam quando ele olha para Hubert. Eu vou ficar longe deste homem, seja ele quem for.

— Sr. X.

Hubert ri, quase histericamente. — Sêrio?

— Estou aqui para fazer um trabalho. Pode confirmar o meu pagamento? — Sr. X diz, ignorando Hubert.

³ Scar é cicatriz.

— Sim. Vou te escrever um cheque agora mesmo, — Arthur diz enquanto vasculha o bolso e tira o talão de cheques. Ele escreve um cheque de cem mil dólares e entrega a ele.

— Uau, olhe para você, recebendo um maço de dinheiro antes mesmo de levantar um dedo, — provoca Hubert.

— Pare de atormentar ele, — diz Lewis. — Ele tem um monte de trabalho a fazer. Ele não tem tempo para gastar como vocês.

— Oh, vá se foder, — diz Hubert. — Vá em frente, então. Vá se divertir. — ele acena para eles saírem. — Eu não estou interessado em sua tarefa de qualquer maneira.

Lewis se levanta de sua cadeira. — Estou muito animado para esperar que essa reunião acabe, então eu estou fora. Até a próxima vez, senhores. — ele faz uma pequena inclinação com a cabeça, e depois sai com este cara chamado ‘Sr. X’. Eu não preciso que ele me diga o que eles vão fazer; eu já sei.

Quando a porta se fecha, Arthur retorna a sua atenção para mim. — Agora, Sebastian, você sabe que é hora de você prosseguir.

Eu tomo uma respiração profunda, suspiro e aceno com a cabeça lentamente, olhando para o tapete. Quanto mais eu penso sobre isso, pior se torna a náusea. Meu estômago parece pesado quando eu me levanto da cadeira.

— Já terminamos? — pergunto.

— Sim. Contanto que você possa provar para mim que você vai fazer isso, — Arthur musas.

— Eu vou ter a prova dentro das próximas três semanas.

— Ótimo, — diz ele quando eu ando até a porta.

Normalmente, eu sou o último a sair, mas eu não posso ficar mais tempo. Tudo o que posso pensar é que eu tenho que fazer, e eu não vou deixar nada me distrair. Estes homens... os livros que eles amam será a sua morte. Se eu não posso vencê-los com o poder, eu vou vencê-los com inteligência.

Quando eu saio, eu pego uma caneta sobre a mesa e a guardo no bolso. Esta caneta se tornará a arma que eu vou usar para criar a obra-prima que me fará o vencedor neste grande plano. Eu vou fazer isso

acontecer, não importa o quê. Mesmo que isso signifique destruir o que restou da minha alma.

Capítulo cinco

Música de acompanhamento: 'The Dog is Black' por Unkle (dial: molotov remix)

LILITH

Town and Country Motel. Providence, Rhode Island - 27 de abril de 2013, noite

Tremendo, eu puxo o cobertor até o meu queixo. O frio penetra as paredes, portas e janelas desse quarto de motel barato. Não é como o frio lá fora, mas há muito pouco calor. Eu poderia tomar outro banho, mas eu não posso ficar lá toda a noite.

Respingos de chuva batem no telhado, fazendo barulhos misteriosos. Escuridão me rodeia, há apenas uma luz no quarto que pisca a cada dois ou três minutos. A solidão na qual eu estou é esmagadora; tanto que eu me remexo na cama a cada vez que eu ouço a porta do quarto do meu vizinho bater. Há um casal gritando em outro quando e eles continuam brigando e voltando com... sexo. Ontem à noite o barulho era tão alto que eu liguei a televisão e vi filme a noite toda. Mal conseguiu abafar os gemidos do casal.

Eu odeio isso aqui, mas eu fico me lembrando que este lugar é melhor do que estar presa na instituição. Talvez eu esteja com ciúmes do casal ao lado. Eles têm paixão, amor, emoções furiosas e sexo selvagem. Eu estou morrendo por isso. Bem, pela parte amor, principalmente. Embora eu ficaria apenas o sexo também, se eu pudesse tê-lo. Qualquer coisa, contanto que seja com Sebastian.

Fechando meus lábios, eu suspiro e tento pensar em outra coisa. Eu não posso continuar pensando sobre um homem que não me

quer. Eu tentei o meu melhor ficar longe por dias... pelo meu próprio bem, assim como o dele. Há algo sobre nós estarmos perto que torna tudo volátil - a ponto de explodir. Isso me assusta pra caramba, mas ao mesmo tempo me atrai como um ímã.

Eu me viro na minha cama, empurrando o travesseiro no lugar. Minha raiva diminui um pouco, mas quando ouço passos lá fora, eu me sento reta encima da cama. Sem mover um músculo, eu olho para a porta. Dois sapatos. Uma mão mergulha debaixo da minha porta. Uma nota escorrega.

Eu engulo quando ele ou ela vai embora novamente. Quem deixaria algo para mim?

Muito curiosa para deixar pra lá, eu tiro o cobertor de cima de mim e saio da cama. Lentamente, eu ando até a nota, com medo de que isso possa saltar em mim. Claro que não, mas minha mente racional não está pensando no momento. Eu estou em sobrecarga, o meu estado emocional à beira da destruição. Esta nota poderia me empurrar sobre o limite. Ou poderia me puxar de volta para a segurança novamente. Tudo o que tenho a fazer é ler.

Você tem coragem de vir para o lado negro?

Venha para a limusine no estacionamento.

Com os olhos arregalados, eu suspiro. Imediatamente eu agarro a maçaneta da porta e abro. Olhando fixamente lá fora, não há ninguém por perto. A chuva cai como se o céu tivesse se dividido em dois, o que torna impossível ver algo muito à frente. Eu ponho minha cabeça para fora e olho ao redor. Nada. Nem uma alma nas proximidades.

Eu fecho a porta novamente e olho para a nota. Sem dúvida, isto é de Sebastian, mas como ele descobriu onde eu estava? Devo ouvir e entrar na limusine? Seria seguro?

De alguma forma, o pensamento de desobedecê-lo faz meu estômago agitar.

Mesmo quando racionalizo tudo, eu ainda não posso chegar a uma escolha saudável. Tudo o que faço é para ele, sempre. Não importa se é a escolha certa. Não importa. Então me fazer essas perguntas é fútil; eu já estou perdida para ele.

Eu coloco um casaco e os sapatos. Quando eu olho para mim mesmo no espelho, percebo uma mudança. Eu já não sou tão fraca

como eu era vulnerável na instituição. Eu tenho um objetivo agora. Uma proposta. Então eu ando até a porta com confiança e abro.

Sim, tenho coragem, digo a mim mesma quando eu entro na chuva. Eu ando até o estacionamento até encontrar a limusine. Faço uma pausa, à espera de alguém sair. Em vez disso, a porta do passageiro na parte de trás se abre. Meu coração está batendo na minha garganta, mas eu não posso vacilar. Preciso vê-lo e descobrir por que isso está indo do jeito que está. Então eu me aproximo e entro no carro. A temperatura quem me dá boas-vindas em comparação com o frio e molhado da chuva. Encharcada, eu fecho a porta atrás de mim e ajeito as minhas roupas em uma tentativa de parecer levemente decente. É então que eu noto que não há ninguém no banco de trás comigo. Estou completamente sozinha. A única outra pessoa neste carro é o motorista, e logo que ele viu olhando para o vidro entre nós, as portas se bloqueiam.

— Ei! — eu digo quando ele liga o motor. — Quem é você? Onde você está me levando?

Ele não responde, o que me assusta. Eu estou presa e ele pode me levar a qualquer lugar que ele quer, mesmo que eu não tenho ideia de quem ele é. Espero que ele realmente trabalhe para Sebastian e que ele me leve para a biblioteca... caso contrário, eu tenho medo que eu possa acabar em uma vala em algum lugar.

Pode parecer loucura, mas não é. Agora eu sou a vítima perfeita. Imperceptível. Sem amigos à vista. Sem família. Sem dinheiro. Nada. Eu confio na bondade dos outros, o que poderia ser facilmente abusada.

Espero ter tomado a decisão certa.

O passeio para onde quer que eu estou sendo levada é longo e tedioso. Eu mexo no meu cabelo vermelho e tento penteá-lo com os dedos. O motorista ainda não fez qualquer contato comigo, muito menos qualquer som. É assustadoramente tranquilo aqui.

De repente, um jato de gás atinge meu rosto. Eu grito e tusso ao mesmo tempo, tentando cobrir minha boca. Em uma névoa, eu me viro para o lado oposto da onde o gás vem, o qual é proveniente de um tubo, no lado direito da porta. Secura enche minha boca, entra em meus pulmões e me deixa tonta. Está ficando difícil de ver. Ah, não.

Eu me atrapalho com a porta, mas o bloqueio me impede de sair. Eu começo a bater na janela entre mim e o motorista, gritando: —

Pare! Me deixe sair! — não adianta. Meus músculos estão ficando cada vez mais fracos, meu corpo ficando mole. Minha cabeça cai para trás. Meus olhos se fecham.

Tudo o que resta é o som do motor roncando e parando. A fechadura clica e as portas fechadas se abrem. Uma voz, quente e reconfortante. Outra, estridente e brusca. Eu tento abrir a boca e falar, mas nada vem a não ser um gemido insípido. Eu luto para ficar acordada.

Algo é colocado sobre a minha cabeça. Escuridão me rodeia. Envolvido em torno de meu pescoço, o material impede que o ar escape. Eu não posso respirar. *Oh Deus*, eu não posso respirar.

Uma mão cobre minha boca e outra empurra meus braços, me puxando para fora do carro. Eu quero lutar e bater em seus pés, mas meu corpo se recusa a ouvir. Eu sinto como se tivesse sido despojada de todo o controle sobre meus músculos.

Algo está amarrado em torno de meus pulsos, me impedindo de intervir. Meu batimento cardíaco está fora de controle, o medo corre furiosamente através do meu corpo quando eles me arrastam para a rua e para um edifício. Sem a energia para abrir meus olhos, eu foco nos sons tanto quanto eu posso. O que estava no gás me intoxicou a ponto de deixar impotente. Se isso é obra de Sebastian, eu não entendo nada disso, mas agora eu entendo porque ele focou nas palavras, ‘Você tem coragem?’ no papel. Isso tudo é um teste.

Percebendo isso, eu tomo uma respiração profunda e me acalmo, preparando o meu corpo para o que está por vir. Tenho certeza de que esta é a sua maneira de permanecer no controle; algo que ele sempre achou mais importante. Eu tenho que confiar nele e abandonar todo o medo a fim de prosseguir.

Eu devo. É a única maneira de fazê-lo me querer. Se eu fizer tudo o que ele diz, ele vai me manter segura. Eu sei que ele vai.

À medida que entramos no edifício e subimos algumas escadas, eu me sinto mais e mais desperta. O gás está deixando o meu sistema rapidamente agora que eu não estou exposta a isso. No momento em que chegamos ao nosso destino, a intoxicação parece ter desaparecido. Mesmo assim, eu não luto com o meu captor, que detém minhas mãos atrás das costas quando ele me posiciona. Quando suas mãos deixam meu corpo, eu espero e ouço. O ligeiro tique-taque de uma porta que está sendo fechada, o farfalhar de pés chegando mais perto, o cheiro de loção pós-barba exótica.

Um dedo acaricia meu ombro do nada. Eu tremo quando eu reconheço o perfume que entra no meu nariz. — Olá, senhorita Carrigan. — sua voz é como um cobertor quente e aveludado me cobrindo no frio. Ele suga o ar pelos dentes. Mesmo que um saco está cobrindo minha cabeça, eu ainda posso dizer que sua boca está perigosamente perto do meu ouvido. — Você é corajosa por vir aqui.

— Como você sabia onde eu estava? — eu pergunto com dificuldade, o saco constringindo meus movimentos.

— Eu te segui.

Eu bufo, meu peito apertando com a falta de oxigênio e a ideia de que alguém estava me seguindo, me olhando, rondando na escuridão, esperando para fazer uma jogada.

De repente, uma mão é colocada no meu peito. — Relaxe, senhorita Carrigan.

— Onde estou? — pergunto.

— Exatamente onde eu quero que você esteja no momento.

Ouçó Sebastian andar, o som se afastando e, em seguida, voltando novamente. Um objeto de metal frio cutuca minha pele. Isso dói. Tremendo, eu cerro os dentes e espero ele perfurar minha pele.

— Sabe o que é isso?

— Uma faca?

— Correto.

Eu recuo pelas suas palavras. Em seguida, ele desliza a faca até meus braços e ao longo da minha clavícula. Queima e eu não tenho certeza se ele está me cortando e eu estou sangrando, ou se está tudo na minha cabeça.

Ele cantarola. — É um objeto poderoso, você não acha?

— Sim.

— Hmm... Você sabe que você está a minha mercê agora, certo?

— Sim, Sr. Brand.

— E isso é o que você me pediu para fazer.

Eu não respondo. Eu nem sequer sei como; como ele pode pensar que isso é o que eu quero? Ser drogada em um carro, cega por um capuz, empurrada e puxada para dentro de um edifício, mantida em segredo como uma espécie de prisioneira sequestrada?

— Eu vivo no limite, senhorita Carrigan. Eu pensei que ter dito para não cruzar essa linha.

— Você me pediu para vir.

— Não. Eu te *desafiei*.

— Eu não deveria ter vindo, então? — eu tusso. Eu mal posso falar.

— Teria me mostrado que você me ouviu quando eu te disse para correr e nunca mais voltar.

Eu suspiro, sabendo que eu fiz a coisa errada novamente.

— Mas não importa. Vou me divertir com você agora.

Eu sinto um repentino nó se formando em minha garganta. Puta merda. — Essa é sua ideia de diversão? Me drogar e me sequestrar?

— Você entrou no carro, Senhorita Carrigan. Tudo o que tinha que fazer era ir embora. Você não fez isso e isso te trouxe aqui. — ele anda ao meu redor, a faca deslizando perigosamente ao meu lado. — Eu precisava manter este lugar em segredo de você.

— Por quê?

— Você não iria vir aqui por vontade própria, é claro.

A faca passa pelos meus lábios e por um segundo eu acho que este é o fim.

— Abra sua boca.

Instintivamente, eu respondo ao seu comando, mesmo que isso poderia significar o fim para mim. Eu não sei porque eu confio nele, mas eu confio.

Aguardo a faca, mas nunca a sinto. Uma fenda é criada entre meus lábios abertos.

— Não se mova, — diz ele. Eu fico tão imóvel quanto eu posso, enquanto ele faz dois buracos perto das minhas narinas.

Quando ele recua, eu ainda estou segurando a minha respiração.

— Não posso... respirar... — eu sussurro.

— Sim, você pode.

— Não...

— O ar pode fluir agora. Respire. Pare de deixar sua mente te impedir de experimentar o que seu corpo pode fazer. — ele me silencia em ondas suaves, calmantes. Isso me relaxa bastante para soltar a minha ansiedade.

— Agora... hoje à noite você é minha para jogar. Você vai fazer o que eu disser, quando eu disser. Se eu te pedir para se curvar, chupar e engolir, você vai fazer exatamente isso. Se eu te pedir para se curvar e tomar o meu pau duro e rápido como uma boa menina, você vai fazer exatamente isso. Você entende?

Suas palavras provocam arrepios na minha espinha, a excitação se amontoando na minha barriga. — Sim, senhor Brand.

A mão de Sebastian traça meu ombro enquanto caminha em torno de minhas costas e me cheira. O som dele inalando meu perfume cria arrepios por todo o meu corpo. — Fique quieta. Não mova um músculo. — eu engulo quando a faca é colocada entre o que está amarrando os meus pulsos e ele corta. Eu esfrego meus pulsos, que estão doendo e provavelmente, vermelhos.

Eu me pergunto por que ele está fazendo tudo isso quando ele disse que não me queria. Ele está reconsiderando?

— Posso fazer uma pergunta, Sr. Brand?

— Vá em frente, — diz ele, levantando meus braços e os colocando atrás da minha cabeça. — Mantenha as suas mãos aí.

— Por que você está fazendo isso?

— Porque eu preciso de algo de você. Mas apenas uma vez.

Minha boca está seca e emoções me oprimem. Ele precisa de mim afinal de contas.

— Não tenha esperança tão cedo, senhorita Carrigan, — diz ele, rindo. — Eu não disse para quê.

— Posso saber?

— Não, mas quando eu terminar com você, você não vai querer voltar para mim novamente.

Uma escuridão que eu não posso ignorar embala suas palavras. Eu sufoco. Não... Eu me sufoco pela sua mão, de repente, agarrando minha garganta. Isso me assusta pra caramba.

— Depois desta noite, você não vai voltar para mim novamente. Você entende?

— Sim, — eu tusso. Com a mão, ele infunde medo no fundo do meu coração. Eu me pergunto se é intencional. Se ele usa isso como uma ferramenta para me assustar e ter certeza que eu nunca vou voltar.

— Bom. — quando ele me libera novamente, eu chego até a minha garganta. Ele afasta as minhas mãos. — Eu te disse que você podia tirar as mãos de sua cabeça?

— Não... desculpe, Sr. Brand.

— Me mostre como você é obediente, então. Tire.

Eu abaixo minhas mãos e tiro minhas calças de moletom. Então eu puxo a minha camisa de dormir, a jogando no chão. Ele faz um som de aprovação quando eu solto meu sutiã e o deixo cair.

— Pare.

Com minhas mãos ao meu lado, eu paro de me mover imediatamente.

Uma picada súbita em meus mamilos me faz gritar.

— Shhh... — ele solta novamente, mas eles ardem pelo seu toque. Ele dá um tapa neles. A queimadura é uma dor que eu não estou familiarizada, mas de alguma forma o meu corpo responde a ele com necessidade vergonhosa. Eu me esforço para ficar de pé. — Você gosta quando eu acaricio seus mamilos tensos, senhorita Carrigan? Você deseja ardentemente meus dedos, os puxando até que eles estão dolorosamente vermelhos?

— Sim... sim, Sr. Brand, — eu bufo, apertando minha buceta.

— Eu sei que sim. Você desfruta da dor tanto quanto eu aprecio dar isso a você. — ele se inclina mais perto da minha orelha. — Eu poderia fazer você gozar sem sequer tocar a sua buceta.

Meu lábios tremem, tomando um curto suspiro. Ele ri, provavelmente do poder óbvio que ele tem sobre mim.

Ouçó ele agachar. Uma mão repentina na minha barriga instiga meu corpo com calor quando ele puxa minha calcinha para baixo de uma só vez. Ele coloca um pequeno e úmido beijo no interior da minha coxa, me enchendo com luxúria.

— Hmmm... muito melhor sem calcinha. Eu prefiro esta visão da sua bonita buceta nua. — eu não preciso vê-lo para saber que ele está sorrindo. Eu posso dizer pelo jeito que ele diz as palavras. Tão sujo. Deus, eu adoro isso. Estou nua, completamente à sua mercê, mas eu não tenho vergonha.

Até que ele abre a boca. — É bonito demais para eu desfrutar sozinho.

— O quê?

Ele dá ao interior da minha perna uma bofetada, me fazendo gritar. — Eu disse que você poderia falar?

— Não, Sr. Brand, mas você simplesmente disse-

— Eu sei que você ouviu o que eu disse. Você tem um corpo tão magnífico. Para esta noite, vou apreciá-lo completamente. Eu e todos os outros.

Capítulo seis

Música de acompanhamento: 'The Dog is Black' por Unkle (dial: molotov remix)

LILITH

— Não... — eu sussurro, lágrimas se construindo nos meus olhos. Eu me esforço para manter minhas mãos sobre minha cabeça. Eu quero correr, correr, correr, correr!

— Fique aí. — a faca empurra contra as minhas costas, me fazendo de repente ciente do fato de que eu estou em uma posição perigosa agora. Ele tem todo o poder, uma faca que poderia me cortar ao meio, e ele pode fazer comigo o que quiser. Até mesmo deixar outros homens abusar de mim... Não.

— Por favor... — eu choramingo, ciente do fato de que Sebastian pode não ser o único a olhar para o meu corpo nu.

— Não se preocupe, senhorita Carrigan. Ninguém vai te machucar se você ouvir e fazer o que lhe for perguntado.

— Eu não quero ninguém além de você, Sr. Brand, — eu digo, terror fazendo meu corpo tremer.

— Bom... você deveria estar fazendo *tudo* para mim.

— Eu pensei que isto fosse só eu e você, — eu digo.

— Eu disse que estávamos sozinhos?

— Eu assumi que sim.

— Você nunca deve assumir, senhorita Carrigan.

Ele se afasta e o silêncio ensurdecedor que ele deixou para trás é dominador. Me consumindo. Me destruindo.

— Fique de joelhos.

Sua voz ecoa nesta sala, vindo da esquerda, ou direita... Eu não posso dizer. Ele está mais longe do que eu pensava, e isso me assusta pra caramba porque significa que esta sala é *grande*. Onde estou? O que tem aqui? Há realmente pessoas aqui, me assistindo? Será que ele vai realmente fazer isso comigo?

— Você não me ouviu, senhorita? Fique. De. Joelhos.

Engolindo o nó na garganta, eu vou para os meus joelhos e me sento na parte de trás de meus calcanhares.

— Abaixa. Sua cabeça deve estar tocando o chão, Srta. Carrigan.

Lágrimas picam meus olhos, mas eu as afasto quando me ajesto e abaixo a cabeça. Minha bunda está apontando para o teto. Nua. Pelada. Pra quem sabe Deus ver.

Eu me sinto violada.

Como se tivesse acabado de ser espetada com esse faca que ele me a.

Quem é este homem? O que ele se tornou? Este é quem ele realmente tem sido o tempo todo, ou isso é apenas mais um teste?

— Mãos sob seu corpo. Abra suas pernas.

Eu tenho que pensar sobre isso por um segundo, mas quando percebo o que ele quer que eu faça, eu tremo. Minhas mãos chegam entre as minhas pernas. Eu sei que quem está assistindo pode ver minha buceta aberta apontada diretamente para eles.

— Toque-se. Fique molhada. — a voz de Sebastian ferve com amargura. Eu me sinto vazia, desprovida de emoção quando eu deslizo os dedos para cima e para baixo em minha buceta. Eu tento não pensar em nada, porque tenho medo de que isso vá me empurrar sobre o limite. Eu não posso correr. Eu não posso esconder. A faca na mão dele detém todo o poder. Neste momento no tempo, eu nem tenho certeza se ele iria me poupar.

Que reviravolta - eu acreditei uma vez que podia confiar nele e que ele era o meu salvador.

Agora, eu não tenho mais tanta certeza.

Eu trabalho na minha buceta e meu clitóris, circulando e deslizando até que eu o senti latejar na minha mão. Eu não quero isso, mas meu corpo reage ao meu toque. Eu ouço o som da madeira raspando o chão. Meus sentidos ficam em alerta máximo. Algo está posicionado perto de minha bunda, mas eu continuo indo, não querendo irritá-lo. Eu sei que, para sobreviver, devo fazer o que me mandam, mesmo que seja contra a minha vontade.

— Que bela bunda redonda, — diz Sebastian. Ele está sentado bem atrás de mim, eu posso ouvi-lo. — É um espetáculo para admirar. Especialmente quando você está ficando molhada para mim.

Eu não respondo, batendo meus dedos ao longo do meu clitóris, tentando não ficar excitada. É tarde demais.

Ele ri. — Está se divertindo, senhorita Carrigan?

— Não.

— Você deveria estar. Eu estou. Eu gosto de assistir seus dedos sendo revestidos com sua umidade. Quero saber quão mais úmida você pode ficar. Quanta limitação você acha que eu tenho, senhorita Carrigan? Assistir você assim me deixa duro... tão duro que eu poderia te foder até que você gritasse meu nome enquanto eu te encho com minha porra.

Eu engulo a quentura que enche a minha garganta, a súbita vontade de me soltar. Quando eu não digo nada, um pulo, um tapa quente contra a minha bunda me faz gritar. Em pânico, eu me levanto, mas um pé nas minhas costas me empurra de volta para baixo. — Fique abaixada. Eu não disse que você poderia se levantar.

— Por favor, não faça isso, — eu digo.

— Mas isso é o que você queria, não era? Minha necessidade para você? Minha fome? — ele bufa. — Bem, você tem agora, senhorita. Eu tenho fome de ver sua buceta gotejando enquanto você se fode com os dedos. Eu quero ver sua bunda vermelha quando você desmoronar diante de mim, apertando sua própria buceta com lascívia, implorando por um pau. Oh, sim, eu vou ter o que eu preciso.

Eu chupo uma respiração curta, reunindo coragem. — O que você precisa, Sr. Brand? É a minha dignidade? Minha humanidade? Você gosta de me ver humilhada?

Ele ri. — Eu gosto de ver seu medo, senhorita. Eu já não te disse isso? O medo é o que vai te empurrar para longe de mim, que é exatamente o que eu disse que queria desde o início. Agora... eu exijo ver você gozar como você me viu na biblioteca, Srta. Você deve isso para mim.

— Você fez isso para si mesmo. Eu estava apenas lá. Não foi minha culpa que você fez isso em público. Eu não te devo nada.

— Tecnicamente, você deve. Lembra do dinheiro?

— Vá se foder! — eu cuspo em um acesso de raiva. Eu não costumo xingar, mas ele merece. — Você *deu* isso para mim.

Whack. Outro tapa doloroso na minha bunda. Eu assobio pela dor. Não dói tanto quanto isso está me excitando. Eu odeio isso.

— Comporte-se, senhorita Carrigan... Eu vou te dar muito mais, se você fizer como é dito.

— Depois que eu deixar você me bater, você quer dizer.

— Esta é uma ferramenta disciplinadora, senhorita Carrigan. Eu a uso para lhe ensinar uma lição.

— E qual é?

— Se você me desobedecer, há consequências. Você achou que eu iria pegar leve com você? Pense de novo. Eu não estou aqui para ser seu brinquedo, senhorita Carrigan. Eu não vou ser o que você pede de mim. Eu vou te mostrar o que eu tomo e dou em troca. Você estará me implorando para parar, e então você vai perceber o quão fútil a sua pesquisa tem sido. *Isso é o que* você deve aprender.

— Não...

— Sim!

O que quer que ele esteja usando para me chicotear bate na minha bunda novamente. Dói, tanto... e ainda assim eu não posso fazer nada sobre isso. Me sinto impotente. E com medo. E tão malditamente excitada... Eu não sei o que fazer com tudo isso.

— Desde que você estava tão interessada em me ver gozar, eu percebi que eu iria fazer o mesmo por você. Você vai gozar quando eu disser. E talvez... se você me pedir... Eu vou te dar o meu gozo, também.

— Você é cruel, — murmuro, lutando contra as lágrimas.

— Seja feliz que é tudo que você está vendo.

Eu não sei o que fazer com esse comentário. Eu não poderia ver como poderia ficar pior do que isso.

— Agora se foda. Cole os dedos em sua buceta e a deixe molhada. Me deixe duro, Senhorita Carrigan.

Fechando os olhos, eu faço o que ele diz. Eu acaricio minha protuberância e minha buceta, tentando me concentrar sobre o sentimento em vez da possibilidade de que existem homens me assistindo. Eu não sei quantos há... se quer há... mas não é algo que eu quero pensar agora. Eu me sinto humilhada e traída, e eu sei que isso é exatamente o que ele quer que eu sinta. Esta é a sua maneira de me afastar. Ele está me desafiando, tentando me forçar a odiá-lo. Me recuso a dar a ele esse prazer.

Então eu continuo a me acariciar. Então que eu ouço um zíper abrir.

— Você ouviu isso, senhorita? É o som do meu pau estando satisfeito com a visão de você. É um show muito bom você está fazendo aqui.

Eu suspiro enquanto eu continuo. Esta posição é difícil de manter, com a cabeça no chão e minhas mãos entre as minhas pernas. Não tem como respirar corretamente, especialmente através desta máscara. O ar é precioso e eu sinto que estou parcialmente sem quando eu chego mais perto e mais perto da beira do êxtase. É estranho, saber que pode haver um monte de homens velhos sujos me observando agora, acariciando seus paus enquanto eu me dou prazer. Eu me sinto suja. Tão suja. Tão... bizarro. Eu nunca me senti assim antes.

Um objeto pontiagudo me pica na bunda, me deixando saber das lesões que ele poderia infligir. Eu estou vulnerável. Estou sendo usada. Eu concordei em vir aqui. Isto é o que *ele* quer, mas isso é realmente o que eu quero?

Ele puxa uma curta respiração. — Eu adoro ver uma lâmina acariciar o corpo de uma mulher. É uma visão tão requintada, saber que isso poderia ferir e dar prazer ao mesmo tempo. Esta faca me lembra que o poder que tenho sobre você poderia facilmente significar o seu fim. Você acha que eu faria isso?

— Não, senhor Brand, — eu digo.

Algo força o seu caminho em minha buceta. Eu grito. A dor está em todos os lugares. Em mim. Na minha cabeça. No início, eu acho que é a lâmina. Em seguida, ele começa a se mover, e eu percebo que é realmente seu dedo.

Ele intencionalmente me fez pensar que ele enfiou a lâmina em mim. Que brutal.

— Meu dedo te surpreendeu?

— Sim...

— Eu gosto de jogar jogos com sua mente.

— Eu sei que sim, — eu zombo.

— Você honestamente acha que eu iria te esfaquear com uma faca? Na sua buceta?

— Eu não sei mais o que pensar...

— Deixe essa buceta lisa e você não terá que pensar. Isso não é o seu trabalho. Seu trabalho é confiar em mim. Incondicionalmente. Ouvir e obedecer.

— Sim.

— Não, você não ouviu, — ele diz. — Caso contrário, você teria ficado longe quando eu te disse isso.

— Desculpe, senhor Brand.

Ele fica quieto por um tempo, empurrando seu dedo dentro e fora da minha buceta. Eu posso ouvi-lo tocar levemente seu próprio pau; o som que faz é fascinante.

— Hmm... Eu sinto sua umidade. Você responde tão bem à dominação. É uma pena que eu não possa apreciar isso por mais tempo do que hoje à noite. — ele tira o seu dedo da minha buceta e passa ele em minha bunda.

Eu rosno, mas ainda continuo. Eu não estou feliz com isso, que ele permite que outros homens me vejam fazer isso. Como ele poderia me compartilhar, como se eu não significasse nada para ele.

— Sim, senhorita Carrigan. Fique com raiva de mim. Me deteste. Confie em mim quando eu digo que é melhor do que querer estar comigo. Afinal de contas... quem gostaria de estar com um homem tão descuidado com o que é dele?

— Você não me possui, não se iluda.

Ele me bate novamente com o objeto. — Eu possuo cada polegada de seu corpo agora. Eu posso fazer com ele o que eu quiser. — ele geme. — Agora, continue dando prazer a sua buceta. Eu quero ver você se contorcer. Se não...

— Senão o quê, senhor Brand?

— Esta faca. Lembre-se dela, — ele rosna. — Continue ou eu vou fazer isso por você, e você não vai gostar nem um pouco.

Relutantemente, eu faço o que ele diz. Eu bloqueio tudo. Eu não escuto nada, exceto as batidas do meu próprio coração e do barulho que soa de sua mão enquanto ele empurra seu pau. Ele assobia e geme enquanto eu me provoco, ignorando tudo o que não é eu e ele. Eu me concentro exclusivamente nisso - prazer. Nada mais. Nada menos. Qualquer outra coisa além disso iria me matar agora.

Eu fico cada vez mais rápido até que não há como parar. Isto é o que ele quer, o que ele exige. Não há sim ou não, certo ou errado, há apenas um borrão. Penso no jeito que ele me tocou quando eu ainda estava na instituição, quando ele foi amoroso e gentil, mas ainda controlador. Quando ele me deu tudo que eu queria. Talvez fosse uma fantasia, mas com certeza é real agora. Com isto em mente, meu corpo corre em direção a um orgasmo apressado. Sebastian geme, enviando choques pelo meu corpo enquanto eu sinto a explosão se acumulando dentro de mim. Eu não posso parar mais. Está vindo.

— Sim, senhorita Carrigan, goze para mim, — ele geme. — Goze. Agora.

Eu não posso controlar isso. Meu corpo dói quando eu gozo, batendo o meu clitóris com necessidade sob o meu dedo. Um gemido alto escapa a minha boca, e com ele vem um gemido de sua boca também. Eu convulsiono debaixo de mim, sentindo a umidade gotejar pelas minhas pernas. E então algo mais pinga na minha bunda.

Seu rugido feroz é tudo que eu preciso para saber o que está acontecendo. Gotas quentes de gozo caem sobre minhas costas e bunda, deslizando para minha fenda e escorrendo para o chão. Eu tremo sob o fluxo interminável. Eu me sinto usada. Quebrada. Não importa que ele não me fodeu, que ele mal me tocou, eu fiz todo o trabalho; eu me sinto violada além da compreensão.

E eu apreciei cada segundo disso.

Eu nunca gozei tão duro. Tão... sujo.

E eu odeio isso também.

Eu me odeio por gostar.

Isso torceu tudo dentro de mim que me fazia *eu*. Eu queria sentir, ser tocada e desejada, para que eu pudesse esquecer e continuar a viver essa fantasia. Mas era tudo uma mentira. Ele tomou o que era mais precioso para mim, amor, e o transformou em algo que eu deveria detestar. Ódio.

— Oh... Senhorita Carrigan... você me desfez.

Eu coloco minhas mãos no chão. Meu corpo está dormente e minha mente está cansada. Estes minúsculos furos no saco não fornecem ar suficiente para eu respirar agora. Eu estou lutando para permanecer consciente. Se houver um grupo de homens me olhando agora, eu espero que eles saibam quão frágil eles me deixaram. Se eu estava quebrada antes, eu estou quebrada agora.

Após alguns segundos, a cadeira é arrastada e seus passos se aproximam. Eu sinto a faca traçar a minha pele, ao longo das minhas costas, e empurra para a carne perto do meu pescoço.

— Você tem medo de mim agora, senhorita Carrigan?

— Sim, — eu digo sob a minha respiração.

— Ótimo.

De repente, a faca é passada por baixo do saco e rasga os fios que mantinham juntos. O saco é puxado para cima da minha cabeça. Ofegante, eu olho para cima. Sebastian paira acima de mim, seus olhos impiedosos e desconfortantes quando ele se aproxima. Fechando suas calças, ele cai de joelhos e, em seguida, levanta meu queixo.

— Você fez bem. Pena que esse é o nosso último adeus. — há uma pitada de diversão em sua voz. — Agora levante-se. Nós terminamos. Você pode sair dessa porta, mas você vai ser encapuzada novamente e meu motorista irá te levar. Ele vai te levar de volta para o motel e depois tirar o capuz. O que você faz depois é da sua própria conta. — ele destaca novamente e vai embora.

— Aonde você está indo? Não me deixe! — eu grito quando eu fico de joelhos.

— Eu não, — ele ri. — E se eu estivesse indo embora, você não iria estar feliz? Você não vai ter mais nada a temer então.

— E os homens! Você disse que não estávamos sozinhos.

Ele sorri de longe quando ele olha para mim de cima de seu ombro. — Eu nunca disse que havia alguém.

Eu franzo a testa, os olhos arregalados. Confusa, eu olho em volta. Estou em uma sala com livros – uma grande quantidade de livros. É como uma biblioteca. Só que é apenas um quarto, imitando uma. Como um filme.

Uma cadeira está atrás de mim. Apenas uma.

Não há ninguém a ser visto. Não tem ninguém, exceto ele e eu.

Meu queixo cai. — Como você...

— Eu só disse que eu e os outros gostaríamos de você. Eu nunca especifiquei como.

Eu olho para ele, meus olhos vidrados de lágrimas de traição. Ele se afasta para virar um interruptor na câmera que ele está ao lado dele, terminando a gravação.

— Eu tenho o que eu preciso agora.

— O quê? — eu grito. — Você me fez acreditar que havia mais pessoas neste quarto apenas para que você pudesse me assustar? E você gravou tudo?

— Só para que você possa aprender a ficar longe de mim, — diz ele, levantando as sobrancelhas. — Eu espero que você tenha aprendido a lição.

— Vá se foder! — eu grito, quando ele tira a câmera no tripé.

— Sua língua me surpreende... hmm... ou não, considerando as circunstâncias.

Me levanto. — Como você se atreve!

— Não, eu atrevi *você*, lembra? Você tomou a aposta. Agora você vê que não há verdade na sua fantasia ou pensamentos. Eu ganhei. Fim da história.

— Você me usou... — eu assobio enquanto eu reúno minhas roupas. — Eu não vou deixar você se safar dessa. E aquela fita, o que você pretende fazer com ela?

— É para a minha coleção particular, que, como eu disse, eu poderia compartilhar com algumas pessoas de confiança.

— Uma fita de sexo? Você está brincando comigo? — eu grito.

— Oh, senhorita Carrigan, não existe tal coisa. Se você fizesse ideia.

Corro para colocar minhas roupas para que eu possa agarrar essa coisa dele.

— Não se incomode, senhorita, esta não é a única cópia.

— O quê? — eu congelo em meu lugar.

— A segunda cópia já foi enviada para o meu servidor privado. Você nunca será capaz de me parar, mesmo se você fosse capaz de por suas mãos nesta coisa aqui. — ele passa rapidamente a câmera na mão, me provocando. — Embora eu duvide disso, vendo como você está perturbada pelo nosso... exercício sexual mútuo.

Em um acesso de raiva, eu jogo um sapato nele. Mas ele bate na parede, em vez de sua cabeça porque ele se esquivou. — Bom lance! — ele ri. — Não bom o suficiente, no entanto. Agora, se você me dá licença, eu tenho que ir. Espero que nunca vou te ver novamente, uma vez que seria melhor para nós dois. Adeus, senhorita Carrigan.

Antes de eu ter a chance de dizer qualquer coisa, ele já fechou a porta atrás de si.

No entanto, essa não será a última vez que ele me vai me ver. Ele me arruinou. Ele me fez acreditar que eu estava sendo observada, enquanto que ao invés disso ele estava me gravando. Ele é doente, e eu deveria percebido. Este não é Sebastian que eu me apaixonei. Este homem... este homem é um monstro.

Eu terei essa fita de volta, mesmo que isso signifique abrir mão de tudo o que tenho. Mesmo que isso signifique abrir mão da minha sanidade completamente.

Capítulo sete

Música de acompanhamento: 'The Road' por Hurts (Exile 2013)

SEBASTIAN

Área de Gestão de Rio Grande. Greenwich, Rhode Island - 30 de abril de 2013

Eu caminho até a colina através das espessas camadas de folhas. As árvores estão cobertas de musgo, mas eu detecto claramente o lado inferior da árvore onde ela foi mastigada. Ótimo. Isso significa que eu estou indo na direção certa.

Enquanto eu caminho mais alto da encosta, minhas botas afundam nas pilhas e pilhas de compostagem. O sol brilha em meu rosto, me fazendo suar. Eu não gosto da sujeira, então eu rapidamente tiro um pano e limpo meu rosto. Aproveito e limpo minha espingarda também. Eu a uso para afastar os arbustos e procurar pegadas, por isso está coberta de terra. Quando eu termino, eu caminho até o topo da colina e olho ao redor. A partir daqui, eu posso ver tudo, incluindo os cervos de longe. Perfeito.

Eu faço o meu caminho, descendo a colina novamente e me posiciono na visão clara. Tudo o que eles têm de fazer é andar em minha visão e eu vou atirar. Deixando escapar um suspiro longo e arrastado, eu espero. Eu desfruto da calma da floresta, o farfalhar das folhas nas árvores, e os sons que os animais fazem. É uma espécie de calma no meio de todo o caos que se passa em minha vida.

BANG!

Ela terminou em um piscar de olhos.

No momento em que fiz a escolha de atirar no meu alvo... Eu me matei.

Não era a arma que me assassinou, mas o fato de que eu deixei minha curiosidade me controlar. Que por um segundo, um vislumbre de um momento no tempo, eu tomei a decisão de ir contra o que me foi ensinado.

O dia que eu disse sim para os homens no clube.

Minha única chance de me tornar uma pessoa melhor tinha acabado por ser um pesadelo.

Mas não foi só nesse dia que me arruinou. Não, minhas escolhas sempre foram resultado dos eventos anteriores. Más escolhas levam a mais más escolhas. A história se repete, como se costuma dizer. Como a caça, por exemplo. Eu sempre soube como é segurar uma arma, que só é estranho se você pensar sobre isso. Um menino jovem segurando uma arma, a diferença entre a vida e a morte. Quem, em uma idade tão jovem, saberia o que poderia acontecer? Aquele movimento poderia mudar tudo?

Esta arma é a mesma que eu segurei muitos, muitos anos atrás, e eu ainda aprecio até hoje. É estranho dizer que eu aprendi a amar este item, que tem o poder de matar. Eu sei em primeira mão o que é gostar de ser o único a decidir sobre a vida ou a morte.

BANG!

Me lembro da primeira vez que ouvi esse som. Foi há muito tempo, quando meu pai finalmente me levou a caça. Ele queria me ensinar a usar uma arma, ou em suas palavras 'ser homem'. A primeira vez que puxei o gatilho, eu estava com tanto medo que eu fui lançado de volta para o chão, e a bala acabou indo em uma árvore. É claro que meu pai me repreendeu, me disse que eu não valia nada. Eu não podia limpar, eu não poderia cozinhar, e eu não poderia trabalhar com as minhas mãos como um homem de verdade. Tudo o que eu queria fazer era ler livros e escrever, mas não era isso que meu pai queria. Os livros não poderiam alimentar bocas. Os livros não poderiam comprar qualquer álcool. Então, ele me levou a caça, pensando que ele poderia me ensinar os caminhos da morte. Mas se eu não conseguia nem segurar uma arma, qual era o ponto?

Até hoje, eu ainda não sei. Ninguém prepara você para a pergunta... Por que eu importo? Não há uma resposta, mas o dia que você descobrir é o dia que você se tornou um adulto.

Eu me tornei um adulto muito rapidamente.

Leva apenas um piscar de olhos e eu estou de volta nesse exato momento, quando tudo desabou em cima de mim. É tarde demais para mudar a maneira como as coisas estão agora. Eu só tenho que viver com isso e dar um jeito de sair dessa.

Quando eu disparei minha arma para o veado, o som das folhas atrás dele tirou minha atenção. Os cervos se dispersam quando ouvem o som. Merda. O que quer que foi, os distraiu. Cristo, eu quase tive meu prêmio - uma das poucas coisas que eu gosto na vida - e alguém tinha que foder novamente.

Quando eu olho para cima, vejo o cabelo vermelho brilhante flutuando através do ar, desaparecendo atrás de uma árvore grossa. Tudo o que eu vi foi um olho, me observando, arregalando quando ela me viu olhando. Meu nariz começa a se contorcer. Não há qualquer dúvida; é ela. A presença de conto de fadas que ela tem é irritante... em uma maneira emocionante.

Abaixando a minha arma, eu corro através da floresta para encontrá-la. Como uma besta, eu sinto a raiva correr pelas minhas veias, espirrando através do meu nariz enquanto eu ando para a árvore que ela está por trás. Seu corpo se agarra a ela, tremendo, enquanto ela agarra o tronco com sua vida.

— Porra, não, — eu digo, e então eu agarro a mão dela e a solto da árvore.

— Ei! — ela grita. — Tire as mãos de mim! — eu a arrasto para longe da árvore. Ela se esforça, mas eu continuo. Minha mão está envolvida firmemente em torno de seu pulso enquanto eu a levo através da floresta, com cuidado para não bater qualquer ramos ou pedras, então eu não a perco. Ela não pode escapar. Agora não.

— Me solta!

— Não vai acontecer, — eu digo.

— Você *não* tem direito. Eu vou chamar a polícia. — ela empurra com tanta força que quase torce seu próprio braço, então eu me viro e paro, a olhando bem no rosto. Estou fervendo. Que diabos ela está fazendo aqui? Eu não disse a ela para fugir - várias vezes? Ela é fodidamente louca.

— Sério? Como? — eu remexo em seus bolsos, enquanto ela tenta me golpear. — Você não tem nada além de ameaças vazias.

— Bem, eu não vou deixar você ir embora com o que você está fazendo.

— O que eu estou fazendo? Te arrastando para fora da floresta? Sim, eu estou, porque se você não percebeu, eu estava mirando com a espingarda, e você estava polegadas longe de ser o alvo. Você é louca?

— Sim, eu vi você, e não, eu não sou. Eu sei que você não iria atirar em mim.

— Não pense que você me conhece, — eu zombo. Eu tento puxá-la comigo, mas ela cava seus pés na terra.

— Não, eu não vou com você. Por que eu deveria?

— Porque você não sabe o quão perigoso pode ser aqui, — eu assobio. Estou chateado, mas também muito ansioso para deixar este lugar, agora que ela está aqui. Cristo, ela nunca deveria ter vindo aqui. — Como diabos você me seguiu aqui? — eu cuspo.

Ela bufa. — Você não é o único que sabe como seguir pessoas.

Eu agarro o braço dela apertado e a puxo para mais perto. — Você *não* devia ter vindo aqui.

— Eu vou para onde eu quero. Estou livre, lembra? — ela arqueia a sobrancelha, zombando de mim. — E eu sou livre para te assombrar por ter me causado dor.

Soltando a arma ao meu lado, eu rio, mas, em seguida, me aproximo, a desafiando de volta. — Que dor? Eu te dei o que você queria; eu.

— Essa fita. Me dê, juntamente com todas as cópias. — ela está mal-humorada. Ao contrário de como ela era antes. Isso é novo.

— E você achou que poderia ter? Que eu te entregaria, simples assim? — eu sorrio e balanço a cabeça. — Você realmente acha que eu sou tão fácil?

— Não, mas eu sei que você quer que eu vá, então eu vou fazer o oposto. Você vê, se você quer algo, você só vai conseguir se você fizer algo em troca. Agora me dê a fita. — ela levanta a mão.

Oh, essa pequena coisa deliciosa fazendo exigências, como se ela fosse grande e forte. Esta pequena fada tem alguma coragem afinal.

Eu me inclino, sorrindo, e coloco um dedo sob seu queixo, desviando. Abro a boca e espero. — Não.

A fúria que ferve dentro dela quase sai através de seus olhos. — Imbecil! — e então ela me dá um tapa. Na cara. Por um momento, há um silêncio quando eu coloco a minha mão sobre meu rosto e esfrego. Ela boceja para mim, respirando pesadamente enquanto ela ainda está de pé.

— Então é isso, — murmuro, e então eu a agarro pela cintura e a levanto sobre o meu ombro.

Ela grita. — O que você está fazendo?

Eu a ignoro, pego minha espingarda, e ando através da floresta. Preciso sair daqui, agora. Eu não dou a mínima para ela batendo nas minhas costas, gritando como ela se ela estivesse pegando fogo. Não vou arriscar minha vida por ela.

— Sebastian?

Merda. Quando ouço a sua voz, eu paro. Gotas de suor escorrem pelo meu rosto por carregar o peso, mas eu só percebo isso agora.

— Quem é? — senhorita Carrigan pergunta.

Eu tomo um enorme gole de ar. — Ninguém. — e então eu começo a andar novamente, mais e mais rápido, até que minhas pernas estão tremendo e meus pulmões mal conseguem acompanhar o meu ritmo. Eu preciso correr; eu tenho que ir para o meu carro o mais rápido possível. Eu corro em direção ao cume, e depois para baixo novamente, até chegar a estrada na parte inferior. Com ela sobre meu ombro, eu corro para o meu carro e tiro minhas chaves, desbloqueando-o antes de eu chegar lá. Quando eu a coloco no chão, ela tenta me dar uma joelhada, mas bloqueio, felizmente.

— Idiota! — ela grita. — Eu não sou o seu jogo pessoal.

— Sério? Mas isso não é exatamente o que você pediu? Ser necessária para mim? Fazer tudo para mim?

Por um momento, ela está espantada. Eu sei que pode parecer difícil de entender, mas eu não teria qualquer jeito possível de explicar isso a ela sem soar como um lunático total. Talvez eu seja, talvez não. Quem se importa, eu estou apenas tentando sobreviver.

— Você sabe que não é isso que eu quis dizer, — diz ela depois de um tempo. — Por que você me trouxe para o seu carro? Estou perfeitamente bem em ter essa conversa na floresta, contanto que você me dê a minha maldita fita.

— Não é *sua* fita.

— Você sabe muito bem o que quero dizer.

— Essa fita não é da sua conta, — eu digo quando eu abro a mala do meu carro.

— Eu não vou embora até que você dê para mim. Eu vou estar feliz de estar fora de sua vida para sempre uma vez que você me entregar essa fita, mas você não vai se livrar de mim sem isso. Não mais.

— Mais? Eu já me livreí de você alguma vez? — eu zombo, pegando um monte de cordas.

Com um olhar confuso em seu rosto, ela me observa. — Isso não é o ponto.

— É exatamente o ponto. — eu sorrio quando eu chego mais perto e jogo a corda em volta dela, a puxando para perto de mim como se fôssemos dançar um tango. — Se você não tivesse vindo para mim em primeiro lugar, nada disso teria acontecido. Você escolheu um caminho diferente. — seus olhos hipnotizantes concentraram apenas em mim, tão ocupados em me odiar, que levo uma fração de segundo para embrulhar a corda ao redor de seus braços e amarrá-lo em torno de suas costas.

— O que você está fazendo? — diz ela, balançando a cabeça. — Primeiro você quer que eu vá embora; agora você está me prendendo novamente? O que estou perdendo aqui?

— Eu quero você fora daqui, senhorita Carrigan. Agora. — eu empurro a corda até que esteja apertado o suficiente, a fazendo se contorcer. Então eu amarro em torno de suas mãos e tenho certeza que ela não pode mover seus membros superiores mais. Gosto de vê-la amarrada desse jeito; é uma das minhas coisas favoritas de fazer.

— Eu não vou fugir, se é isso que você está pensando. Eu vou te incomodar até que você me dê essa fita, e eu não vou aceitar um não como resposta.

— Ótimo. Eu não quero que você fuja. Não mais.

Quando digo isto, há uma ponta de arrependimento em seus olhos. Que pena, ela não deveria ter me seguido até aqui. Ela não tem ideia de como é perigoso por aqui - o quanto eu poderia ter problemas por isso.

Eu expiro em voz alta e amarro os nós ainda mais apertado. — Por uma questão de fato, eu estou te levando para outro lugar. Desde que você parece tão inclinada a me seguir por toda a fodida parte, eu percebi que eu poderia muito bem ser o único a decidir onde exatamente isso vá. Você não quer me deixar em paz? Bem. Eu vou te deixar em um lugar onde você não vai poder sair. Nunca.

E com essas palavras, eu coloco um pano em sua boca e amarro na parte de trás de sua cabeça. Ela grita, me batendo com os pés, mas eu a seguro apertando a corda. A corda sempre foi a minha âncora, minha maneira de controlar as coisas. Adoro amarrar nós e criar intrincados desenhos com ele. Uma pena que isso foi feito apenas para tirá-la daqui rapidamente. Eu teria gostado de fazer uma obra de arte com isso.

Abro a porta do lado do passageiro e a empurro para frente. — Entre. — e então eu fecho a porta e rastejo atrás do volante. O zumbido do motor não bloqueia seus gritos enquanto eu dirijo para longe de sua única chance de liberdade e para dentro da própria boca do diabo.

Capítulo oito

**Música de acompanhamento: 'Nice to Meet Me' por Zack Hemsey
(Instrumental)**

LILITH

Providence, Rhode Island - 30 de abril de 2013, meio-dia

Houve somente dois momentos em minha vida em que eu estive tão aterrorizada. Um deles foi quando minha melhor amiga Ashley e eu voltamos de férias e descobrimos uma cena horrível, uma que eu mal consigo lembrar. A outra foi quando meu pai morreu. Meu pai de verdade.

Ainda me lembro do brilho escorrendo de seu rosto como uma flor murcha, enquanto ele secava em um ser sem vida. Um homem que já foi tão cheio de vida, que tentava desesperadamente ver seus filhos crescerem bem, nem sequer sobreviveu para ver isso. No final, não havia mais nada do homem que eu amava, meu pai, aquele que sempre deveria estar aqui comigo. Senti terror e tristeza no momento em que vi a luz em seus olhos se extinguir. Eu chorei mais alto do que um animal abatido naquele dia, segurando sua mão na cama enquanto ele estava lá como uma marionete. Tudo correu tão rápido, eu ainda não podia compreender que ele realmente se foi.

Mesmo agora, quando estou amarrada com cordas, amordaçada e sendo levada em um carro para Deus sabe onde, penso em meu pai. Na minha cabeça, todo o medo está ligado a ele. A partir do momento em que ele morreu, tudo na minha vida virou um espiral fora de controle. Medo... qualquer medo... me deixa fraca. Isso me faz querer fazer qualquer coisa para sair dessa situação ou me matar. O desespero nos faz fazer coisas assustadoras.

Um pensamento único suprime toda a razão em minha mente; eu tenho que sair daqui. *Saia. Sair... não é seguro.*

Na tentativa de me libertar, eu enfio meus pés contra a janela e começo a bater. Não adianta; eles são muito espessos para rachar. Raiva e medo tomam conta da minha mente enquanto eu grito e rosno, tentando arrancar as cordas que prendem os meus braços.

— Fique quieta, — adverte Sebastian. — Você não quer se machucar.

Eu cuspo o pano na minha boca. — Você é a pessoa me machucando!

— Não, não sou. Estou simplesmente te levando para outro lugar.

Ignorando-o, eu continuo batendo na janela. Eu não vou desistir de lutar pela minha liberdade. Deus, eu nunca soube que era tão bom estar livre até que isso foi tirado de mim novamente. — Que tipo de pessoa leva alguém contra a sua vontade? Eu pensei que você fosse um cavalheiro, não um canalha.

— Oh, eu estou sendo muito gentil com você agora, confie em mim, — diz ele, rindo.

— Você está roubando a minha liberdade, me acorrentando como um homem das cavernas. Você é o único que é perigoso.

— Você está certo, eu sou perigoso. Eu pensei ter dito isso várias vezes, mas você continuou persistindo, continuou vindo atrás de mim. Bem, agora você me tem. Vou te levar em um lugar onde você não vai ser um perigo para si ou para mim. Te amarrei para sua própria segurança.

Eu explodi em gargalhadas, tão cruel que eu quase me assustei. — Você está louco.

— acredite ou não, este carro é um lugar muito mais seguro para se estar agora do que a floresta.

— Você só pode estar brincando comigo. Você está com medo do cervo ou algo assim? Não é de admirar que você estava tão interessado em atirar neles.

De repente, ele se lança para trás e agarra minhas pernas, as forçando para longe da janela. — Você não tem ideia do que está lá fora, senhorita Carrigan. Nenhuma fodida ideia. Você pode *morrer* lá fora.

— Pela sua espingarda, você quer dizer? Bem, eu duvido disso. Você não quer sangue em suas mãos.

Ele balança a cabeça e abafa uma risada. — Eu tenho muito sangue em minhas mãos. Estou acostumado com isso.

Engulo em seco. Jesus, parece que ele quis dizer isso. Eu realmente calculei mal achando que ele seria o mesmo homem como no hospital. Eu deveria ter pensando melhor e não ter ido atrás dele. O que eu estava pensando? Todo esse tempo, eu estava perseguindo uma fantasia que nunca existiu. Foi tudo dentro da minha cabeça. Eu me bateria se eu não estivesse amarrada.

— Acredite em mim quando eu digo que você não quer se meter comigo. *Ou* o que está lá fora.

— Tanto faz. Eu estou farta disso. Se você tivesse me dado a fita, eu teria ido agora, como você queria.

— Eu não quero mais que você vá.

— Ah, e por que isso?

Ele vira uma esquina. — Porque você é problema demais.

Eu suspiro. — Eu? Problema? Olha quem está falando... você arrumou algumas bolas.

— Hmm... — ele sorri. — Se você prometer que vai parar de tentar destruir o meu carro, eu poderia mostrá-las à você mais tarde.

— Vai achando! — eu grito, arremessando minhas pernas para ele e tentando esmagá-lo.

— É isso. — ele pisa nos freios e para o carro, saindo imediatamente. Sua súbita explosão de raiva me deixa congelada, ele bate na maçaneta e abre minha porta. Seu domínio sobre as minhas pernas é forte quando ele as agarra e me arrasta para fora do carro. Eu grito quando ele pressiona um pano na minha boca. Este não é um pano simples... quando eu respiro, meus pulmões queimam, e eu sinto a minha força desaparecendo. Infiltrando em mim como uma ferida aberta, me fazendo parar de agitar. Meus músculos relaxam e assim minha mente. Ele me joga por cima do ombro novamente. Logo, eu caio em uma escuridão infinita.

* * *

Quando eu acordo, eu já não estou debruçado sobre o ombro de Sebastian. Em vez disso, minha cabeça repousa sobre o braço de um sofá branco. Meu corpo está mole, e tudo está dolorido. O latejar em minha cabeça me faz gemer. Onde estou? Eu tento olhar ao redor, mas a minha visão está borrada. É então que eu vejo um vulto escuro na minha frente, sentado em uma cadeira.

— Relaxe, senhorita Carrigan.

— Onde estou?

— Na minha casa.

— Por quê? O que você está pensando em fazer comigo?

— Shh... tantas perguntas. Tente descansar um pouco.

Eu gemo quando ele se levanta e me deixa. Eu me sinto terrível, como se eu estivesse a ponto de vomitar. Tonta também. Jesus, o que quer que estava naquele pano com certeza era forte. É a mesma coisa que me drogou no carro no motel? Eu não tenho certeza... No entanto, o simples fato de que Sebastian tem acesso a esta substância, e sabe como usá-la, me assusta pra caramba.

Depois que a dor desaparece um pouco, eu levanto a cabeça e olho ao redor. Minhas mãos ainda estão vinculadas ao meu corpo, desta vez na minha barriga. Eu devo ter estado completamente inconsciente para ele ser capaz de fazer isso sem eu mesmo perceber. Para minha própria segurança, disse ele. Será que ele pensa que eu sou um perigo para mim? Eu me pergunto porque.

Eu olho em volta e tento me concentrar em onde eu estou. Eu tenho certeza que é uma cobertura cara. Janelas com vista para a cidade revestem as paredes, mobiliário preto e branco no meio de tudo isso. Tudo parece muito estéril.

Quando ele recua para o quarto, eu posso ver Sebastian muito mais claro agora. Em suas mãos está uma bandeja com um copo, e ele o coloca ao meu lado em uma pequena mesa de madeira com um desenho intrincado gravado nele. Apertando os olhos, eu me concentro no copo e o cheiro que enche as minhas narinas. Chá. O que eu não daria por um gole agora.

— Sedenta? — ele pergunta.

Meus olhos vão para sua camisa, notando o broche peculiar que está fixado em sua camisa. Um círculo com um triângulo em cima e a letra G nele. Perturbada, eu olho para ele, pensando que eu já vi isso antes. E então eu me lembro onde; na instituição.

— Sim, — eu digo, ainda focada no broche. Eu não posso acreditar em meus olhos. Se este não é Sebastian do hospital, então como é possível que eles têm o mesmo broche? Como eu poderia ter imaginado este item tão vividamente se é real e ao meu alcance agora? Não faz sentido.

Sebastian pega o copo e o estende perto de minha boca, balançando a cabeça para que eu levante a minha para que eu possa saborear. O líquido quente deslizando pela minha garganta é agradável e calmante. Isso ajuda a fazer a sonolência ir embora mais rápido. Não ajuda a acalmar a ansiedade que eu sinto, no entanto.

Quando ele abaixa a xícara novamente, ele diz: — Agora, vamos conversar. — ele se senta no sofá, indo até as minhas pernas quando ele as agarra. Suas mãos parecem familiar e seu toque me faz estremecer. Isso tudo é muito estranho, muito aterrorizante para pensar muito.

— Você deve ter notado que eu não sou o homem que você me imaginava ser.

— Sério? — eu zombo. Tento me sentar, o que é impossível enquanto eu estou amarrada.

— Por favor, sem jogos, senhorita Carrigan. Eu não vou tolerá-los em minha casa. — ele limpa a garganta. — Agora, eu quero te explicar que não me oponho em ter sexo quente, sujo, com qualquer uma, especialmente você. — ele levanta uma sobrancelha. — Mas nestas circunstâncias, não foi uma decisão sábia sua me perseguir.

— E por que isso?

— Porque você colocou nós dois em perigo apenas por estar perto de mim.

Eu engulo quando ele diz isso. Eu descobri o quão perigoso ele pode ser, e eu não estou ansiosa para descobrir mais. Na verdade, eu mal posso esperar para sair daqui e correr para longe dele. Se eu pudesse encontrar essa fita. Eu não queria que as pessoas vissem isso, porque alguém na instituição poderia encontrar e tudo iria voltar para

mim. Não, eu preciso permanecer invisível neste mundo para ser verdadeiramente livre.

— Por que você é tão inflexível em estar comigo? — pergunta ele.

— Eu não. E se eu estava ou não, não é mais importante.

Ele sorri, mas é um sorriso tão falso, posso dizer que ele pode ver através da mentira que eu acabei de dizer. Metade disso é verdadeiro. É importante, pelo menos... foi. Eu queria o seu amor para me corrigir, mas em vez disso, ele me quebrou ainda mais.

— Eu não acredito em você, mas tudo bem. Eu sei que você ainda está abalada com o que aconteceu no outro dia. Confie em mim quando eu digo que eu gostaria de poder ter sido diferente, mas não havia outra maneira. Você veio atrás de mim. Eu te disse para não fazer. A razão pela qual eu fiz isso foi para te manter segura, mas você se recusou a ouvir. Agora você sabe as consequências do desafio.

Eu bufo. — Você tem um jeito de falar as coisas.

— Hmmm... está tudo bem se você vê as coisas dessa forma. Para mim, te tratar como escória significa que você vai me odiar. Isso significa que você vai querer fugir e nunca olhar para trás. Isso significa que eu consegui meu objetivo. — seu dedo desliza para cima da minha perna, me fazendo cócegas, alertando todos os meus sentidos. Eu queria poder me mover, mas ele me amarrou muito bem. Eu me sinto impotente, e ainda assim eu sinto meu coração acalmar a cada minuto. Seu toque ainda tem esse efeito sobre mim, como se eu estivesse permitindo que isso acontecesse. Eu me sinto suja, nojenta, por me deixar ser acalmada por ele - o homem que traiu a minha confiança, que, na realidade, também é uma mentira. Minha confiança nele nunca existiu, apesar de tudo. O homem que eu tinha imaginado nunca existiu.

Ainda assim, dói ouvi-lo dizer todas essas coisas.

— E por que você quer tanto que eu vá, hein? — pergunto.

Ele apenas sorri e olha para as minhas pernas, acariciando-as como se eu fosse sua propriedade pessoal. — Não importa mais. Uma vez que isso não está funcionando de acordo com o meu plano, eu acho que vou te manter aqui em meu lugar.

— Por quê? O que você quer dizer? — pânico levanta em minha voz.

— Se eu não posso te manter longe de mim, te manter escondida perto de mim é a próxima melhor opção.

— Então você vai me fazer sua prisioneira?

Seus dedos param logo abaixo minhas coxas. — Se você considerar minha casa uma prisão, então sim.

Ah não. Ah não...

Nunca pensei que ele realmente diria que sim.

Deus, eu costumava sonhar em estar em sua casa, vivendo lá como se eu fosse sua mulher, e tê-lo me levando uma e outra vez, como um marido amoroso. Como se ele pudesse magicamente me corrigir com sexo e me fazer esquecer todas as coisas ruins na minha vida. Foi tudo uma mentira que eu disse a mim mesma para lidar com o mundo, e agora que eu vejo a realidade, é tudo dolorosamente óbvio quão insano eu realmente fui.

Eu viro minha cabeça, não querendo olhar para ele. Eu não sei por que eu sinto vergonha de meus próprios pensamentos, mas eu sinto. Por que eu me deixei me empolgar tanto?

Ele rasteja mais perto, se inclinando sobre o meu corpo, uma mão estendida sobre o sofá, enquanto a outra desliza pela minha perna, empurrando meu vestido para cima.

— Este vestido... ele me seduz, senhorita Carrigan.

Em minha defesa, eu me afasto. — Me diga mais sobre o quanto você me quer. Eu poderia começar a acreditar: — eu zombo.

Ele inclina a cabeça, franzindo a testa. — Você realmente acredita que eu não estou interessado em você? Que eu não te acho nem um pouco atraente? — ele paira acima de mim, sua mão empurrando minhas pernas, me fazendo ciente do fato de que eu não posso fazer nada e que ele tem todo o poder. — Eu tenho pensado sobre você no meu sono, senhorita Carrigan.

Sua mão se estende para o meu rosto. Eu congelo quando eu temo que ele vai me bater, mas em vez disso seu dedo indicador traça uma linha em minha bochecha. — Eu sonhei com você amarrada e te dando uma boa surra, apenas por me desafiar. Meu pau estava duro como uma rocha cada vez que eu acordei, louco para saber como seria reivindicar sua carne macia. Você não tem ideia do quanto eu tenho pensado em fazer você lamber meu gozo logo depois que eu me

masturbar com a imagem de seu corpo nu amarrado à uma mesa com um vibrador contra sua buceta. Sim, senhorita Carrigan, eu pensei em você, e sim, eu estou ansiando por uma mulher que pode me dar o que eu preciso. Submissão. Isso corre em suas veias. — suas palavras quentes me deixa ofegando por ar. Com o dedo no meu pescoço, deslizando para o meu esterno, meu corpo traiçoeiro sobe ao encontro de seu toque. É quase como se, por um momento, eu me esquecesse que ele é o homem que me quebrou.

— E agora... eu vou ter todas as oportunidades para fazer não só que os meus sonhos se tornem realidade, mas o seu também. — ele se inclina quando eu me inclino para trás, mas não há como impedi-lo de plantar um beijo no meu pescoço. Seus lábios arrastam todo o caminho, seguindo o mesmo caminho que seu dedo fez. Sua língua mergulha para fora, molhando minha pele, e calor indesejado corre através do meu corpo. — Você tem um gosto tão bom, senhorita Carrigan, — ele murmura. — Se ao menos eu tivesse pensado nisso mais cedo. — ele vem até os joelhos, se elevando acima de mim com as pernas entre as minhas. — Te manter longe foi o primeiro plano... ele falhou, então eu vou tenho o plano número dois agora. Você vai ficar aqui para me agradar de qualquer maneira que eu quiser. Vou te dar- o que você quer; eu preciso que você me tome uma e outra vez, e eu quero que você obedeça a todos os meus comandos.

— O que faz você pensar que eu vou fazer isso? — eu digo, franzindo a testa. — Depois de tudo que você fez para provar que estou errada... agora de repente você me quer? Como uma espécie de animal de estimação que você possui?

— Exatamente. Estou te dando o que você quer, senhorita Carrigan, mas em troca você vai ter que ficar aqui para sempre, quieta, pronta para mim, sempre.

Eu abafo uma risada e sacudo minha cabeça. — Tarde demais. Eu costumava querer isso até que você me mostrou suas garras.

A mão dele deriva pelo meu corpo novamente, demorando no lado dos meus seios antes de descer para apertar meus quadris. — Você ainda quer isso. Não tente me enganar; isso não vai funcionar. Posso dizer quando uma mulher quer minha boca na dela, e meu pau profundamente dentro de sua buceta. Você acha que eu não iria notar a maneira como você se arqueou para mim quando eu deixei a minha língua vagar livre em todo o seu pescoço?

Engulo em seco, um rubor se espalhando por todo meu rosto.

Seu sorriso perverso é impossível de ignorar. — E você acha que eu te mostrei tudo o que posso fazer? Pense de novo. Há um milhão de maneiras de reivindicar uma mulher, e há um milhão de maneiras de quebrá-las. Qual você prefere?

Eu fecho a minha boca porque não importa o resultado, eu me recuso a responder a essa pergunta. Nada de bom pode vir dele.

— Há mais em mim do que apenas um idiota, senhorita Carrigan. Eu posso ser um homem cruel, mas eu também sou o melhor amante que você vai ter. Eu vou cuidar de você como nenhum outro homem pode, e eu não me refiro apenas ao seu corpo, mas sua mente também. É uma pena que eu não posso te mostrar ainda, mas eu vou, agora que eu tenho você aqui. Temos tempo de sobra. Na verdade, nós temos todo o tempo do mundo.

Ele se move para fora do sofá, pega o chá, e prende em meus lábios novamente. Eu bebo até que esteja completamente vazio. Eu ainda estou com sede quando eu termino, embora eu não tenho certeza do que.

Quando ele coloca a taça de volta para baixo, ele agarra meu queixo e me obriga a olhar para ele. — Me diga, você quer ser amarrada aqui para o resto de seus dias, ou você deseja andar livremente pela minha casa?

— Tanto faz, — eu digo, não querendo dar a ele qualquer munição contra mim.

— Não jogue truques em mim, porque não vai funcionar. Você não pode sair. Não há nem um bloqueio em minha porta que possa usar uma chave. Só eu posso acessar ou sair deste apartamento. Ele é muito alto para você pular, a menos que você queira morrer, é claro. Eu estou supondo que você quer viver, apesar de tudo. De qualquer forma, você não pode sair, então não há nenhum ponto em lutar contra mim. Você vai se comportar, senhorita Carrigan?

Ele acaricia minha bochecha com o polegar, a delicadeza me confunde. Eu concordo. Eu sei que vou me arrepender de fazer isso mais tarde, quando eu for atrás da fita de novo e ele descobrir. Mas eu não vou desistir.

Sebastian tira uma faca do bolso da frente da camisa. Imediatamente chama a minha atenção quando ele traz perto do meu abdômen. Há um brilho em seus olhos, tão diabólico, faz os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantar.

— Agora fique parada... a menos que você queira que isso te machuque.

Capítulo nove

**Música de acompanhamento: 'Hurricane' por Thirty Seconds
To Mars**

SEBASTIAN

Providence, Rhode Island - 30 de abril de 2013, à noite

Eu vou fazê-la me odiar com cada fibra do seu ser. Eu tenho que ser o seu inimigo; é a única maneira de nos manter seguros. Mais importante ainda, vivos. Ela não tem ideia do que ela fez por me seguir, mas eu prefiro manter isso dessa maneira. Isso iria matá-la se ela soubesse. Isso iria me matar, e eu não tenho a intenção de morrer. Ainda não, de qualquer maneira.

Olho para o meu relógio, o que parece ser um minuto atrasado na programação, assim que eu re-calibro para que esteja com a hora certa de novo. Eu odeio estar atrasado para qualquer coisa na vida. Nada está indo de acordo com o plano, o que é lamentável, mas eu vou ter que trabalhar em torno disso.

No começo eu pensei em assustá-la, a deixar apavorada, faria o truque, mas parece que eu tenho que mostrar a ela quão realmente cruel a vida pode ser antes dela finalmente fugir.

Não, eu não sou um bom homem. Em meu terno bem passado e sapatos brilhantes, com o meu cabelo liso dobrado para trás e meu charme, eu finjo que sou civilizado. O oposto é a verdade. Pelo menos, é isso que eu digo a mim mesmo. Às vezes, estou perfeitamente bem com a vida que eu levo e outras vezes, eu estou disposto a me matar para mudar tudo. Ainda assim, eu não tenho sido capaz de fazer uma escolha entre a insanidade e a pureza. Eu escolheria o lado escuro, o lado onde vou estar vivo? Ou será que eu escolho a luz e salto em

direção a ela, acabando com tudo? As mentiras que eu digo corram as linhas da realidade que até mesmo eu não posso me distanciar mais.

O sangue está em minhas mãos. Não há como voltar atrás. Se algum dia eu pudesse, escolheria certo desta vez. Devo reparar meus pecados. Vou começar com ela.

Vou mostrar a ela o caminho das trevas, o mal que reside em meu coração para que eu possa salvá-la de mim. Uma alma por outra.

Ela está derrotada - não só fisicamente, mas mentalmente também. Eu não preciso conhecê-la para ver isso. A fim de corrigi-la e deixá-la bem, eu vou ter que quebrá-la ao ponto de destruição. Ela não vai gostar. Ele vai me fazer seu inimigo. Vou ser para ela o que ela precisa - obsessão a ponto de assassinato. No final, quando tudo isto acabar, ela vai ser a única a segurar a faca na minha garganta. E quando essa hora chegar, eu vou aceitar de bom grado a minha punição.

Mas primeiro... ela terá de pagar por sua rebeldia e aprender a me ouvir. É a única maneira de sobreviver.

Eu olho para a porta para o meu banheiro, a observando no chuveiro. Seu corpo nu é tão magnífico como sempre, suas curvas uma festa para os olhos. Eu adoro assistir o sabonete deslizar enquanto ela tenta esconder sua inocência de mim. Como se eu já não tivesse visto tudo. Bem, há algo que não usei... mas eu não vou usá-lo ainda. Antes de eu roubar sua buceta, eu vou fazê-la obediente. Eu não quero mais confusão em minhas mãos, e para evitar isso, eu preciso treiná-la para que ela me obedeça. Ela precisa saber quem está no comando de sua vida agora. Afinal de contas, ela escolheu se lançar aos meus pés; estou apenas dando a ela o que ela precisa.

Alguém para dominá-la. Alguém para ensiná-la a lidar com inseguranças, com dor, com tristeza. Alguém para fazê-la forte. Eu serei esse alguém que ela pode desejar e odiar ao mesmo tempo. Vou arrancar seus piores medos e fazer deles o meu próprio, e então eu vou me tornar o algo que ela não pode viver sem. Alguém que ela vai se obcecar. Vou me tornar tudo isso.

Para ela.

A mulher que mudou o cerne da minha própria alma.

Ela me abriu, puxou meu coração, e me deixou na escuridão da minha própria vida. Em uma fração de segundo, ela me mostrou o quão

escuro que me tornei. Eu sei que ainda há esperança para mim. Vou fazer de tudo melhor; eu faço essa promessa agora, não apenas para mim, mas para ela também.

No momento, ela acha que eu sou o cerne da sua queda.

É exatamente o que eu preciso que ela pense.

Porque é a verdade.

Quando ela sai do chuveiro, caminha para a área de jantar, e olha para mim desconfortavelmente, eu pisco a ela um sorriso. Eu não posso deixar de notar as pequenas sardas em seu nariz e como elas combinam perfeitamente com os olhos brilhando. Eu amo o jeito que ela é delicada com o vestido que eu escolhi para ela quando ela pega e o inspeciona como se ele não fosse caber. É claro que cabe. Eu tive a minha governanta, Conchita, medindo seu tamanho enquanto ela ainda estava inconsciente. É um vestido brando sem alças, a parte superior forrado com cristais, adequado para uma rainha.

Minha rainha.

Sim... Eu vejo tudo na minha frente. As peças de xadrez são colocadas no campo, e tudo o que tenho a fazer é empurrar. Peão após peão, vou sacrificar, até que apenas alguns tenham restado e então eu vou acabar com todos.

Ela pode ser capaz de desempenhar um papel importante, quem sabe? Por enquanto, é cedo demais para dizer como ela vai reagir a tudo isso. Só o tempo dirá se ela pode lidar com os horrores deste mundo. Se ela pode ser a rainha de um assassino que trai sua família.

Quando ela sai do banheiro totalmente vestida, fico maravilhado com a vista. Estou impressionado com sua beleza - esta sedutora ruiva que me tenta vir para a luz novamente. Seus olhos brilham com determinação de fogo, como se ela fosse me atacar a qualquer momento e me atravessar com a minha própria faca. Ela só me faz a querer mais. Apenas o pensamento de saber que ela não está usando calcinha deixa o meu pau duro. Acho que vou definitivamente fazê-la minha esta noite.

Ela caminha em minha direção e se inclina sobre mim para pegar alguma coisa fora da mesa. Estou sentado na minha cadeira, olhando para os peitos dela, admirando a vista. Eu não vacilo quando ela recua. Acho que ela esperava que eu fizesse alguma coisa. Claro, eu esperava que ela me atacasse, mas não agora. Ela não se parece quando

uma pessoa quer correr ou lutar, e o olhar em seus olhos não mostra nenhum dos dois. Não, este olhar é pura repugnância, mas não a ponto de querer ferir qualquer um de nós. Ainda não.

Entre os dedos, ela segura um palito que ela usa em seu cabelo, fazendo um coque sofisticado. Então ela para diante de mim, com as mãos nos quadris, antipática, como se ela pudesse tomar uma posição. Eu posso ver suas pernas tremendo debaixo dela. Uma pena que ela não é forte o suficiente ainda. Hora de melhorar isso.

— Então, o que agora? — pergunta ela, batendo seus pés. — Eu tomei banho. O que você quer de mim? Você quer que eu finja que isso tudo é normal? Jantar com você como se isso fosse apenas um encontro aleatório? — ela parece irritada, e isso me faz sorrir. Eu adoraria ver mais de seu mau humor.

— Não, — eu digo, quando eu coloco minha cadeira de volta para o meu lugar à mesa. — Eu quero que você se sente no final da mesa e coma.

Ela respira fundo e suspira, rangendo os dentes antes de caminhar ao seu lugar e teimosamente sentar. Cruzando as pernas e os braços, ela olha para mim quando eu estalo meus dedos e minha empregada, Conchita, entra com dois pratos de frutos do mar. Seus olhos abrem como o de um cão. — Ela sabe que eu estou sequestrada? Ei, senhora, você não se importa se eu sou uma prisioneira contra a minha vontade? Este homem tem uma fita minha que ele não vai dar para mim. Ele está me extorquindo. Isso é ilegal. É contra a *lei*.

Sua divagação é bonita de ouvir.

Quando ela percebe que minha empregada não responde ao por os pratos, ela faz uma careta para mim. — Por que ela não está respondendo? Ela é surda ou você fez alguma coisa com ela, também?

— Conchita não fala a menos que eu lhe pergunte algo. Seu trabalho é me servir em todos os momentos. Isso é tudo.

— Como uma escrava, — ela zomba.

— Não, senhorita Carrigan, um escravo não recebe o pagamento.

— Eu aposto que você a paga muito para manter a boca fechada, então.

— Na verdade, sim. Agora coma, — eu digo quando eu pego o meu garfo e faca.

Ela faz uma careta para mim, deixando cair as mãos ao seu lado.

— Bem, não fique tão surpresa, — eu digo. — Não é como se você não soubesse o que o dinheiro pode comprar.

— Eu não. Estou apenas surpresa com o quão ruim você realmente é. Chantagista.

— Eu diria que é um bom incentivo. — eu sorrio. — Agora, vamos comer, antes que esfrie.

— Não.

Eu olho para cima, irritado com a recusa dela de jantar comigo. — Você vai comer.

— Não. Você não pode me forçar.

A raiva ferve dentro de mim. Como ela ousa me provocar novamente? Ela logo vai aprender a não me desafiar.

Eu bato meu punho na mesa. — Coma. Agora.

— Se eu não comer? O que você está pensando em fazer? Não acho que isso pode ficar pior.

— Oh... Senhorita Carrigan, é aí que você está enganada. Isso pode ficar muito pior. Você vê, este caranguejo não é o suficiente para os meus desejos. Eu estou morrendo para comer outra coisa. Algo suave... e molhado. E eu não iria parar até que você me implorasse. E você sabe o que mais? Quero fazer isso depois de cada refeição – tanto quanto eu puder, duro e longo - que você não seria capaz de falar, muito menos se levantar. Então me diga, senhorita Carrigan, você quer que eu te puna? Porque eu estou tão ansioso para isso, e confie em mim, quero fazer muito mais do que apenas comer. Minhas mãos estão coçando para ver mais dessa pele vermelha e gostosa brilhando no outro dia. E meus dentes... hmmm... eles são afiados, você sabe.

Eu pisco um sorriso enquanto seus olhos se arregalam. Ela fica completamente silenciada por um momento, e eu adoro a vista. Depravação é facilmente alcançada comigo. Lentamente, ela pega o garfo, com os olhos em mim em todos os momentos, quando ela começa a erguer seu caranguejo. Eu sei que ela está com fome; eu podia

ouvir o seu estômago roncar quando ela se inclinou sobre mim para alcançar os palitos. No entanto, ela parece relutante em comer.

— Vá em frente, é seguro para comer. Eu não estou tentando te envenenar, — eu digo.

— Nenhuma droga aqui dentro? Sorte minha.

Eu sorrio para o comentário dela, o que é meio cativante. Mas, em seguida, ela levanta o garfo e o joga para mim.

Dentro de uma fração de segundo, ela se levanta de sua cadeira. Seus pés são rápidos quando ela corre em direção à porta. Eu não posso nem pegá-la. Eu me levanto e corro atrás dela.

— Abra, droga! — ela grita na porta, batendo.

Antes que ela tenha a chance de bater novamente, eu embrulho os meus braços em torno da cintura e braços, a prendendo. — Eu não te disse? Eu sou a chave. — ela se esforça em meus braços quando eu a empurro contra a porta.

— Não!

— Sim, — eu sussurro. — Não há como sair. É inútil.

— Me solte!

— Você teve sua chance de ficar longe de mim. É tarde demais agora. — eu sorrio contra seu pescoço. Eu posso ouvir cada suspiro, sentir seu corpo tremer, seus pulmões inalando ar. A proximidade faz meu pau pulsar. — Tudo o que você pode fazer agora é esperar por misericórdia. Me implorar para ir leve em você. E você sabe o quê? Eu estou achando muito difícil de me controlar agora... — eu lambo a borda de sua orelha. — Eu mal posso esperar para afundar meus dentes em sua carne.

— Pare! Pare com isso! — ela grita. — Onde está Sebastian que eu conhecia? Quem é você?

Seus apelos desesperados não vão ajudar mais. — Ele nunca existiu. Estava tudo na sua cabeça. — minhas mãos apertam em torno de seu corpo enquanto ela me luta pelo controle. Eu não vou desistir, nunca. Assim como a submissão está em seu sangue, a dominação está no meu. Nunca o desejo de controlar uma mulher para meu próprio prazer foi tão forte.

— Não acredito nisso.

— Oh... Eu vou te mostrar o que eu faço com as mulheres como você. Com a minha língua. Meus dedos. Meu pau. Ah, sim, eu vou fazer você implorar por tudo, — eu resmungo, plantando um beijo logo abaixo da sua orelha.

— Não me toque... — diz ela, farejando.

— Você me pediu antes... — eu sussurro, mordiscando o lóbulo da sua orelha. — Eu posso fazer você fazer isso de novo.

Ela engasga. — Eu não deveria ter vindo atrás de você.

— Finalmente você percebe que foi um erro me seguir. — seus braços se tornam ágeis por segundo enquanto eu ainda a tenho presa contra a minha porta da frente. — Você vai ceder?

Ela não responde. Em vez disso, ela começa a se mover novamente, tentando escapar da minha mão.

— Vou levar isso como um não. Não que você tenha uma escolha. Eu vou fazer você ceder, você estando disposta ou não. Depois que esta noite terminar, você vai me implorar para eu entrar nessa buceta até o talo. Noite após noite. Como uma cativa disposta.

— Nunca, — ela se encaixa. — Não para um homem como você.

— Vamos ver... — eu a arrasto para longe da porta. Ela escava seus pés em meu tapete branco, mas eu não sou facilmente frustrado em meus planos. Sua força não é párea para a minha, especialmente desde que ela ainda está se recuperando de ser drogada. Quando eu passo por uma cômoda, eu tiro duas algemas de metal. Eu a faço ficar acima de sua própria cadeira, seus seios contra as costas e bunda para frente do assento. Eu algemo suas mãos para o alto, em seguida, os pés nas pernas, obrigando-a a ficar em uma posição de flexão. Horror se instala em seus olhos quando eu volto para a cômoda e tiro a corda.

— O que você vai fazer comigo? — diz ela.

— Usar você até que você esteja cansada demais para ficar de pé, e então eu vou fazer isso de novo... e de novo... e de novo. Não pense por um segundo que você pode sair do meu alcance. Você teve sua chance. Você soprou a liberdade como se fosse sua para dar. Hoje à noite, você vai aprender o erro da sua decisão.

Capítulo dez

Música de acompanhamento: 'Bad Romance' por Thirty Seconds To Mars

SEBASTIAN

Providence, Rhode Island - 30 de abril de 2013, à noite

Seus lábios tremeram quando eu afrouxei a corda. Eu gosto de ver seu rosto bonito quando ela parece temerosa pela minha obsessão com cordas.

Sim, eu apenas não gosto delas - eu as amo. Eu vivo para amarrar minhas amantes, uma e outra vez, em todos os tipos de posições - quer seja amarrada a uma cama, em um pole, contra uma árvore, a uma mesa, ou pendurada no teto. Qualquer coisa para satisfazer a minha necessidade de completa submissão. Uma bonita sofisticada arte, é o que eu chamo isso. Delicadas peças fodíveis de arte.

Eu enrolo a corda ao redor de seus tornozelos na cadeira primeiro para que eu possa tirar essas algemas. Eu normalmente não as uso, mas com mulheres relutantes como ela, eu tenho que usar. Ainda assim, eu prefiro ver e foder a minha mulher sem elas. Sempre.

Eu faço o mesmo com suas mãos, amarrando-as com a corda antes de tirar as algemas. Eu ando em volta da cadeira para admirar a vista. — Como está?

— Como eu estou sendo mantida contra a minha vontade.

Eu giro a minha cabeça. — Oh, qual é, você não esperava pelo menos isso depois de todas as advertências que te dei?

— Eu esperava um homem *sensato*, e você, senhor Brand, é louco.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você, Senhorita Carrigan. Você me perseguiu, repetidamente, mesmo depois que eu te avisei e disse para fugir. Será que isso não faz de você uma amante das coisas perigosas? — eu planto a minha mão na coxa dela, alisando para dentro através de seu vestido. Posso vê-la prender a respiração. Eu amo esse reflexo, aquele que aparece quando o que eu faço tem um efeito luxurioso sobre ela. Eu me inclino mais perto. — Você não deseja secretamente que eu te leve embora e te mantenha escondida para sempre?

Ela balança a cabeça, fechando os lábios como se tivesse traído seus pensamentos interiores. Um meio sorriso mau aparece em meus lábios. — Não importa quantas vezes você tente negar a mim ou a você mesma, eu não acredito em você. Você já sonhou com a escuridão, Srta. Ele te atraiu, assim como fez comigo.

Ela bufa. — Eu duvido disso.

— Eu não. — minha mão desliza pela sua perna, apenas polegadas longe de sua buceta. — Você pode dizer que está com medo das consequências. Que você não aprecia isso nem por um segundo, que você se julga imprópria para o mundo normal. Bem, eu tenho notícias para você... você não está apta para o mundo exterior.

Seus olhos evitam os meus em busca de algo mais do que focar minha atenção em seus olhos exigentes. Então eu pego seu queixo e a força a olhar para mim. — Você sempre foi adequada apenas para mim. Não é isso o que você disse a si mesma? Que você amava somente a mim e que você precisava somente de mim? Bem, eu acho que eu tenho a minha perfeita submissa cativa então. — eu me levanto, tiro minhas mãos dela, e giro ao redor da sua cadeira para que ela possa enfrentar as fileiras de janelas. O mundo lá fora está nos observando, as luzes acesas, a vista para milhões verem. Isso só contribui para a sensualidade, ausência de reserva. Enquanto ninguém está perto o suficiente para ver ou saber o que vamos fazer hoje à noite, apenas o pensamento de transar com ela para o mundo ver me dá arrepios.

Eu ando para meu armário e tiro uma tesoura. O som que ela faz antes de eu chegar perto deixa o seu olhar em pânico, quase ao ponto de querer rolar. Eu tento acalmá-la com um sorriso quando eu me aproximo e coloco a tesoura em cima da mesa. — Apenas por precaução.

— Precaução para me mutilar?

Eu rio um pouco. — Senhorita, eu poderia ser cruel, mas não tão cruel. Gosto do meu quinhão de sadismo e bondage, mas não a ponto de brutalizar alguém. — embora eu goste de mordê-la... mas eu acho que eu vou manter isso para mim mesmo. Eu quero que ela goste de hoje à noite.

— Eu não sei o que esperar de você mais, — ela zomba.

— Bom. Tenho a intenção de manter dessa maneira. — eu sorrio um pouco, mas ela me mostra seus dentes. Eu acho que ela vai ser difícil de treinar, mas nós vamos chegar lá.

Eu ando em círculos ao redor dela, admirando a vista. Ela engole; um rubor aparecendo em suas bochechas enquanto eu subo seu vestido um pouco mais cada vez que eu passo por ela. — Isso te envergonha, senhorita? Ser tocada de uma forma tão apaixonada pelo seu captor? Você sente a necessidade de aceitar a minha mão e deixá-la te guiar em uma lascívia delirante?

— Me constrange você ter me arrarrado assim, como uma espécie de animal.

— Ah, mas eu tenho a intenção de te usar como uma espécie de animal, — eu digo. — Eu gosto de minhas mulheres amarradas, prontas para tomar o meu pau.

Ela inala acentuadamente. — Nem em um milhão de anos. Terminei com você. Terminei com você desde que você me fez acreditar que um grupo de velhos pervertidos estavam me observando. Quão doente é você?

— Doente suficiente para gostar de você gritar comigo.

— Vá se foder... — ela cospe.

— Eu vou, na verdade. Vou preencher todos os seus buracos bonitos esta noite.

Seus olhos se arregalam, e seu rubor fica ainda mais vermelho do que antes.

— Sim, senhorita Carrigan. Eu pretendo te foder, mas não da maneira que você quer. Você sabe, depois de toda essa perseguição sua, eu acho que você merece uma boa foda. Afinal de contas, é o que você estava atrás desde o início.

— Amor. Eu estava procurando por amor, — ela suspira. — E você não tem nada a oferecer.

— Hmmm... é aí que você está enganada. Você continua pensando que eu só quero te machucar, mas eu estava apenas cuidando de você.

— Cuidando de mim? — ela zomba como se ela não conseguisse acreditar.

— Sim, ao contrário do que você pode acreditar, tentar te assustar, de fato, era uma opção mais segura. Mas desde que você se recusou, eu vou ter que te manter escondida.

— Escondida do quê? — ela grita. — Eu deveria estar me escondendo de você!

— Sim... você está certa sobre isso. — eu rio. — Embora você deva saber que existem pessoas muito mais perigosas lá fora do que eu. Mas você deve saber que agora que eu fiz a escolha de te manter como prisioneira, eu vou te amar como ninguém mais pode.

— Certo... — ela zomba. — Se isso é chamado de amor... Eu não sei mais em que acreditar.

Eu pego seu queixo e levanto sua cabeça, a olhando profundamente nos olhos. Quero que ela veja a emoção em mim, que um lado bom de mim está tentando manter a cabeça à tona. — Você não tem ideia do amor que eu sou capaz. Protetor, do tipo obsessivo.

Ela deixa escapar outro suspiro. — Eu costumava pensar que você era assim também. Até que eu te conheci.

Eu balancei minha cabeça e a soltei. — Vamos ver o que você vai achar depois que eu terminar com você... mas primeiro, mantenha a sua bunda para cima no ar.

— Por que eu deveria?

Estendo a mão para a faca no meu bolso, desdobrando-a de sua bainha na frente dela. — Isto. Você faz o que eu digo, ou eu vou transformar isso em um jogo... mais sádico. Eu já te disse como eu sou intrigado pelo sangue? Não? Você pode descobrir se você continuar me provocando.

Ela inala acentuadamente quando mostro a faca para ela, torcendo-a em minha mão como um brinquedo. Eu poderia ter ido longe demais, mas ela é tão irritante às vezes. É difícil manter a compostura

sabendo que ela joga todo o meu esforço ao mar como se ele não significasse nada. Ela não tem nenhum indício de que tipo de perigo nos rodeia agora por causa dela.

E é tarde demais para voltar atrás agora.

Eu ando até seu traseiro e levanto seu vestido completamente, expondo sua bunda. Aparecendo como um deleite delicioso e doce. Meu pau começa a latejar apenas com a visão de sua deliciosa bunda e buceta, que estão em exibição. — Hmmm... — eu gemo quando eu coloco a minha mão no seu traseiro. Ela se encolhe, seus músculos tencionando sob o meu toque. — Relaxe, senhorita Carrigan. Deixe de lado a sua ansiedade. Ou você não vai aproveitar tudo isso.

— Eu não quero, — ela murmura enquanto minhas mãos pegam a bunda dela, circulando, antes de mergulhar entre suas pernas. Eu casualmente a belisco, evitando a sua buceta de propósito. Ela diz que não quer, mas pelos arrepios em seu corpo, posso dizer que ela gosta quando eu a toco.

— Seu corpo está doendo pelo meu toque, independentemente de quão fortemente você me odeia agora por te fazer passar por tudo isso. Eu admiro a sua tenacidade, mas não você vai esconder suas necessidades. Me deixe dar a você. — eu continuo a descer pelas suas pernas e volto para as suas coxas, causando um caos de seus sentidos. Ela treme pelo meu toque quando me aproximo de sua buceta, mas não a toco ainda.

Com uma mão espalmada, eu bato na bunda dela. O jeito que ela se sacode e grita é encantador. — Sua bunda é tão agradável e alegre, mas não rosada o suficiente.

Ela assobia, mas nada vem de sua boca. Eu suponho que é porque ela está engolindo suas próprias palavras. Tentando manter a compostura... isso não vai durar. Eu vou quebrá-la, pouco a pouco, até que não haja mais nada além de necessidade, luxúria, ódio e traição. É tudo o que posso fazer por ela. E então ela vai finalmente desaparecer da minha vida, nos tornando ambos seguros novamente.

Mas, para chegar lá... eu vou ter que fazê-la sofrer de felicidade.

Bato em sua bunda novamente, a fazendo sacudir sobre suas amarras, mas não o suficiente para ela começar a se libertar. Então eu esfrego o local dolorido e repito o mesmo processo novamente, cada vez em um lado diferente de sua bunda, até que ambas as faces estavam vermelhas. Quando seus gritos se tornam menos altos, eu começo a

deslizar o dedo ao lado de sua buceta, acariciando-a suavemente, mas não o suficiente para fazê-la gozar. Seu corpo se inclina para trás, empurrando suavemente contra minha mão. Eu não preciso que ela me diga para que eu saiba que ela quer isto. Quando eu deslizo minha mão para cima e para baixo, eu removo alguns meus dedos de dentro dela, deixando apenas um para brincar com a sua buceta. Meu dedo se move de cima para baixo, cobrindo-a com sua umidade.

Ela geme, e eu sorrio a partir do som. — Vê? Você gosta disso.

— Não... — ela murmura.

— Você está molhada por causa do meu dedo, senhorita Carrigan. Não acredita em mim? Eu vou te mostrar... me deixe entrar para que você possa se sentir quão molhada você para mim. — eu mergulho um dedo dentro. Ela aperta as coxas, mas, em seguida, relaxa novamente quando eu deslizo mais profundo, empurrando meu dedo completamente antes de retirá-lo de novo. Ela solta um suspiro exasperado.

— Difícil, não é? Admitir que o seu corpo tem uma ideia diferente de necessidade.

Ela não respondeu, mas seu gemido abafado quando eu empurro o meu polegar em diz o suficiente. Aumentando meu ritmo devagar, eu transo com ela com o meu polegar, entrando e saindo. Umidade o cobrindo, então eu o puxo e lambo. — Hmm... você tem um gosto tão bom. Eu mal posso esperar para te comer.

— Por favor... — ela implora, se esforçando para libertar os pulsos. Não adianta. Eu sei como amarrá-los bem. Eu continuo com a minha outra mão, empurrando em um dedo indicador enquanto eu ainda estou chupando seus sucos do meu polegar. Primeiro, um dedo... depois dois... até que ela está pingando e gemendo em voz alta. Ela nem mesmo pode parar de gritar. Tirando os meus dedos dela, eu coloco dois em seu clitóris, circulando-o ansiosamente. Meu pau lateja em minhas calças, e dói não a foder. Mas eu não vou reivindicar sua buceta ainda - eu preciso me controlar, assim como ela. Eu preciso ensiná-la a obedecer, que eu sou o dono da sua buceta agora, e eu vou fazer com ele o que eu quero. Eu decido quando eu vou conceder a ela o prazer do meu pau empurrando dentro dela. E eu vou decidir quando ela vai gozar e quando ela vai implorar.

Circulando seu clitóris, eu a levo até o limite da insanidade. Seus músculos da perna apertam quando ela sobe em sua ponta dos pés, o

que significa que um orgasmo deve estar iminente. Antes dela gozar, eu tiro meus dedos e a libero da minha mão.

Ela geme. — O que você está fazendo?

Eu dou um tapa na bunda dela, fazendo-a gritar novamente. — Você vai me chamar de senhor Brand. Desobedeça e você vai ser punida por isso.

— Por que você fez... — ela murmura, o corpo tremendo.

— Você não vai gozar sem a minha permissão. Então, desde que você não está pronta para o meu pau e não merece isso, eu vou saquear um buraco diferente. Você pode não estar acostumada a esse tipo de excitação, mas posso garantir que você vai se divertir, com o tempo.

— O que você está falando? — sua voz é estridente, e ela parece assustada.

— A sua buceta não ganhou meu pau ainda, então eu vou me deleitar em as bunda por enquanto.

— O quê? — ela grita quando eu trago os meus dedos para seu buraco de trás e o lubrifico.

— Não se preocupe, senhorita Carrigan, eu vou fazer devagar. Um dedo de cada vez... — eu empurro no meu dedo, e ela faz um som de 'oomph', seu corpo enrijece. Eu coloco minha mão nas costas dela, forçando-a para baixo quando eu entro por trás dela. — Relaxe, senhorita Carrigan. Deixe meu dedo te dar prazer em vez de dor. — ela rosna, mas não grita. Eu empurro o meu dedo dentro e fora até que ela se acalma um pouco, espalhando sua umidade. Suas mãos estão presas à cadeira. Eu posso dizer que ela ainda está com muito medo, então eu decido tomar uma abordagem diferente.

Eu fico de joelhos e pressiono o meu rosto em sua buceta. Ela grita quando minha boca toca seu clitóris. Eu começo a lamber, lentamente no início, mas quando ouço seus gemidos, eu aumento a velocidade. Eu chupo seu clitóris e deixo minha língua deslizar para dentro e fora dela. Meu dedo ainda está dentro de seu traseiro enquanto eu a chupo, a deixando se acostumar com a combinação de dor e prazer. Logo, ela está gemendo de novo, e eu estou me divertindo com os sons enquanto eu a como.

— Deus, você tem um gosto tão bom. Eu quase não consigo parar, — murmuro contra sua buceta.

— Ahhh... Eu não posso...

— Você não pode o quê?

— Não...

— O quê? — eu puxo seus lábios internos e empurro o dedo ainda mais ao mesmo tempo. Seus corpo treme pela pressão se construindo.

— Puta merda... — sussurra.

Eu rio contra sua pele, beijando sua buceta mais e mais até que ela está inchada e vermelha.

— Não pare...

— Hmmm... — eu lambo uma última vez. — Quase. — e depois tiro meus dedos e removo minha língua de sua buceta. Ela está ofegante, gemendo de frustração.

— Foi ruim? — eu digo.

Ela bufa, mas não diz uma palavra. Eu sei que ela me odeia por fazê-la querer isso.

— Eu acho que é hora de dar um passo adiante. — eu paro à sua frente e me curvo diante dela, sorrindo. Ela respira pesadamente, seus lábios tremendo pela intensidade do que eu estou fazendo com ela. Eu chego através das barras de madeira da cadeira e puxo seu vestido. Ela engasga quando eu pego seus peitos e deixo seus mamilos duros.

— Você pode suspirar quanto quiser, mas eu sei que você aprecia isso tanto quanto eu, — eu digo com um sorriso malicioso, franzindo seus mamilos através da parte de trás da cadeira. Quando ela aperta os olhos e faz uma careta, eu aperto os mamilos e puxo.

Ela grita quando eu os puxo em direção a mim através das barras, e então eu pressiono meus lábios nos dela. Sua boca rosa é macia e suave e delicada na minha. Eu a beijo duro, áspero, puxando seus mamilos para que ela não possa fugir. Seus olhos estão bem abertos, em estado de choque, mas a boca ainda aceita a minha enquanto eu a saqueio. Minha língua toca a parte superior do seu lábio antes de eu tirar a minha boca da dela novamente. Seus olhos estão confusos, em completa desordem, e eu adoro a vista. A maneira que eu a afeto a ponto de devastação é magnífico.

Dou um tapa em seus peitos, a puxando de volta a este mundo.

— Ei! Você não pode fazer isso.

— O quê? Deixar você com os joelhos bambos por causa do meu beijo?

— Sim! Espere... não, não é isso que eu quis dizer, — ela grita.

Eu rio e caminho até o armário para tirar algum lubrificante e um plugue. Suas pupilas aumentam ao ver isso. — O que é? — ela pergunta.

— Um brinquedo para eu jogar.

— Ah não...

— Oh sim. — eu sorrio quando eu me movo para seu traseiro novamente. Primeiro, eu revisto o plugue com lubrificante antes de lambuzá-la. — Você já fez isso antes? — pergunto.

— Não, — ela diz.

— Mas você esteve com outros homens.

— Sim, — ela responde.

Eu a beijo com força. Ela sacode de dor. — É *senhor Brand*. Não se esqueça disso.

— Desculpe, senhor Brand.

— Bom. — eu sorrio. — Hmm... que pena que nenhum outro homem jamais foi tão longe com você. Eu vou te mostrar como isso pode ser bom.

Capítulo onze

Música de acompanhamento: 'Bad Romance' por Thirty Seconds To Mars

SEBASTIAN

Ela remexe na cadeira quando eu coloco a minha mão sobre sua bunda e empurro o plugue contra sua entrada. — Não lute contra isso, senhorita Carrigan. Aceite, como você fez com o meu dedo.

Ela grita quando eu insiro o plugue lento mas firmemente. Batendo a cadeira com o peito, ela balança para cima e para baixo, mas eu a seguro com a mão. — Tome isso, — eu rosno. — Por mim, senhorita Carrigan, e vou fazer o mesmo por você. Me deixe orgulhoso. Relaxe e deixe entrar. Você pode fazer isso.

— Eu não posso...

— Sim, você pode. — eu empurro o plugue completamente. — Viu?

Quando eu afasto minha mão, ela começa a empurrá-lo para fora. Um tapa e sua bunda sacode para cima, parando-a imediatamente. — Não. Mantenha isso aí, — eu digo. — Ou eu *vou* te punir severamente.

— Como se isso não fosse castigo suficiente, — ela murmura.

— Isto é prazer, senhorita Carrigan. Mas você vai aprender a ver a diferença.

Pego um pedaço de corda que ainda está sobre a mesa e amarro em torno de sua perna esquerda, ao lado de sua buceta, e, em seguida, em torno de sua cintura. Eu crio um nó perto do umbigo antes de puxá-lo de volta acima de sua buceta e bunda. Lá, eu arrasto a corda todo o

caminho até a cabeça. Há lágrimas nos seus olhos, mas eu ignoro. Ela me olha enquanto eu coloco a corda ao redor de seu pescoço, puxando suavemente as pontas para torná-lo apertado.

— Incline a cabeça para trás, — eu digo, e ela faz exatamente isso. Eu puxo a corda com força suficiente e, em seguida amarro junto às suas costas, forçando-a a manter a cabeça inclinada para trás.

Dando um passo para trás, eu admiro a vista. As cordas descem pelas suas costas, pondo tensão sobre sua bunda e buceta. É muito provável que ela pode sentir a corda empurrando em sua pele e clitóris quando ela tenta mover a cabeça. A corda deve estar revestida com sua umidade. O plugue anal não estará saindo tão cedo. Perfeito. Submissão pela força. Uma flor bonita florescendo sob o meu comando.

— Por favor... — ela sussurra, obviamente, engolindo as lágrimas.

Me aproximando, eu pego sua bochecha e acaricio, limpando uma das lágrimas rolando. — Shhh... você é linda. Se você pudesse se ver agora.

— Você está me humilhando... — diz ela.

— Eu sei, — eu sussurro, me inclinando para ela. — É o que eu desejo mais. Ter sua buceta amarrada assim... hmmm... isso me deixa tão duro — Indo até o meu bolso, pego uma faca e a coloco sobre a mesa atrás de mim. Eu desabotoo minha camisa lentamente, tomando o meu tempo e dela, para que ela possa deleitar seus olhos sobre o meu corpo. Mesmo em uma situação como esta, posso dizer que ela ainda me quer. Seus olhos a traem. Minha camisa cai no chão. Eu rasgo o meu zíper e solto minhas calças, expondo meu pau nu para ela. Eu vejo seus olhos momentaneamente irem para cá antes de abruptamente se afastarem novamente como se fosse um pecado olhar.

— Sim, senhorita Carrigan, eu sei que você quer isso. Você esteve pensando sobre isso desde o momento em que me viu.

Ela puxa o nariz quando eu me aproximo, tentando a boca com meu pau.

— Abra sua boca.

— Não.

Lambendo meus lábios, eu alcanço atrás de mim, pegando a faca de mesa. A visão disso é o suficiente para ela abrir os lábios.

— Me machuque então, — ela diz. — Eu não me importo mais.

— Claro que sim. — em poucos segundos, eu tenho a faca nas costas dela, desenhando uma linha com ela. Ela sibila, arqueando as costas para evitar a lâmina. Não há sangue, mas a ameaça é real. Eu poderia empurrar com mais força, mas eu não quero machucá-la... ainda não.

— Agora... você vai me deixar ter essa sua boca? — eu digo quando eu coloco a faca de volta.

— Não.

Eu pego seu nariz e pressione suas narinas juntas. — Eu não vou brincar com você, senhorita. Agora abra ou desmaie. Sua escolha.

Ela resiste por um momento, lutando comigo e com a cadeira luta, mas logo ela percebe que os movimentos de sua cabeça só vão trazer prazer e dor. As cordas estão apertadas e evitam que ela se mova. Desistindo, ela abre a boca, e eu mergulho meus dedos primeiro.

— Bom... é hora de eu ter algum prazer depois de te lamber. — eu pressiono o meu dedo em sua língua. — Mas se você morder, eu vou te machucar. Esteja avisada.

Tirando o meu dedo, eu dou a ela tempo para responder antes de enfiar o meu pau em sua boca. Ela geme alto enquanto eu empurro e saio novamente. Sem tempo para se acostumar com a sensação, eu empurro de volta outra vez, obrigando-a a desistir de sua resistência. Ela precisa saber quem está no comando, precisa aprender a aceitar e ouvir.

— Sim, senhorita Carrigan, esta é minha boca agora, junto com o resto do seu corpo. Vou tomar o que eu quero, quando eu quero. Você conseguiu o que queria - um sexo sujo e atrevido.

Seus dedos afunilam quando eu fodo sua boca. Sua saliva molha meu pau, tornando mais fácil mergulhar de volta. Ela se esforça para respirar, então eu saio por um segundo para que ela possa conseguir um pouco de ar antes de eu empurrar novamente.

Sua cabeça está inclinada para trás agora, e ela tenta se mover, fazendo com que as cordas apertem. — A sensação é boa? — pergunto. — Quanto mais você luta, mais apertado as cordas se tornam.

Eu pego um pouco de seu cabelo vermelho e o agarro como rédeas. Ela engasga com meu pau quando eu empurro novamente. Eu me sinto pulsar contra o céu da sua boca, sua língua lisa me trazendo perto de um orgasmo.

— Chupe, — eu exijo. — Chupe tudo.

Lágrimas brotam em seus olhos quando eu vou mais fundo e mais rápido. Eu não consigo parar mais. Eu sou superado pela luxúria, pela necessidade de dominar e reivindicar. Eu me sinto como um animal, mas eu não me importo agora. Eu preciso disto fora do meu sistema. Se isso significa usá-la, que assim seja. Ela vai me agradecer depois.

— Tome! — eu rosno, empurrando meu pau dentro de sua garganta. — Fundo... mais fundo.

Eu gemo alto, sentindo meu pau pulsar contra sua língua. No entanto, eu acho que vou dar a ela a satisfação de gozar ao mesmo tempo. Eu quero ver o arrependimento em seus olhos enquanto ela se desfaz com o meu gozo escorrendo pela sua garganta, desejando que ela tivesse fugido ao invés de me perseguir.

Eu agarro a corda correndo por sua espinha, empurrando mais profundo em sua buceta. Ela geme e inala acentuadamente.

— Hmmm... é hora da sua buceta gozar, — eu digo, tirando meu pau antes de explodir. Eu vou até a cômoda. Meu pau salta para cima e para baixo quando eu vejo o vibrador no tomo. Eu pego e o trago para seu traseiro, onde eu empurro debaixo da corda, bem em cima de seu clitóris. — Não. — e então eu ligo.

— Oh... — ela se remexe na cadeira.

— Assim? — eu levanto uma sobrancelha quando eu paro na frente dela.

Ela bufa, desviando o olhar, então eu pego seu queixo e a forço a olhar para mim. — Eu te fiz uma pergunta.

— Sim, senhor Brand.

— Você está dizendo isso só porque você acha que é o que eu quero ouvir?

— Não, senhor Brand.

Eu sorrio. — Ótimo. Mas você não pode gozar a não ser que eu diga que você pode. Ou isso vai doer muito mais...

Empurrando meu pau contra seus lábios, eu espero até que ela os abra antes de empurrar de volta para dentro de sua boca. — Deixe ele agradável e molhado.

Ela chupa e lambe meu pau, choramingando pelo vibrador a empurrando a seus limites. Eu amo os sons que ela faz com o aumento da intensidade. Eu defini para aumentar ao longo do tempo, querendo ver a carência enquanto ela treme de prazer.

— Não tente parar. Você não pode, — eu digo. — Agora, me leve profundamente e chupe duro. Eu vou fazer esta bela boca minha hoje à noite. Não pare de chupar até que eu diga.

Quando eu tiro meu pau por um segundo, ela geme, — Por favor.

— Por favor, o que?

— É demais. Eu vou... Eu vou gozar.

Ela geme quando eu esfrego seus lábios no meu pau. — Não está bom o suficiente. Me implore.

— Por favor...

— Sim?

— Por favor... Posso gozar, senhor Brand?

Eu sabia que ia tê-la implorando antes que esta noite terminasse. — Você pode. — eu sorrio, em seguida, empurro em sua boca, meu pau pulsando com a necessidade. — Oh, Deus, sim. — estou a ponto de explodir, assim como ela. Eu posso dizer pelo jeito que ela está balançando o rabo para cima e para baixo. Oh sim, eu vou enchê-la, e ela vai amar cada segundo disso. — Goze. Agora, — eu rosno.

Ela geme quando o vibrador a empurra ao seu limite, incapaz de parar as ondas de inundá-la. Meu pau pulsa em sua boca, e eu deixo escapar um rugido. — Porra! — eu derramo minha carga em sua garganta quando ela balança violentamente, caindo aos pedaços ao mesmo tempo. Meu gozo enche sua boca até a borda, e ele continua vindo. — Tome. Engula tudo, — eu rosno, ainda gozando. — Beba do meu pau até que a última gota se foi.

Eu não me lembro da última vez que eu gozei assim, e eu não acho que ela também. Seu corpo ainda está se contorcendo, as pernas

tremendo debaixo dela. Gemidos e suspiros vêm de sua boca quando eu tiro o meu pau flácido. Ela escorre de sua boca, então eu escovo meu dedo em seus lábios e o mergulho lá, limpando-o na sua língua. — Toma tudo.

Ela fecha a boca, seu corpo diminuindo em força. Seus olhos se fecham e um suspiro alto sai. Eu recuo, respirando pesadamente. Gotas de suor rolam pela minha testa. Minhas pernas estão bambas, então eu pego uma cadeira e caio nela. De lá, eu a observo. Eu simplesmente olho para a mulher em minha casa com quem eu acabei de fazer um sexo louco e selvagem. Tem sido um tempo, e o peso disso me deixa tremendo um pouco. Seu cabelo vermelho brilhante cai em suas costas, seu corpo mole. Suas mãos estão moles e suas pernas são incapazes de se segurar. Seu olhos fechados, o corpo imóvel. Sem som. Por um segundo, eu me pergunto se eu a matei.

Pensar nisso me deixava perplexo. Ela não podia morrer de sexo.

No entanto, o simples fato disso passando pela minha cabeça significa que eu fiz algo irrevogável com ela. Algo que provavelmente vai deixar uma cicatriz na vida dela.

É então que eu percebo que eu sou um monstro.

A beleza cativa, saqueada pela besta. Ela está certa; eu sou cruel.

Engolindo em seco, eu saio do meu assento e agarro a faca da mesa. Seus olhos nem sequer se abrem no momento em que ela ouve o som passar rapidamente. Ela só fica lá, derrotada. É tudo obra minha.

Corto a corda em volta do pescoço primeiro, deixando ela livre antes de continuar com o resto. O trabalho é meticuloso, já que eu amarrei as cordas tão bem, mas eu não paro até que todas as partes se foram e ela está livre de novo. Quando a última peça é removida, eu vou até sua bunda e tiro o plugue anal. Seu silêncio me assusta um pouco. Eu pego o vibrador da cadeira e coloco sobre a mesa, olhando para ela. Tudo o que ela faz é abaixar a bunda, deixando-a descansar na cadeira. Ela não olha para mim, nem sequer reconhece que eu estou lá. Sua cabeça pende na borda da cadeira, de frente para o chão, com os cabelos caindo em chamas bonitas. A mulher ardente que se recusou a desistir de estar comigo está arruinada. Eu destruí o seu desejo de conto de fadas insano, quebrei sua resistência, e a tomei até que ela quebrasse.

Porra...

Me sento na cadeira. Plantando meus cotovelos sobre os joelhos, eu enterro minha cabeça em minhas mãos. De todas as pessoas, ela é a última que deve ver o meu pesar. Sou realmente doente. A tomei contra a vontade dela, dizendo a mim mesmo que eu tinha feito isso para mantê-la segura, mas a verdade é que eu estou principalmente com medo. Com medo das consequências de alguém a descobrir perto de mim. Isso significaria o meu fim.

No entanto, na parte de trás da minha mente, eu sei que estou fazendo a coisa certa. Isso é o que eu continuo dizendo a mim mesmo. *Faça ela te odiar, faça ela te odiar.* Então ela vai estar segura. Ela pode não saber por que... mas isso poderia arruinar tudo se soubesse. Eu queria ser seu cavaleiro sombrio, mas talvez eu tenha ido longe demais desta vez. O psicopata em mim assumiu, querendo reclamá-la e marcá-la como minha, de modo que a sua submissão poderia se transformar em uma espada de dois gumes de amor e ódio, mas no processo, eu destruí o que eu considerava como a minha única chance de ganhar este jogo fodido: Ela.

Capítulo doze

Música de acompanhamento: 'The 2nd Law' por Muse

LILITH

Providence, Rhode Island - 30 de abril de 2013, noite

Pedra fria. Meu corpo, meu coração, minha alma. Eu não sinto nada.

Nada além de vazio. Despojada de tudo o que me faz humana.

Até mesmo meu cabelo vermelho brilhante caindo na frente dos meus olhos, não tinha nenhuma cor. Só há escuridão me cercando. Eu ouço o barulhos, mas não os registro. Seus pés se aproximam. Uma cadeira se move. Meu corpo está sendo pego sobre seus braços como um ser fraco. Minhas mãos e pernas estão moles, os olhos fechados. Como um trapo, eu penduro em suas mãos. Sem vida. Exausta.

Eu não sinto a queimadura em minha bunda mais ou a plenitude do plugue anal, nem posso sentir a dor aguda das cordas cortando minha carne. Em um esforço para proteger a si mesmo, minha mente bloqueou todo o senso de realidade. Agora, nada importa. Não é o fato de que eu fui sequestrada. Não é o fato de que eu fui usada, humilhada, espancada e violada. Não é o fato de que eu não lutei com ele. E nem mesmo o fato de que o mesmo homem que fez isso comigo agora está me levando para outro lugar.

Eu não sei para onde estamos indo. Tudo o que posso sentir é suas mãos quentes em torno da minha cintura e seu coração batendo mais e mais rápido. Ele cheira exatamente como eu me lembro, como o homem que me salvou antes. Eu conheço este homem, e ainda assim eu não conheço. Isso me confunde, me aterroriza, mas também desperta

uma curiosidade em mim que eu não posso ignorar. Querendo ou não, ele é um homem vil e cruel, há algo sobre ele que faz com que seja impossível que eu me desligue completamente. Ele mantém algo escondido... algo esperançoso.

Sebastian me coloca na cama, sempre muito gentil, tirando meu vestido como um casulo enrolado em volta de mim. Ele continua até que eu estou completamente nua e em seguida, cobre meu corpo com uma lençol fino antes de por outro cobertor em cima de mim. Eu sinto seu corpo perto, seu aroma persistente me acalmando.

— Minha pequena fada... Algum dia eu vou te mostrar que há sempre uma luz na escuridão, mesmo quando toda esperança está perdida. Mesmo que não há nada, ainda é você. *Você é a luz que afasta a escuridão.*

Cobrindo minha testa com a palma da sua mão, ele solta um sopro de ar antes de puxar novamente. Um copo de água está perto de meus lábios. — Beba. — seu comando é fácil de seguir, fácil de processar, fácil de perdoar. É estranho acreditar em obedecer a seu captor, mas quando você é punida por desobedecer, você aprende a aceitar os comandos mais simples. Só para evitar mais punição.

Depois de tomar alguns goles, eu deixo minha cabeça descansar no travesseiro. Ele coloca o copo sobre uma mesa ao meu lado e então se inclina. — Durma agora. Você vai precisar de sua energia.

Eu não estou acordada o suficiente para questionar seus motivos ou a mensagem oculta por trás de suas palavras. Depois de sua brutalidade, estou perplexa com a súbita mudança em seu comportamento. Ele me levou para uma cama, me cobriu com carinho, me deu água, e me deu de comer. Traços suaves de seus dedos escovam meu cabelo de lado, tirando os fios de cabelos do meu rosto. Seu dedo indicador permanece na minha bochecha, escorregando em meus lábios para acariciá-los.

— Você é tão linda, — ele sussurra. Ele embala minha mão com a sua, como se eu fosse uma criança solitária e doente. Por alguma razão, eu me reconforto com o pensamento de que ele está me tocando de uma forma amorosa, quase como se ele estivesse tentando dizer não com os dedos, em vez de suas palavras. Eu não deveria estar tendo esses pensamentos, mas eu não posso bloqueá-los também. Eu sou fraca. Uma mulher que precisa de orientação, cuidado e amor. E nesse momento de pura ansiedade, medo e dor, ele é o único disposto a dar a

mim. O mesmo homem que tomou o que era meu para dar agora está me confortando em mais de uma maneira, e eu preciso dele.

Um beijinho delicado é colocado na minha bochecha. Ele mantém os lábios em mim, prolongando o contato pele-a-pele. Um momento de pura honestidade de um ser humano para outro. Vulnerável e abalada, é assim que me sinto. Com este beijo, ele nega cada coisa cruel que ele fez comigo esta noite. Como se o que aconteceu devesse ser perdoado, e esta é sua maneira de pedir desculpas. Esse beijo sela o acordo.

Lágrimas brotam em meus olhos, mas eu estou cansada demais para deixá-las correr. Muito cansada para lutar contra tudo isso. Eu estou me apaixonando por seu toque, e desesperadamente me agarrando a este único alívio. Por um segundo, passou pela minha cabeça que isso poderia ter sido tudo na minha cabeça. Que tudo era apenas uma fantasia doente. Este pensamento é atroz, e ainda é meu único escape da realidade. Suas mãos são a minha tábua de salvação.

Eu precisava de alguém para amar, e no final, eu encontrei exatamente o oposto.

Mas talvez ele esteja certo. Talvez haja luz na escuridão. E talvez eu posso encontrar esperança dentro de sua verdade miserável.

É então que eu percebo uma coisa. Esse não é o fim. A angústia está apenas começando. A maneira que eu lido com isso vai se tornar meu único meio de sobreviver.

* * *

É a primeira noite em muito tempo que eu sonho com a minha mãe. Seu cabelo longo e escuro cai logo abaixo dos seus ombros, acentuando o vestido decotado que ela está usando. Ela ri com os homens que ela está falando, casualmente brincando com a sua bebida. Às vezes ela casualmente toca nos braços deles ou mexe em seu cabelo. Com os meus braços cruzados, eu a observo à distância. A música e conversa de outras pessoas não bloqueiam as conversas fascinantes que eu sei que ela está tendo. Há quatro deles, todos concentrados nela como se ela fosse a estrela do show. Isso não me surpreende nem um pouco. Não por causa do fato de que ela organizou este evento de caridade, mas porque é assim que sempre acontece, não importa onde ela está. Homens migram para o lado dela como se ela

fosse mel e eles são as abelhas. Quando ela pisca para um deles, eu rolo meus olhos e olho para longe.

Eu não posso ver isso por mais tempo. Irritada, eu coloco a minha própria bebida sobre a mesa atrás de mim e tento marchar em direção a ela. Eu preciso tirá-la dos holofotes antes que ela faça algo que ela pode se arrepender. Não é a primeira vez que ela tenta trair meu pai. Um beijo foi o suficiente; eu não vou permitir que ela inflija mais dor. De jeito nenhum eu vou deixá-la arruinar sua chance com ele novamente. O álcool nunca foi uma escolha sábia para a minha mãe.

Enquanto eu faço o meu caminho através da multidão, alguém agarra a minha mão. Eu me viro, pronta para rosnar e me soltar, mas eu sou pega de surpresa por seus belos olhos azuis. Meu lábios abrem, mas não sai nada. Eu não posso falar, hipnotizada pela forma como ele segura seu olhar unicamente em mim. Seu cabelo loiro está dobrado para trás em um rabo de cavalo, o rosto rígido, mas seu sorriso cativante. De certa forma, ele parece tanto assustador como charmoso. Eu não tenho certeza do que pensar.

— Não interrompa, — diz ele.

— Por que não?

— Porque você não quer ser pega no meio. — o jeito que ele fala tem um efeito estonteante em mim, como se ele estivesse me controlando apenas com palavras.

— Apanhada no meio de quê?

Ele se inclina. — Perigo.

A forma como o seus olhos brilham faz com que os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiem.

— Corra... — ele sussurra. — Saia daqui. Fique longe dela tão rápido quanto você pode e não olhe para trás. Faça o que quiser... não volte para casa.

O medo se instala em meus olhos enquanto eu ergo minha mão solta e viro a cabeça de volta para minha mãe. Eu não sei o que ele quer dizer, mas é o suficiente para me fazer querer ir lá e trazê-la para casa comigo agora. O que ele quis dizer? E quem é ele?

Quando eu olho em volta para ele, ele se foi. Desapareceu no meio da multidão.

Seja lá o que foi, não importa. Mesmo se ele estiver certo, eu não quero ouvir. Eu amo minha mãe... Eu nunca iria deixá-la ou meu pai. Ignorar seu conselho é a escolha mais fácil, porque eu não posso imaginar não voltar para casa.

Foi a primeira de uma série de más escolhas.

As paredes piscam e o chão treme debaixo dos meus pés. Tudo desaparece e eu caio em um abismo sem fim na terra. No entanto, eu não pouso no chão. Em vez disso, eu me encontro no quarto principal da minha casa. Meu pai se encontra doente na cama. O momento que eu vou até ele, meu coração afunda em meus sapatos. Seu rosto está pálido; seu cabelo vermelho caiu sobre os lençóis e travesseiro. Um balde cheio de vômito está sob sua cama. Em sua mesa de cabeceira está uma caixa cheia de anti-inflamatórios, juntamente com um par de garrafas cheias de água. Ele mal consegue abrir os olhos. As dores de cabeça são demais para ele suportar. Eu posso ver isso a partir do olhar tenso em seu rosto. Ainda assim, ele encontra a energia para olhar para mim e murmurar *'eu te amo'*. As lágrimas brotam em meus olhos com a visão dele. Seus últimos dias. Eu quero abraçá-lo, mas meus pés estão cimentadas no chão. Não posso me mover.

O quarto gira e gira, até que as paredes estão escuras e a luz é apagada. De repente, eu estou na sala de estar. A televisão está ligada, bloqueando os excruciantes ruídos que meu pai faz. Eu ando até a minha mãe assistindo a um filme com um homem gordo, barbudo. Um dos homens do evento de caridade. Os dedos dele estão enroladas em torno do joelho dela, as mãos em sua cintura, deslizando por baixo da camisa dela. O sorriso falso estampado no rosto dela me faz querer gritar.

Na verdade, eu faço. Meus pulmões machucam pelo som que emana de meu corpo. Eu grito até meus ouvidos parecem estar começando a sangrar. Meus olhos estão arregalados. Me sento reta, meu coração batendo tão forte que eu sinto que está prestes a estourar do meu peito. Estou coberta de suor, os cobertores colando em meu corpo. Alguém entra no meu quarto e corre em direção a mim, colocando a mão na minha testa. — Você está bem?

Eu ainda estou muito abalada para falar. Minha respiração está ofegante quando eu olho em volta e digo a mim mesma para lembrar onde eu sou. Meus músculos da garganta apertam, e é difícil de respirar. A simples memória de meu pai me leva às lágrimas. E só de pensar em minha mãe... faz meu coração parar.

Vozes vêm em minha cabeça. Sussurros na escuridão, me chamando.

— *Aproxime-se, filha. Venha ver como ela é linda agora.*

Tudo o que vejo na minha frente é sangue manchando o chão e pele avermelhada girando pelo ar. Sangue. Tecido. Carne. Minha respiração trava na minha garganta. Eu tento engolir, mas engasgo com minha própria saliva. Em pânico, eu grito de novo, empurrando os cobertores e o homem para longe. — Não! — eu grito.

Eu sou agarrada e empurrada contra a parede. — Pare.

— Não! — eu grito, lutando para sair.

Braços me sufocam, envolvendo todo o meu corpo. Eu sinto um cheiro familiar e foco no meu único meio de escapar da insanidade. Eu não posso. Eu não posso lidar com isso...

Soluços escapam da minha boca enquanto eu tento respirar. Lágrimas correm pelo meu rosto, e eu sinto o calor que emana de nós dois. É ele - Sebastian. Só agora percebo onde estou. Em sua casa.

Suas mãos estão acariciando minhas costas, me dando tapinhas gentilmente enquanto ele me silencia. — Acalme-se. — sua voz é calma e reconfortante. Eu relaxo meus músculos e me deixo ir em seus braços. Meu rosto pressiona em sua camisa, meu nariz inalando o cheiro dele, tentando lembrar o homem que me salvou de tudo. Ele está aqui, ele deve estar. Isso tem que ser ele. Não há outro jeito, e eu não vou aceitar um não como resposta. Eu não seria capaz de lidar se não fosse verdade.

Então eu o deixo me abraçar e me confortar. Eu envolvo meus braços em torno dele, chorando em sua camisa, deixando cada pedaço de emoção correr para fora de mim. Ele não fala, e eu não sinto a necessidade de fazer isso também. Tudo que eu preciso é de suas mãos quentes me acariciando, seu corpo pressionado ao meu. Sua respiração regulando a minha. Seus músculos fortes tranquilizantes. Seus lábios macios aliviam o stress no meu coração. Intimidade.

Eu acalmo em seu aconchego. Neste momento, ela é necessária. Eu não esqueci o que ele fez comigo ontem à noite. Me lembro da maneira fodida que ele alegou meu corpo como dele. E, no entanto, isso não me perturba agora. Eu já ultrapassei o ponto de desgosto e em um lugar onde eu posso aceitar suas falhas.

Não importa como ele torce minhas palavras, como ele evoca uma mentira atrás da outra, como ele me rebaixa para seu próprio prazer... Eu ainda preciso dele. Eu preciso de seu amor para emendar os pedaços da minha alma.

Quando eu choco, ele se move para trás e agarra meu braço, uma mão cobrindo meu rosto. — Foi apenas um sonho.

Eu tento acreditar nele. Eu gostaria que fosse apenas um sonho. Que pena que esse não é o caso. Suas palavras de antes se repetem mais e mais na minha cabeça, até que eu começo a acreditar nisso. — *Os médicos não dizem para não acreditar em contos de fadas?*

Isso porque eles não existem.

Capítulo treze

Canção de acompanhamento: 'Running Up That Hill' por Placebo

LILITH

Providence, Rhode Island - 01 de maio de 2013, de manhã

Sebastian se levanta, pega o seu celular tocando no bolso.

— Sim, aqui é Sebastian Brand. Você quer vir para cá hoje? Certo. Ok, obrigado. — ele coloca de volta no bolso e se vira para mim.

— Fique na cama. Eu já volto. — ele sai do quarto.

Eu não sinto a necessidade de desobedecer. Eu acho que é uma opção mais segura agora. Para passar o tempo, eu observo o relógio gigante pendurado na parede. Este quarto é muito grande, agora que eu realmente tenho tempo de olhar ao redor. Tal como o resto do apartamento, há janelas em todos os lugares, e os pisos de madeira escura trazem um belo contraste com as paredes brancas. Mesmo aqui, o mobiliário é composto por apenas preto e branco. Há quase zero cor nesta casa, a tal ponto que é assustador.

Quando Sebastian volta para o quarto, eu estou surpresa de encontrá-lo com uma bandeja nas mãos. Tem cheiro de café moído na hora e eu posso ver os waffles da cama, fazendo com que a minha boca fique cheia de água. Com um sorriso, ele traz para mim, a coloca na cama na minha frente e põe o café na mesa ao lado da cama.

— Eu imaginei que café da manhã na cama faria você se sentir melhor.

Eu tento formar um sorriso com meus lábios. — Obrigada, senhor Brand.

— Sebastian está bem. — ele olha para mim e limpa a garganta. — Por enquanto.

— Sebastian, — repito.

Por um momento, apenas olhamos um para o outro e um momento de silêncio desconfortável passa entre nós.

Seus olhos olham ao redor como se ele não soubesse o que fazer com eles. — Quando você terminar o seu prato, você pode sair e passear ao redor da casa. Eu tenho que trabalhar. Mas por favor, não tente escapar. Como eu disse, tenho que trabalhar.

— Espere, — eu digo, pegando sua mão quando ele se levanta. — Trabalhar?

— Eu ainda estarei aqui, não se preocupe com isso. Eu vou limpar um pouco.

— Você não tem uma empregada?

Ele dá de ombros. — Mandei ela para casa, por enquanto.

— Por quê? — eu franzo a testa, curiosa por sua resposta.

— Porque eu pensei que seria agradável passar algum tempo a sós com você.

E então ele se levanta e sai pela porta. Sem outras palavras, apenas um clique da porta e depois o silêncio. Estou perplexa. Que homem poderia fazer tais coisas abomináveis a uma mulher e de repente se importar em gastar tempo com ela, quer que ela se sinta bem, e que coma o café da manhã... bagunça minha cabeça. Este homem é realmente um mistério para mim.

Eu percebo que não há porque contemplar as razões para suas ações, no entanto. Eu suponho que a lógica virá com o tempo. Por enquanto, satisfazer o meu estômago roncando é mais importante então eu começo a comer e fico impressionada, muito para meu gosto. A comida que ele faz é fantástica. Eu não sei o que Conchita fez antes de ela sair, ou se ele realmente passou algum tempo na cozinha, mas com certeza é muito melhor que a comida que tinham na instituição.

Quanto mais eu como, melhor me sinto, e logo eu esqueço tudo sobre o pesadelo. Isso é o que sempre acontece quando ocorre algo ruim; eu bloqueio e finjo que nunca existiu.

Quando termino, eu coloco tudo de volta na bandeja e saio da cama. Meu corpo nu me enfrentando no espelho quase me faz derrubar a bandeja, mas eu a seguro a tempo. As contusões no meu pescoço e entre as minhas pernas são assustadoras. Por alguma razão, eu me sinto forte olhando para elas. Como se eu tivesse sobrevivido a algo importante, capaz de suportar o pior. Como uma espécie de troféu. Eu não deveria olhar para isso por muito tempo, porque eu estou quase começando a me sentir orgulhosa disso. Corando, eu pego o roupão pendurado na parede ao lado dele e o coloco. A textura macia é confortável na minha pele quando eu saio pela porta com a bandeja.

No meio da sala, em frente a mesa, no ponto exato onde minha cadeira estava ontem, Sebastian está limpando. Em suas mãos e joelhos, ele esfrega o tapete rigorosamente. O sabão faz espuma por baixo da escova empurrando profundamente no tapete branco, manchado com o que eu acredito que são coisas derramadas de ontem à noite. Fluidos corporais que deixaram uma marca permanente em sua casa. Ele não parece muito feliz com isso. Suas sobrancelhas quase tocam uma na outra enquanto ele trabalha incansavelmente, suor escorrendo pela sua testa. Quando ele me nota, ele olha para cima, se limpando.

Eu limpo minha garganta. — Obrigada por isso.

— Espero que esteja bom.

— Sim. Você fez isso?

— Sim, na verdade. Eu cozinho, as vezes, mas não frequentemente. Só para convidados especiais. — o pequeno sorriso que ele me dá faz minha pele formigar. Não deveria acontecer, mas acontece. Quase sinto vergonha de admitir isso para mim mesma.

Ele para de limpar por um segundo e aponta para a porta atrás de mim. — Você pode colocar a bandeja sobre a mesa; vou levar para a cozinha depois. Vá tomar banho.

Concordo com a cabeça, indo suavemente até a mesa, leve como uma pena para não irritá-lo. Depois de me observar por um segundo, ele continua esfregando o chão. A maneira como ele empurra a escova através do tapete me faz pensar que ele está tentando cavar um buraco

no chão. Até mesmo os pontos mais ínfimos obtêm um tratamento áspero. Ele com certeza não gosta de limpar as coisas.

Eu vou para o chuveiro onde eu fecho a porta e respiro fundo. Estou sozinha comigo mesma, que não é uma tarefa fácil. Faz minha mente girar com ideias e pensamentos. Memórias de ontem à noite, quando ele me forçou a tomar banho, e agora está esperando que eu faça o mesmo. Eu agora percebo que a liberdade é um presente que não deve ser desperdiçado. Quando eu entro para o chuveiro e deixo a água cair em cima de mim, eu reflito sobre por que eu faço isso para mim mesma. Por que eu o deixei me machucar do jeito que ele fez. Por que eu não estou tão irritada como eu pensei que estaria. Talvez seja um modo de sobrevivência, o que me faz evitar qualquer dor desnecessária. Ou talvez seja o meu coração que ainda está ansiando por ele, pelo homem que minha mente conhecia.

Quando eu saio do chuveiro novamente, estou mais confusa do que quando eu entrei. Um vestido com estampa de floral que não estava lá antes está pendurado na porta. Eu o coloco, como eu suspeito que é o que ele quer e o que eu tenho esperado dele. Eu olho para mim mesma no espelho e escovo meu cabelo com o pente, na tentativa de uma boa aparência. Eu não faço isso por ele, eu faço para mim mesma. Eu quero ser bonita pelo menos uma vez. Olhando para mim mesma, tentando fica mais bonita, me faz esquecer de todas as coisas que uma pessoa normal chamaria de insano. Pela primeira vez, eu quero ser normal, como todo mundo. Mesmo que seja tudo uma mentira.

Eu quero quebrar esse espelho em pedaços, mas eu não faço isso. Não seria apropriado. Isso não iria me manter a salvo. Então eu escolho a melhor opção e saio pela porta.

Para minha surpresa, eu encontro Sebastian sentado em uma cadeira com um tabuleiro de xadrez na frente dele e outra cadeira no lado oposto. Com um rosto rígido, ele olha para cima e acena para que eu me aproxime. Quando eu ando em direção a ele, meus olhos vão em direção ao lugar que ele estava limpando. Está impecável, nada fora do comum. Apenas simplicidade chata de preto e branco. Insípido de todas as provas de que ele abusou de mim na noite passada. Apertando os olhos, eu o olho diretamente nos olhos, cerrando as minhas mãos em punhos. Raiva corre em minhas veias. Se é para ele ou para os outros, ele está tentando encobrir. Fazendo parecer que isso nunca aconteceu. Bem, ele não pode apagar os hematomas no meu corpo ou as cicatrizes em meu coração. O simples pensamento me dá poder. A vontade de reviver meu corpo.

— Sente-se, — diz ele, com os olhos piscando em direção à cadeira em frente a ele.

Relutantemente, eu me sento, cruzando os braços na minha frente. Seus lábios se curvam em um sorriso momentâneo antes de desaparecer novamente. Ele parece se divertir com meu renovado desafio.

— Nunca desiste, não é?

— Não. — eu me inclino em minha cadeira.

— Então você ainda está com a intenção de lutar contra mim?

— Enquanto você me manter como prisioneira.

— Hmmm... — há uma pausa. Ele pega as peças de xadrez e as coloca no tabuleiro. — Qual é a razão para você vir atrás de mim, senhorita Carrigan? Eu estive curioso sobre isso desde o início de sua visita.

— Eu não estou visitando. Eu tinha a intenção de... estar com você.

— Como o quê?

Minhas bochechas ficam vermelhas. — Eu não sei.

Ele abafa uma risada. — Como uma amante, você quer dizer?

— Você sabe o que eu quero dizer. Tanto faz. Não importa mais.

— Oh, mas importa para mim.

Eu levanto uma sobrancelha. — Por quê? Você já tem o que você queria.

— Pelo contrário. Eu queria que você tivesse ido, lembra? Mas eu acho que essa é a opção mais segura.

— Para você, — eu zombo.

— Touché. — ele pisca como se isso fosse algum tipo de piada. Eu não estou rindo. — De onde é que você vem, Senhorita Carrigan?

— Por que você se importa?

— Me responda. — sua voz fica mais sombria como o estalar de um dedo. Eu sei que estou pisando em gelo fino, se eu não fizer o que ele diz. Eu prefiro mantê-lo como um amigo agora.

— Em algum lugar que eu não quero estar mais.

— Certo... e você me conhece como?

— Sei quem é você? Um... — meus poros se tornam suados. — Você meio que me salvou de... alguma coisa.

— Salvei você... — ele balança a cabeça, franzindo a testa. — Certo. Do que exatamente?

Eu corro, meus olhos descendo para a mesa. — Eu... eu não sei, na verdade.

— Por que você não sabe?

— Porque eu não me lembro, ok? — eu suspiro. — Não é algo que eu quero me lembrar de qualquer maneira.

— Você se esqueceu de propósito ou é outra coisa?

— Outra coisa.

— Certo... — ele coloca a última peça de xadrez sobre a mesa e encosta em sua cadeira. — Então me deixe ver se entendi... Eu te salvei de algo que você não se lembra, e isso deixou você em frangalhos. Estou certo?

Eu tremo pela maneira como ele diz isso, tão clinicamente. Esta é a minha vida que estamos falando. Realmente parece loucura agora.

— Me parece que você tem um caso grave de trauma acontecendo.

Ele bate o direito prego na cabeça.

Eu engulo, sem saber como responder.

Seus lábios se contorcem. — Eu estou certo, não estou?

— E daí?

— Vou te dizer, senhorita Carrigan, você não tem que me contar de onde você é. Eu vou descobrir mais cedo ou mais tarde.

Isso soa como uma ameaça.

Ele limpa a garganta. — Mas sei que eu vou chegar ao fundo disto. Vou descobrir por que você está tão empenhada em estar comigo.

— Eu não.

— Não mais, mas você estava definitivamente interessada em mim.

Eu faço uma careta. — Isso foi antes de eu descobrir quão cruel você pode ser.

— Cruel... Eu não gosto dessa palavra.

— Eu não gosto de você.

Ele sorri. — Vamos mudar isso.

Eu rio. — Boa sorte.

— Obrigado, mas eu não vou precisar disso. Eu sei que eu já fiz uma impressão inesquecível.

— Sim, você fez, senhor Brand. Sim, você fez.

— Não há mentira que você pode me dizer que explicaria a forma como você se contorcia para mim na noite passada. Quão molhada você estava quando eu lambi sua buceta. *Ou* o quão duro você gozou quando minha porra jorrou em sua boca. Você pode me dizer o que quiser, senhorita Carrigan, mas eu não vou acreditar. Eu sei o que vi. Seu corpo ainda anseia por mim, mesmo depois de todas as coisas que você me acusou.

— Isso é um absurdo. Eu não sou uma mentirosa.

— Talvez não, mas eu posso dizer claramente que você não pode parar de me querer. E isso é bom. Vou cuidar de todas as suas necessidades, incluindo as da sua buceta.

— Pare com isso, — eu assobio, tentando não pensar sobre o quão bom foi ter os seus dedos me sondando ontem à noite. Como eu ansiava por seu pau, mesmo que ele me usou como uma escrava. Só não é certo sequer pensar nisso.

— Por que você está tão disposta a olhar o passado de sua moral? Faz você se sentir desconfortável falar sobre a inegável atração entre nós? Isso te faz ferver de raiva que eu sei qual efeito exatamente eu tenho em seu corpo e sua mente? Que, no final, você almeja a escuridão, mesmo que isso possa significar que você vai perder a sua dignidade?

Eu franzo a testa, fechando minha boca. Seu sorriso diabólico me diz que ele acha que está certo. Talvez ele esteja, mas eu não vou reconhecer isso.

— Negação só vai funcionar até um ponto, — diz ele.

— Pelo menos vai me manter focada.

— No que?

— Fugir do seu alcance miserável.

Ele ri. — E se eu te disser que você poderia estar livre se você tivesse me obedecido?

Eu estreito meus olhos. — Você está mentindo.

— Não. Posso te assegurar, estou falando a verdade.

— Por que eu iria acreditar em você?

Ele se inclina para frente. — Porque eu sou a chave para sua recuperação.

Eu viro a minha cabeça. Eu não acredito nele. Isso é real? Como ele saberia como curar meu trauma? Independentemente disso, a minha curiosidade está aguçada. — Como?

Um sorriso malicioso se forma no seu rosto. — Eu vou te dizer... se você jogar este jogo de xadrez comigo.

Eu suspiro. — Sério?

— Você está com medo que eu poderia ganhar?

Não, eu acho que ele tem cartas nas mangas que eu não estou ansiosa para descobrir. — Qual é o problema?

Ele planta o cotovelo na cadeira e descansa a cabeça no indicador e o dedo médio. — Vamos fazer uma aposta. Se você ganhar, vou te dizer tudo que há para saber sobre mim.

Agora ele está falando. — Interessante...

— Se eu ganhar, você vai se entregar completamente. Sua alma. Seu corpo. Sua mente.

— De jeito nenhum. — eu rio. — Eu não sou uma tola, senhor Brand; eu sei quando estão brincando comigo.

— E eu vou te ajudar a encontrar as respostas para a sua perda de memória. Curar o seu trauma. Te fazer inteira de novo.

Eu contemplo por um momento. — E se eu recusar?

— Você não pode. — ele sorri, inclinando a cabeça para o outro lado, como se isso fosse algum tipo de jogo engraçado para ele.

— Bem, então eu acho que não tenho escolha a não ser jogar, — eu digo, pegando uma peça de xadrez branco. Que coincidência eu estar jogando com branco e ele com preto. Que ironia.

— Só mais um segundo, senhorita Carrigan. Tenho mais uma regra para adicionar.

— Qual é?

— Vamos fazer isso um pouco mais interessante, não é? Com cada movimento, vamos contar um ao outro um pouco sobre nós mesmos. Tem que ser algo até então desconhecido.

Eu rio. — Você está brincando, certo? Por que você quer saber alguma coisa sobre mim, uma mulher que perseguiu você?

— Estou feliz que você está finalmente admitindo o seu comportamento de perseguição. No entanto, apesar do que você pode pensar, você me intriga. Eu poderia te manter como uma prisioneira em minha casa, mas isso não significa que eu não quero te conhecer. Pelo contrário... é melhor conhecer o seu prisioneiro, mesmo que apenas para fazer a transição mais fácil.

— Você quer usar essas informações contra mim, para que possa obter o controle total?

— Possivelmente. Embora, eu poderia acrescentar que você teria o mesmo poder sobre mim. Isto não é um bate-papo unidirecional. Eu realmente quero te conhecer melhor. Afinal... Eu gostaria de ser capaz de te dar prazer em mais maneiras do que uma e te dar qualquer coisa que você deseja.

Perplexa, eu espero antes de eu colocar a minha peça no tabuleiro. Ele parece verdadeiramente genuíno.

— Tudo bem, eu conto. Mas você começa.

— Como quiser, — diz ele, inclinando a cabeça antes de agarrar um peça e colocá-la no tabuleiro. — Eu tomo conta de um clube.

— Que tipo de clube?

Ele balança a dedo. — Ah-ah, senhorita Carrigan. Sem perguntas. Apenas respostas.

Eu suspiro e reviro os olhos. — Tudo bem. — eu coloco a peça de xadrez no tabuleiro. — Eu costumava estudar fotografia.

— Costumava?

— Ah-ah, nada de pergunta, senhor Brand, — eu digo, levantando uma sobrancelha descaradamente.

— Você esquece que *eu* faço as regras nesta casa. Mas, por agora, eu vou deixar essa passar. — ele pega outro peça e a coloca no tabuleiro. — Gosto de limpar.

— Sim, eu pude ver isso, — eu fungo.

— Responda de novo e eu *vou* fazer você me dizer tudo o que eu perguntar, incluindo todos os pequenos segredos sujos que você não quer derramar. Agora... jogue o jogo de acordo com as regras.

Jesus... ele com certeza ama fazer suas regras.

Bem. Se ele quer jogar sujo, ele vai se sujar. — Eu reconheço esse broche que você está usando. — eu aponto para lá.

Ele franze a testa, olhando para mim, então abaixa a cabeça para olhar para o broche. Ele parece momentaneamente perturbado antes de tirar e enfiar a mão no bolso.

— Eu aposto que você está se perguntando como. Pena que você não me permite explicar. É contra as regras questionar ou responder. — Eu coloco a peça firmemente no tabuleiro. — Sua vez.

Capítulo catorze

Música de acompanhamento: 'Animals' por Muse

SEBASTIAN

Providence, Rhode Island - 01 de maio de 2013, de manhã

Claro, eu não ganhei. Não havia outra conclusão lógica. A partir do momento em que ela mexeu seu primeiro peão, eu sabia para onde o jogo iria, sabia qual a peça que eu tinha que mexer para prendê-la e vencê-la em seu próprio jogo. No entanto, eu queria que ela ganhasse. Eu queria ver o brilho em seu rosto, o brilho em seus olhos, e o sorriso brilhante em seus lábios quando ela colocou a última peça selecionada metodicamente em cima do tabuleiro. Ela precisava vencer, para que eu pudesse começar a ajudá-la. Eu poderia ser um bastardo egoísta arrogante, mas eu estou muito interessado em tomar conta dela. Afinal... ela é minha prisioneira.

Ela provavelmente pensou que esta era uma maneira fácil de tirar fatos da minha boca. Ela pensou errado. Há tanta coisa que eu vou dizer a ela... pequenas coisas sem importância sobre mim, como o fato de que eu não gosto de comida picante, que eu prefiro roupa casual, que possuo uma biblioteca, e que o amor da minha vida é livros. Que eu gosto de caça e prefiro algo preto ou branco à cor. Mas estes são todos atributos insignificantes. Eles só mostram os meus gostos e desgostos, mas eles não mostram a verdade sobre mim. Sobre todas as coisas horríveis que eu fiz e continuarei fazendo.

Não, este pequeno jogo foi feito para ela aprender a confiar em mim novamente. Independentemente do fato de que todos eles são pequenos pedaços inúteis sobre mim, a ela faz uma diferença, porque

eu falo a verdade. Verdade significa confiança. E a confiança significa obediência, que é exatamente o que estou buscando.

Eu mostrei algumas das minhas qualidades ocultas, assim como ela. Eu aprendi que ela gosta de perfume floral, Coca Diet, batom vermelho, chá de morango, cor vermelha em geral, e que ela gosta de sair. Ela gosta das estações do ano, adora viajar, gosta de tirar fotos de tudo, queria se tornar um artista, e ela tem um amor por pinturas. Seu pai não morreu muito tempo atrás, o que é interessante, e ela saiu de férias para esquecer tudo. Ela se recusou a falar sobre sua mãe, no entanto. Estou curioso para saber se eu posso levá-la a me dizer, se eu posso fazê-la enfrentar seu passado, para que ela possa ir além de seu trauma. É a única maneira de realmente libertá-la de novo e ter certeza que ela estará segura... não apenas de mim, mas de tudo o que está lá fora.

— Então... quando é que você vai me contar mais sobre si mesmo? — ela pergunta, arrumando o tabuleiro de xadrez e as peças.

— Me surpreende que você está realmente interessada.

— Claro. Se eu sou sua prisioneira, eu poderia muito bem conhecer o meu captor. Não é bom não saber nada.

— Verdade. — eu acho que ela tem intenção de usá-lo contra mim.

Eu pego o meu telefone e verifico se há mensagens. Nada. Eu acho que eles estão indo devagar hoje. Que alívio.

Quando a campainha toca, meus olhos imediatamente vão para a porta, assim como os dela. Merda, ele veio cedo. — Se esconda. Agora.

— Por quê? — ela diz, franzindo a testa.

Eu agarro seu braço e a empurro em direção ao quarto. Não há pressa porque, ao contrário dela, eu sei que não sou a única pessoa que tem entrada em minha casa. Eu esqueci de mencionar esse fato puramente por sua segurança. No entanto, este homem não é nenhum amigo. Se ele fosse vê-la, poderia frustrar todos os meus planos. Eu não vou deixar isso acontecer.

Com força, eu a empurro para o quarto. — Ei! — ela protesta.

— Fique aqui, — eu digo, tentando fechar a porta, mas ela continua empurrando sobre ela.

— Quem é? Você me disse que eu podia andar livremente, por que você está tentando me esconder?

Merda, eu não tenho tempo para isso. Em um esforço para mantê-la quieta, eu pego as algemas do armário e as coloco em torno de seus pulsos. Eu me esforço para mantê-la dentro enquanto ela luta incansavelmente. Enquanto isso, a campainha continua tocar.

— Estou indo! — eu grito.

— Me solta! — ela grita. — Eu não vou fazer isso de novo.

— Oh, sim, você vai, — eu digo, a puxando para o quarto. Eu a jogo na cama, chegando a uma toalha pendurada na parede, e envolvo em torno de sua cabeça dentro de alguns segundos. Ela grita, mas eu encho um pouco em sua boca, abafando seus sons.

— Shhh... fique quieta. Não faça um som... ou outra coisa. — eu tiro a faca do bolso novamente, chegando perto de seu rosto em uma tentativa de acalmá-la. Eu queria que esta não fosse a única maneira que eu poderia fazê-la para me ouvir, mas eu acho que é tarde demais para isso agora.

— Eu sinto muito, senhorita Carrigan, mas regras são regras, e se você desobedecê-las, vou te amarrar. — eu saio, enfiando a faca de volta no bolso e tirando uma chave. — Eu vou deixar você sair quando isto acabar.

— Hmmm! — ela geme através do pano, caindo na cama. Seus olhos me seguem quando eu rapidamente fecho a porta atrás de mim e bloqueio. Eu ando até a porta da frente e ajusto minha gravata, me certificando de que eu pareço adequado antes de abrir a porta.

— Por que você demorou tanto? — diz ele, passando por mim.

— Olá para você também, Sam.

Eu fecho a porta e ando atrás dele. — Eu não estou aqui para jogar conversa fora, Sebastian. Surgiu uma coisa.

Eu paro na frente dele, observando a porta para o quarto onde a senhorita Carrigan está. Há uma pequena fenda entre a porta e o batente, e ela está espiando através dela. Com meus olhos, eu a ameaço.

Sam agarra uma cadeira. — Ouça, o hospital está em coerção.

— O que aconteceu? — pergunto, plantando as palmas das mãos sobre a mesa.

— Você sabe a garota que estava constantemente falando sobre você, Carrigan, a que eu avisei?

— O que tem ela? — meus olhos cintilam para a porta do quarto por apenas um segundo, mas é o suficiente para eu ver seus olhos através da pequena abertura. Eu sei que ela pode ouvir a conversa através da porta. Ela está nos observando, seus olhos ficando mais amplos com cada palavra.

— Escute, eu não quero sobrecarregá-lo com isso, mas... ela escapou da instituição.

— Sêrio? — eu digo, franzindo a testa.

— Sim, e uma vez que ela tem uma obsessão ultrajante por você, eu pensei que seria melhor chegar até você primeiro. Eu ia te atualizar, mas parece que você está bem. Ela veio te ver? Ela tem sardas, cabelos ruivos, e se parece um pouco descuidada.

Eu engulo, meus olhos mudando entre Sam e a senhorita Carrigan. Interessante. Eu acho que essa conversa está verdadeiramente tomando um magnífico rumo. Eu posso usar isso a meu favor... de uma forma tão ruim.

Capítulo quinze

Música de acompanhamento: 'Animal' por Muse

LILITH

Um nó se forma no meu estômago. O homem que eu vejo não é outro senão Doutor Bailey.

O que ele está fazendo aqui?

Como ele conhece Sebastian?

Isso é algum tipo de conspiração?

Eu posso ouvi-los falar através da porta. Os olhos de Sebastian constantemente encontram os meus, o seu rosto escurecendo a cada segundo. Meu coração está batendo como um tambor, enquanto eu assisto os homens falarem. Outro humano nesta casa significa que há uma maneira para eu fugir, se eu pudesse sair dessas algemas. Eu empurro e puxo, empurro e puxo, mas não adianta. Eu não posso abrir essa porta sem a chave nem posso tirar essas malditas algemas. Eu preciso sair. Eu não posso ouvir outra palavra do que dizem. E se Sebastian falar de mim? Eu não quero voltar para o hospital. Tudo menos isso. Se Doutor Bailey me encontrar aqui, estou morta.

Medo corre pelas minhas veias enquanto eu assisto os lábios de Sebastian rastejar em um sorriso quando ele pisca os olhos para mim e depois de volta para Doutor Bailey novamente. Ah não. O que ele vai fazer? Ele sabe... ele sabe!

— Não, ela não veio para mim ainda. Tem certeza de que ela está lá fora? — eu o ouvi dizer. Meu coração palpita.

— Sim, não foi possível encontrá-la em qualquer lugar, e nós bloqueamos todas as enfermarias apenas no caso.

— Isso é uma notícia preocupante.

— De fato. Você deve ser cuidadoso. Você não sabe do que ela é capaz.

— Ela é a única com a história de trauma?

— Sim, eu acredito que sim. Tem certeza de que não a viu em algum lugar? Ela poderia ter sido imperceptível; ela tem um talento especial para se fazer quase invisível. Sempre quieta.

— Não, eu não a vi ainda, mas se eu vir, eu vou ter certeza de que você saiba. — a maneira como ele diz isso é tão falso e tão crível. E ele usa essa mesma voz em mim também. Jesus, eu não posso acreditar que eu me apaixonei por ele uma vez.

— Bem, eu só queria que você soubesse, apenas no caso de você vê-la, faça contato comigo imediatamente.

— Eu irei.

— Tudo bem, obrigado. — Doutor Bailey... ele é tão estúpido como eu sou, porque ele está saindo pela porta como se ele acreditasse em Sebastian também.

Bem, não que eu me importe; eu quero que ele vá mais do que eu o quero aqui. Se ele me ver, ele pode me arrastar para fora daqui e me leve de volta para a instituição. Essa é a última coisa que eu quero. Então eu fico quieta até que a porta se fecha novamente e os barulhos desapareceram completamente.

Depois de algum tempo, a chave é empurrada para dentro da fechadura. Eu recuo. O barulho me enerva, e quando a porta se abre, eu paro de respirar por um segundo, à espera das palavras passarem por seus lábios. Sua cabeça está abaixada, seus olhos me observando de debaixo para cima.

— Eu sei o seu pequeno segredo, senhorita Carrigan.

Eu engulo, dando um passo para trás. Ele entra no quarto e suavemente fecha a porta atrás de si.

— Venha até mim. Não há nenhum lugar para se esconder.

Eu balanço minha cabeça e tento falar através do pano na minha boca. — Como você conhece Doutor Bailey? Que tipo de jogo louco você está jogando aqui?

Ele dá um passo mais perto. — Ele é apenas um amigo meu. Não que isso importe para você. Eu sei de onde você é.

Minha respiração se torna pesada neste pano, adrenalina corre nas minhas veias. — Não.

— Você acha que poderia manter isso escondido por muito tempo? Que eu não iria descobrir que você era aquela garota no hospital, secretamente querendo ir atrás de mim? — ele sorri. — Sim, eu sabia que você fugiu da instituição. Sam é um bom amigo meu. Ele me disse há muito tempo que havia uma menina no hospital psiquiátrico no qual ele trabalha que era obcecada por mim. Eu achei bem interessante.

Eu cuspo o pano um pouco. — E ainda assim você me perguntou?

— Eu estava testando a sua fé em mim. Você falhou. — ele franze a testa. — Que pena que você mentiu.

— Fique longe! — eu grito, recuando até chegar à janela.

Ele ri. — Não há necessidade de pânico. Eu sabia o tempo todo que você era *aquela* garota. Sam tinha me dito sobre você há muito tempo... o quão perigosa você é... Claro, essa é a sua percepção. Eu acho que você é uma mulher bonita que perdeu sua chama, procurando desesperadamente por alguém acender o fogo dela novamente. — ele segura a mão. — E eu posso fazer isso por você.

— Não... — murmuro. — Eu não acredito em você. — meu coração está quase saindo do meu peito. Eu olho por cima do meu ombro para a janela, pensando se eu posso erguê-la e saltar, se há alguma borda.

— Você deveria. Você é um perigo para si mesma e para mim, mas eu posso ajudar a corrigir isso. Eu vou te manter segura. Escondida. Longe deles.

Meus lábios tremem. — Por quê? O que há nisso para você?

Seus lábios abrem, sua língua se lança para fora, e ele lambe os lábios lentamente. — Controle.

Meus olhos se arregalaram e eu me viro, apontando para a janela com as mãos algemadas em uma tentativa desesperada de fugir. Eu grito quando ele envolve seus braços em volta de mim e me empurra contra o vidro. — Você não pode fugir, senhorita Carrigan. Esta casa está selada. — eu chuto, mas não adianta. Eu não posso alcançá-lo, e ele me tem em um canto. Merda!

— Pare de lutar contra mim, — diz ele. — Você não pode vencer isso.

— O que você vai fazer comigo?

— Eu ainda não decidi. Embora eu esteja muito curioso sobre por que você estava na instituição, para começar. Talvez eu possa te ajudar com isso.

— Não... — uma rajada fria percorre meu corpo. — Não, você não faria isso.

— Não faria o quê? Te enviar de volta para lá? — ele brinca em meus ouvidos.

— Por favor... — eu relaxo meus músculos, tentando mostrar a ele que eu não vou lutar mais.

— Eu poderia te mandar de volta lá, — ele murmura. — Um telefonema e você estaria de volta naquele hospital. Eles vão te trancar para sempre desta vez.

— Não, por favor, não faça isso. Eu não posso voltar para lá.

Ele me agarra mais apertado. — Então o que você está disposta a fazer por isso?

— Qualquer coisa, — eu sussurro, minha respiração quente criando um nevoeiro no vidro. — Eu não quero voltar para lá.

— Você tem certeza? Eles poderiam te ajudar.

— Eu não preciso de ajuda.

— Você precisa sim, mas você não quer isso deles. — ele respira no meu ouvido, o ar quente contra o meu lóbulo. — Você quer isso de mim.

— Sim. — a palavra rasteja acima do poço negro na minha alma. É a verdade.

Ele sorri, seus dentes perto da minha pele. — Você precisa de mim. É por isso que você tão desesperadamente se agarrou a mim. Não é?

— Sim.

— Mas você me traz perigo. Eu não posso ter isso.

— Não me faça voltar lá. Por favor, — eu choramingo.

— Então você sabe que enquanto eu te manter aqui, eu estou fazendo um favor, — diz ele, a voz baixa e cheia de intenções sombrias.

Eu engulo o gosto amargo na minha boca. Sua mão desliza pelo meu braço para o meu pescoço, me segurando, me forçando a olhar para fora. — Este mundo poderia ser seu, Srta. Carrigan. Se você aprender a me obedecer, você não terá que voltar para lá. Isso é o que você quer, certo? Ser livre?

Eu assinto, lentamente no início, e depois mais rápido.

— Você pode ficar... comigo. Se você fizer o que eu digo, eu vou te levar para fora, em algum momento. Você gostaria disso?

Em um esforço para fazê-lo esquecer a instituição, eu assinto.

— Bom... — ele escova meu cabelo de lado e planta um beijo no meu pescoço. — E em troca, você vai ser minha fada. Oferecer seu corpo para mim, senhorita Carrigan... me deixar te assolar de maneiras que você só fantasiou. Me deixar fazer você gozar apenas com a minha voz. Me deixar conquistar o seu interior, reclamar o seu corpo, mente e alma como minha para tomar e usar.

— Você quer que eu seja uma escrava? — eu pergunto.

— Minha. Eu quero que você seja minha. Se dê para mim, livremente, mesmo que isso vá contra tudo o que você acha que é bom. Estar comigo será pecaminoso... sombrio... ruim em todos os sentidos... e eu vou encher cada buraco doloroso em sua bela alma quebrada. Eu posso consertar você... mas primeiro, eu vou te quebrar. — ele lambe a minha pele, sua língua úmida traçando uma linha do meu ombro à minha orelha, antes de morder suavemente. — Sim, senhorita Carrigan. Me obedeça. Me anseie. Me tente. Vou te dar um animal em troca.

Sua mão se move para o pano que ele amarrou por trás da minha cabeça e desata. Quando a coisa se vai, eu solto um suspiro de alívio.

— Vê isso? — diz ele, apontando para a janela. — A liberdade está ao seu alcance. Diga sim. Eu prometo que vou te ajudar a encontrar as respostas que você está procurando... e eu prometo que vou fazer os seus mais loucos e sombrios desejos se tornarem realidade. — ele planta um beijo brincalhão no meu ombro, suave e rápido, como se estivesse apreciando isso. Meus olhos estão paralisados no mundo que

está além deste vidro. Eu estou olhando diretamente para a liberdade, sabendo que eu darei isso em troca da minha vida.

A escolha entre dois males - um menor que o outro.

A escolha é simples.

Nunca foi uma questão de se, mas quando. Estou me tornando um brinquedo de Sebastian. Um brinquedo. Um animal de estimação. E não há nada que eu possa fazer além de esperar que um dia esta submissão vá me trazer a salvação.

— Sim.

Capítulo dezesseis

Música de acompanhamento: 'Cupido' por Huts

SEBASTIAN

Sala de Reuniões, Genesis. Providence, Rhode Island - 08 de maio de 2013, ao meio-dia

Arthur gira o copo de conhaque nas mãos. — Você já fez algum progresso?

— Sim, como uma questão de fato, eu fiz, — eu digo, abaixando meu próprio copo. O suor escorre pelas minhas costas, mas eu tento manter minha compostura.

— Eu gostaria de ver.

— Você quer uma prova? — eu franzo a testa, inclinando minha cabeça. — Desde quando é que mostramos a prova um para o outro?

— Desde que eu não confio em você mais, — Hubert exclama.

— Desde quando você confia em mim? — eu cuspo.

— Qual é, — diz Arthur. — Não há necessidade de começar a discutir. Apenas nos mostre o que você tem.

Ignorando a carranca de Hubert, eu me levanto da minha cadeira e pego o laptop da minha bolsa, conecto à tela grande que projeta tudo sobre a parede da frente, logo acima da lareira. Eu abro um arquivo e pulo para a parte que eu acho que é a melhor. Engolindo em seco, eu clico em play, sem tirar os olhos da tela.

— Hmmm... — Arthur murmura enquanto ele observa. — É ela?

— Sim.

— E este é...? — Lewis pergunta.

— Quarto oitenta e sete.

— Oh... esse. — Arthur sorri. — Eu gosto desse.

— Vejo tudo o que estava no livro aplicado. Bom trabalho. — Arthur pigarreia. — Eu acho que nós já vimos o suficiente.

Eu imediatamente puxo o plugue do laptop que o conecta à tela. Eles não precisam ver mais. É o suficiente para provar meu ponto.

— Eu teria gostado de ver um pouco mais de ação, embora, — diz Hubert.

— Qual é, deixe o menino completar sua missão, — diz Lewis.

— Eu ainda não acredito que ele fez isso.

— Você a viu, — eu estalo. — Eu não estou mentindo. O que mais você quer de mim?

— Pare, brigas o suficiente por hoje, — diz Arthur. — Hubert, dê a Sebastian alguma folga. Você sabe que ele é apenas um novato. Tudo bem se ele levar mais tempo. Você se lembra de como era começar.

— Eu adorei! — diz Hubert.

— Eu nunca disse que não, — eu digo, para me fazer menos um alvo.

— Vê? Ele gosta. — Arthur faz uma careta. — Pare de incomodar. Nós devemos todos nos concentrar apenas em nossas próprias tarefas.

— Eu, por exemplo, mal posso esperar para concluir este livro, — diz Lewis, com um largo sorriso em um livro que ele está segurando como uma espécie de tesouro. — Eu tenho outro compromisso com o Sr. X amanhã.

— Você está deixando ele fazer todo o trabalho? — Hubert pergunta.

— Oh, pare; estou velho demais para levantar um dedo. — Lewis ri. — Além disso, é melhor deixar o trabalho sujo para os mais jovens como você.

— Ei! — Hubert exclama. — Eu serei amaldiçoado se eu tivesse limpado sua sujeira.

— Senhores... — Arthur adverte.

Hubert suspira quando ele se levanta de sua cadeira. — Bem, eu estou fora daqui.

— Certo. Chega de conversa. Senhores... todos vocês têm seus livros? — diz Arthur.

Todos eles mostram seus livros, os segurando na frente de seus corpos para mostrar um para o outro. Todos acenam com a cabeça. Em seguida, seguimos para a saída. É assim que sempre acontece. Ninguém sai desta sala sem um livro, e ninguém sai dos Genesis sem abrir mão de sua vida.

Eu entro no elevador, esperando ansiosamente até atingir o andar inferior antes de correr para fora da biblioteca. Eu abro a porta para a limusine que está estacionada em frente e ansiosamente entro. Ela ainda está lá - esperando por mim. Isso ainda me surpreende até hoje, mesmo que eu sei que ela não pode ir a qualquer lugar. É quase como se eu estivesse esperando que ela saísse. Eu sei que ela quer, mas eu não vou permitir isso. Ainda não, de qualquer maneira.

Uma braçadeira firmemente protege a porta. Ela solta um som alto quando eu fecho a porta e me sento.

— Como foi?

— Como foi o quê?

— Seu encontro.

— Ah, certo. — eu puxo meu colarinho, tentando afastar a sensação desconfortável que eu tenho. — Bom. Bom...

— Parece que não era tão grande.

Eu suspiro. — Eu não quero falar sobre isso. — eu bato no vidro entre o motorista e nós, para que ele ligue o carro e dirija de volta para casa. Eu mal posso esperar para voltar.

— Certo, como posso me fazer parar de questionar o que diabos você faz lá em cima?

— É uma biblioteca. Eu trabalho lá.

— E você tem encontros com homens importantes que você quer que eu não saiba nada.

— Eu disse a você, eu não quero falar sobre isso.

— Bem, eu quero. Se estou vou sua prisioneira para sempre, você poderia, pelo menos, me deixar saber o que é que você está fazendo. Como você disse ‘eu gostaria de te conhecer’.

— Eu disse não! — eu grito.

Ela se mexe em sua cadeira, de costas contra a janela, seus olhos grandes e assustados.

Deixo escapar outro suspiro e balanço a cabeça. — Eu sinto muito, senhorita Carrigan, eu não quero descontar em você. Mas por favor, não tente testar a minha paciência. Eu tenho tolerância zero.

— Eu posso ver isso, — diz ela. — Pena, porque eu estava realmente interessada.

Eu sorrio para ela. Eu não tenho certeza se ela está brincando, se ela está tentando algo em mim ou se ela fala a verdade. No entanto, ela está certa. A fim de confiar em mim, ela precisa ver mais sobre mim.

— Vou te dizer uma coisa. Eu vou te mostrar os quartos.

— Os quartos?

— Sim... os quartos...

— Onde?

— Você vai ver. — eu sorrio diabolicamente enquanto ela aperta os olhos os olhos, curiosa demais para resistir. Isso significa que vai ser mais fácil acompanhá-la a partir do carro de volta para dentro do prédio se escapar não é a única coisa em sua mente. Ela vai estar interessado no que eu posso mostrar a ela. Talvez, se eu mostrar a ela o suficiente sobre mim mesmo, ela vai aprender a obedecer-me completamente... no tempo. Um passo de cada vez.

Os olhos dela derivam, as mãos cruzadas sobre o colo, acariciando delicadamente seu vestido. Ela está usando um vestido diferente a cada dia desde que ela veio morar comigo. É uma das minhas necessidades, e devo dizer que ela parece muito bem neles. Como uma dama com orgulho. Enquanto ela olha para fora da janela, ela vira a cabeça quando ela vê um pássaro voando acima de

nós e é encantador. A mais simples das coisas a consome. É uma visão maravilhosa.

Puxo meus olhos antes que se tornem muito apaixonados por ela. Eu não sei o que é que me atrai nela. Seu coração despedaçado e mente me ocupam completamente. Eu quero pegá-la e aprender sobre todas as pequenas coisas que fazem dela quem ela é. Descobrir todos os seus recantos, todos os pontos sensíveis em seu corpo, tudo o que a seduz. Eu imploro para conhecer os cantos mais escuros de sua mente, para encontrar aquilo que ela teme, para trazer isso para fora toda. Eu quero ser a pessoa a reagrupar todos os pedaços novamente e fazer o correr novamente. Talvez seja o fato de que eu posso moldá-la que me faz tão interessado nela. Depois de tudo... Eu sempre gosto do controle, e no mundo caótico que é a sua casa, é exatamente o que ela precisa.

Somos yin e yang. Forças opostas, atraindo e repelindo, mas a nossa ligação é inegável e forte.

Quando o carro chega no meu prédio, eu pulo para fora e caminho para o lado dela para destravar. Eu imediatamente coloco uma algema feita de pequenos anéis em seu pulso e a tranco em torno do meu.

— O que é isso? — ela pergunta.

— Minha coleira.

Ela franze a testa. — Coleira? Quer dizer, como um cachorro?

— Não... como um animal de estimação. — meus lábios se contorcem em um sorriso. — Minha linda fada. — minha mão levanta seu rosto, e eu pego uma mecha de seu cabelo vermelho, colocando-o atrás da orelha. Seu lábio puxa e ela levanta a sobrancelha, mas ela não faz nenhum som. Eu sei que ela quer protestar, mas eu também sei que é mais sensato para ela não fazer. Ela sabe os meus limites, seus limites. Ela está aprendendo rapidamente. — Não pense nisso como uma coleira. Pense nisso como uma tábua de salvação inseparável entre nós. Eu vou onde você vai, e você vai para onde eu vou. Sempre conectado com a pessoa que você possui.

— Você me tem. Eu não possuo você. Há uma diferença clara.

Eu sorrio. — Ah, mas você tem, Senhorita Carrigan. Você só não sabe disso ainda. — eu bato no meu peito, no lugar do meu coração está. — Aqui.

Ela bufa. — Não acredito nisso.

— Por que não? Você é uma mulher encantadora, quando você não está tentando me despedaçar por causa do que eu fiz. Você tem que saber que eu mantenho o que eu digo; eu posso te manter prisioneira, mas isso não significa que eu não acho que você é atraente. Charmosa. Sedutora. — quanto mais palavras eu adiciono, mais sua pele brilha. — Eu me importo com quem eu chamo de minha.

— Quantas já houve? — ela pergunta.

Nós caminhamos para o prédio. — Não muitas. Eu não costumo trazer mulheres para casa. Elas particularmente não desfrutam do mesmo tipo de paixão que eu.

Ela ri. — Vai entender.

— Você está rindo porque você não quer acreditar que você realmente gosta do meu tipo de sexo, ou porque você está envergonhada disso?

Ela franze a testa. — Eu não estou.

Eu levanto uma sobrancelha quando eu aperto o botão do elevador. — Sério? Porque esse rubor em seu rosto conta uma história tão diferente.

A algema entre nos se move, o puxão leve e irritante, mas tão erótico. Eu adoro quando ela puxa como se ela ainda pudesse manter sua independência. Ela cruza os braços e puxa para cima o nariz.

— Devemos entrar? — pergunto, segurando a minha mão. — Mulheres primeiro.

— Um cavalheiro para o mundo exterior... — ela murmura quando ela coloca seu pé em frente.

Eu dou um tapa bunda dela quando ela entra no elevador, a fazendo gritar. — Uma besta no quarto, — acrescento.

O olhar irritado em seu rosto é impagável quando eu paro ao lado dela, observando as portas se fecham. Eu pressiono o botão do meu andar e espero pacientemente que o elevador comece a se mover. Ela se mexe sobre seus pés, equilibrando entre os dedos dos pés e calcanhares, assobiando uma música que é familiar para mim. Muito familiar. O som me dá arrepios. Meu sangue ferve em raiva.

Antes que eu saiba, minha mão a prende contra a parede, em seu pescoço, sua respiração curta e arfada, enquanto ela sufoca sob a pressão.

É o som da morte.

Capítulo dezessete

Música de acompanhamento: 'XL-TT' por Hiroyuki Sawano

LILITH

Com uma mão, eu prendo seus dedos, minha outra arranhando seu rosto. Minha garganta está fechada, e eu sou incapaz de respirar. Eu estou suspensa no ar, lutando para me manter viva. Segundos parecem minutos, minha vida terminando enquanto o tempo passa. Minha cabeça está girando, mas eu sei que se eu não fizer alguma coisa agora, eu posso morrer. Eu estava preparada para desistir de minha liberdade pela segurança, mas eu não estou preparada para desistir da minha vida. Minha vida é minha e só minha para tomar.

— Cale a boca! — ele grita com raiva.

Admirada, eu chuto suas bolas.

Ele faz um som de 'oomph', e sua mão afrouxa seu aperto em mim, me permitindo que eu o empurre. Meus joelhos pousam no chão e eu chego até minha garganta, engasgando. Rastejando para cima, eu recuo para a porta, longe dele. Eu bato, desesperada para sair. Claro, isso não vai ajudar, mas eu tenho que tentar. Qualquer coisa para fugir. Não é seguro.

Eu ouço seus passos momentos antes dele me agarrar pela cintura, me empurrando contra a parede do elevador.

Eu grito quando ele coloca a mão sobre a minha boca, agarrando meus pulsos com força nas minhas costas. Não tenho para onde correr, nenhum lugar para me esconder deste monstro que muda de gelo frio para fúria em questão de segundos; uma besta que quer me machucar.

— Você tinha que ir e assobiar essa música, não é? — ele sussurra em meu ouvido, me fazendo choramingar. — Decisão errada.

Com fúria, ele empurra o meu vestido e arranca minha calcinha. Suas mão pega a minha bunda antes de eu perceber. Eu grito, quase mordendo a sua mão. Ele me bate, uma e outra vez, até que minha bunda está dolorida, e, em seguida, ele se move para a outra face. Lágrimas estão nos meus olhos enquanto eu me esforço para ficar parada, mas seus músculos são fortes demais para eu para lutar contra. Ele me prendeu em um canto, e eu estou esperando aguentar seu ataque implacável. Eu mordo o lábio para impedir as lágrimas de fluir, disposta a dar a ele a minha fraqueza. Eu não vou mostrar a ele. *Não* vou lamentar. Eu não mereço isso. Seja qual for o problema confuso que ele tem com essa canção que eu assobie não é meu problema; é dele.

Seus golpes se tornam cada vez mais duros, mais penoso do que qualquer coisa que eu senti antes. Minha pele queima e meus sentidos perdem o controle da dor. Eu me contorço no lugar, levando cada golpe após o outro até que eu não posso senti-lo por mais tempo. Depois de um tempo, sua respiração se acalma, assim como seus tapas.

— Você aprendeu sua lição? — ele pergunta.

Faço uma pausa, em seguida, aperto a minha cabeça.

Ele me cheira novamente, me fazendo sacudir para cima. — Porque? Por que você resiste? — ele dá um tapa na minha outra face. — Você quer que isso continue?

Eu balanço minha cabeça novamente.

— Então por que você não escuta? Hã? Eu poderia bater em você até que você sangue, sem tabus. Eu poderia continuar até que você não seria capaz de suportar. Você pode *morrer*. Até que ponto você está disposta a ir?

Ele tira a mão da minha boca lentamente. — Me responda.

— Até que você diga que está arrependido.

— Para que?

— Você nunca me disse que eu não podia assobiar. Você nunca me avisou que isso iria acontecer. Eu não sei nem mesmo o que eu fiz de errado. Você me sufocou e então você me agrediu. Você deve ser o único a dizer que sente muito.

Por um momento ele fica quieto e então eu sinto o aperto em meus braços diminuindo a ponto dele se mover completamente. Minha

respiração está quente, acalmando a minha pele. Eu ainda não consigo sentir uma coisa em torno de minha bunda, e minhas pernas estão bambas pela dor, mas não mexo um músculo. Eu não viro. Eu não vou o encaro. Ele não merece o meu olhar.

— Eu devia ter te contado antes.

— Sim você deveria. E você tem o direito de me tocar desse jeito.

— Eu tenho todo o direito de te ensinar a me obedecer.

— Esta é a minha vida.

— Esse é o meu corpo agora, — diz ele. — E eu vou fazer com ele o que eu quiser.

— A ponto de me matar?

— Se eu precisar.

Eu gemo contra a parede. — Você é nojento.

Ele abafa uma risada. — Você está certa... eu sou.

Ele fica em silêncio novamente, e então a coisa mais peculiar acontece. Ele me abraça. Ele me abraça por trás. — Eu acho que eu sou o único maluco.

— Sim... sim, você é, — eu sussurro depois de um tempo de estar sendo abraçada. Eu não entendo uma coisa sobre Sebastian mais. Seus braços embrulham em torno de meu corpo, apertando o ar para fora de mim antes dele recuar novamente e tomar um grande gole de ar.

Rangendo os dentes, ele passa os dedos pelo cabelo. — Deus... Eu estou tão... tão fodidamente com raiva... o tempo todo. E agora eu bati em você.

— Porque? O que há de tão errado em assobiar?

— Você não... se lembra de onde você escutou isso?

— N-não... — eu hesitei. Estou com muito medo de admitir que eu não sei como esta música me veio à cabeça. Ainda assim... isso me sufoca.

— Por que é que isso faz você querer me machucar?

Ele suspira. — Eu não poderia te dizer, mesmo se eu quisesse.

— Por que você não quer?

— Porque não é seguro, parar nenhum de nós... — ele respira no meu pescoço, plantando um beijo em meu ombro.

— Eu sinto muito, minha pequena fada. Eu deveria ter avisado... para você não me deixar com raiva.

Ele coloca outro beijo úmido na minha pele. Eu tento ficar parada e ignorar a dor na minha bunda. — Eu sou um monstro, mas eu não quero ser. Me ajude a me tornar um homem melhor. Me deixe cuidar de você. Eu quero fazer isso direito. — sua mão se move para minhas costas, alisando o vestido. Quando ele chega à minha bunda, dói, e eu assobio quando ele suavemente acaricia.

— Dói?

— Sim, — eu digo.

Ele agarra minha bunda e aperta, pondo a pele em chamas. — Pode doer... de um jeito bom, se você deixar.

— Você me bateu. Isso não é bom.

— Você está certa, não é bom. Eu não sou bom. Mas nem você. Nós dois somos mal... tão ruins... que somos perfeitos um para o outro.

— Perfeito para uma vida sem liberdade... — murmuro, ainda tremendo de seu toque.

— A liberdade pode ser alcançada em mais de um sentido, — ele cantarola. — Me deixe te mostrar.

Ele me fuça, me cheirar, antes de plantar mais um beijo no meu ombro. — Eu devo admitir, eu estou começando a amar a sua presença, senhorita Carrigan.

— Fico feliz que um de nós está.

— Oh, qual é, você não pode realmente acreditar que você não sente uma coisa, certo?

— Eu sinto dor. Raiva. Tristeza. Não amor.

— A dor pode se tornar prazer, se você deixar, — diz ele, esfregando minha bunda. — Sua raiva me mostra onde isso está errado. Sua tristeza me mostra onde eu posso consertar as coisas.

— Eu queria amor, — eu digo, repetindo o que eu disse a mim mesma uma e outra vez.

— Não... você me queria, — ele murmura perto do meu ouvido. Seu corpo pressiona contra o meu, seu pau pica a minha bunda. — E eu vou fazer tudo ao meu alcance para fazer você se lembrar disso. — ele me puxa para longe da parede quando as portas do elevador se abrem. No entanto, não estamos em seu andar.

— Para onde estamos indo? — pergunto quando ele me leva pelo corredor, deixando minha calcinha no elevador.

— Eu vou te mostrar mais sobre mim.

— Do lado de fora do seu apartamento?

— Todo este edifício me pertence.

A maneira como ele diz isso, como não significasse nada que ele tem uma enorme riqueza e poder, envia espinhos pelo meu couro cabeludo. Eu tento não sentir intimidada quando ele me mostra as fileiras e fileiras de portas numeradas, cada uma com uma etiqueta sobre elas, tentando me lembrar de tudo que eu vejo. Os rótulos me confundem; eles não fazem sentido.

Circo. Leilão. Beira-mar. Zoo. Fazenda. Floresta. Hospital. Ao lado da piscina. Açougue. Cinema. Corpo de Bombeiros. Loja de doces. Escola. Padaria. Delegacia de polícia. Um zilhão de lugares, nunca o mesmo. Cada lado tem uma pequena janela através da qual eu posso ver o quarto. Os rótulos coincidem com o que está dentro; todos eles se parecem com sets de filmagem.

Meus olhos se arregalam quando eu olho dentro do quarto de Necrotério. Sangue está em toda parte.

Eu suspiro, mas antes que eu possa gritar, Sebastian coloca a mão sobre a minha boca. — Não. Ninguém pode saber que você está aqui. Se você quiser saber mais, fique quieta. — ele espera até depois de eu acenar com a cabeça antes de tirar sua mão.

— O que é isso? — eu pergunto em estado de choque.

— Sangue falso, — diz ele rapidamente. — Mais importante, eu tenho um clube exclusivo. Estes quartos são todos parte disso.

— O que eu deveria estar pensando agora? — eu digo, apontando para a cruz de madeira no chão do quarto *Igreja*. Há algemas de metal ligados a ele, e na parede ao lado está um rack cheio com açoites.

— Um clube para aqueles que gostam de viver suas fantasias, — diz ele.

— Como um Clube BDSM?

— Não. Nós não somos mestres, Doms, ou Senhores, ou qualquer coisa desse tipo. Nós não obedecemos a regras, e isso nem sempre é seguro, são e consensual. Como eu disse, é bastante... exclusivo.

Eu engulo. Não admira que Sebastian agiu da maneira que ele fez quando ele me levou para casa. É o que ele está acostumado - alegar meninas sem permissão. Sem regras. Sem fronteiras. Apenas homens selvagens e mulheres luxuriosas.

Tomando minha mão, ele me orienta pelo corredor. Cada corredor leva a mais portas, como um labirinto sem fim.

— Quantos destes quartos existem?

— Cerca de quinhentos.

— Puta merda...

Ele ri. — Eu disse que existe em mim mais coisas do que parece.

— Então, você não só é um bibliotecário, mas você também é dono de um clube? — eu zombo.

— Há mais. Eu simplesmente coleto itens importantes e únicos, satisfaço todas as necessidades dos meus clientes, e me certifico de categorizar tudo corretamente. Os livros são o meu primeiro amor. Curar é o meu segundo.

— Interessante... então... você gasta muito tempo aqui? — eu questiono, me perguntando o que eu deveria imaginar quando se trata de uma cena nestes quartos.

Ele me olha por cima do ombro e gentilmente sorri. — Mais do que eu gostaria. Mas, principalmente, a tendência para o clube. Eu preferiria vir aqui com uma senhora bonita como você ao meu lado.

Ele para na frente de uma porta. Quando eu leio o rótulo, meu corpo congela. *Livraria*.

Eu olho para dentro, mas meus olhos realmente não registram o fato de que este é exatamente o mesmo quarto que eu estava na primeira vez que Sebastian me sequestrou. O dia em que ele me fez acreditar que havia homens me olhando enquanto eu me dava prazer.

— Isto é...

— Sim, senhorita Carrigan. Este é o lugar. — ele geme. — Oh... eu tenho essas lembranças emocionantes neste quarto.

Eu tento ignorar a voz na minha cabeça que diz '*vídeo de sexo*' porque este não é o momento nem o lugar certo, mas eu não consigo parar de pensar nisso. — Era em seu prédio o tempo todo.

— Eu mantive isso em segredo porque temia que você iria tentar vir aqui em sua própria vontade. — ele se vira para mim. — Me prometa que nunca virá aqui a menos que seja comigo.

— Por quê?

— Sem perguntas. Me responda, — diz ele com a voz rouca.

— Eu não vou vir aqui, eu prometo.

— Não deixe ninguém te trazer aqui. Nunca. Você entende?

— Sim, senhor Brand.

Ele deixa escapar um suspiro de alívio. — Bom. Eu confio em você em sua palavra. É para sua própria proteção.

— Por que você está me mostrando tudo se é tão perigoso?

— Porque você deve conhecer seu captor antes de confiar nele com sua vida, — diz ele. — Agora, venha. — ele segura minha mão.

Timidamente, eu entro. Parece que eu estou fazendo um salto enorme em um buraco negro. Eu não tenho nenhuma ideia de onde isso vai me levar - se ele vai me manter segura ou se ele vai me amarrar novamente em um piscar de olhos - mas devo confiar no meu coração, e meu coração me diz que eu deveria continuar. Eu preciso saber sobre os segredos que se escondem nos cantos destes edifícios, dentro dos restos de sua alma.

Eu engulo o carço na minha garganta enquanto Sebastian puxa minha mão. Ele para perto de uma porta diferente, na outra extremidade do corredor. O rótulo diz *Sala de jogos infantis*. O que eu vejo quando eu espio pela janela faz o meu corpo ficar rígido, e os meus pés frios... tão, tão frios. Tremendo, eu esmago meus lábios para evitar o grito de escapar de meus pulmões.

Sebastian abre a porta e me puxa para dentro. Meus pés cavam o chão, mas ele me arrasta, independentemente.

— Não... — eu digo.

— Sim, venha para dentro, — diz ele, me empurrando até que eu estou passando pela porta e ele pode fechar. Eu tento me virar, mas é tarde demais. A porta já está fechada. Ele apenas colocou a chave no bolso.

— Qual é o problema, senhorita Carrigan? — ele pergunta com um sorriso no rosto. Suas mãos agarram meu ombro e gira em torno de mim, me forçando a olhar para a cena a frente.

Há centenas deles espalhados por toda a sala. Grandes, pequenos, macios. Aterrorizantes.

Eu tenho que sair. Eu tenho que sair daqui.

Eu não sinto nada além do medo paralisante.

Se afaste. Se afaste!

Sebastian me segura em seus braços, envolvendo-os firmemente em torno de mim, me impedindo de me mover. — Não me diga que você está com medo de coelhinhos de pelúcia?

Tremendo, eu fecho meus olhos. Eu não posso vê-los, não posso olhar para eles sem pensar sobre os eventos terríveis que eu não quero me lembrar.

Pele.

Sangue.

Restos mortais.

Eu grito, mas a mão de Sebastian está mais uma vez em volta da minha garganta. — Pare. Ninguém vai te ouvir aqui. Este quarto está selado; nenhum som pode escapar deste lugar. — ele se inclina para perto do meu ouvido, alertando todos os meus sentidos. — Você e eu vamos ter um pequeno jogo aqui.

Capítulo dezoito

Música de acompanhamento: 'Body Electric' por Lana Del Rey

LILITH

Quarto 115. Providence, Rhode Island - 08 de maio de 2013

Com seu aperto firme em volta do meu braço, a porta trancada, e sem janelas, não há nenhuma maneira de sair. Eu bloqueio os bichos de pelúcia que eu posso ver com o canto do meu olho e me concentro no que está à frente. Hora do jogo significa que ele vai me reclamar agora. Não há negociação. Ele toma o que quer e quando quer. Há duas opções. Ele me usar e me levar de qualquer maneira que quiser, aceitar tudo o que vem com ele, para que ele fique satisfeito e possa me deixar ir, se eu não reagir. Ou eu posso lutar com ele e esperar que eu saia dessa viva. Eu acho que a primeira opção é a mais segura, independentemente do que ele vai fazer para a minha dignidade, minha autoestima.

Eu sei o que está vindo agora. Eu já vi isso vindo. Desde que ele tinha me testado para doenças sexualmente transmissíveis e me forçou a colocar um DIU. Talvez não vá ser tão ruim quanto da última vez. Isso é o que eu digo a mim mesma, de qualquer maneira. Eu tento não pensar sobre o fato de que ele tentou me sufocar no elevador.

Seja qual for as fodidas razões pelas quais ele tem prazer em fazer o que ele faz, eu vou descobrir o que está por trás de tudo. É a minha única maneira de sair dessa bagunça.

Ele me leva para um dispositivo no meio do quarto. Parece um banco em duas partes com um espaço vazio no meio, e há algemas

presas às extremidades. Um gancho paira no ar acima, cordas pendurado no metal. Eu tremo com a visão.

— De joelhos. — seu comando é rápido, mas atado com raiva. — E fique abaixada.

Como eu vou para os meus joelhos, ele caminha para um rack pendurado na parede com todos os tipos de brinquedos, tais como açoitões, chibatadas, tesouras, facas e outras ferramentas que eu não quero saber. A dor me assusta. Gotas de suor escorrem pelas minhas costas quando ele volta, me intimidando com seus pés enquanto ele caminha atrás de mim. — Tire seu vestido.

Eu faço o que ele diz. Não há dúvida em minha mente que isso é errado, mas que outra escolha eu tenho? Então, eu arranco a única peça de roupa que estava entre ele e meu corpo frágil.

Com as duas mãos, ele agarra minha cabeça e me faz inclinar contra ele. Suas pernas são resistentes, duras contra a minha pele macia. Seus dedos acariciam minha bochecha e ele pega meu cabelo, quando ele geme de prazer. — Agora me diga... o que é sobre este quarto que te deixa tão desconfortável?

— Os coelhos, — eu deixo escapar.

Sinto uma dor lancinante no meu peito esquerdo. Eu grito de dor. Acariciando meus mamilos ele faz a queimadura se intensificar, pulsando por todo meu corpo. Eu posso sentir isso em todos os lugares. Chia. Queima. É uma sensação quente e fria ao mesmo tempo. Isso está me fazendo sentir delirante.

— Os coelhos, o quê?

— Os coelhos, senhor Brand.

Ele me acaricia um pouco mais. — Bom. Se você esquecer o meu nome, eu tenho que te punir. Agora... me conte tudo sobre estes coelhos e o que eles fazem com você.

— Eu não posso, senhor Brand.

— Por que não?

Uma lágrima se forma no meu olho, então eu os fecho na esperança de fazê-lo desaparecer. — Eu apenas não posso.

Ele me bate novamente, desta vez no outro seio. Eu recuo até suas calças, tentando me levantar, mas ele pega meu cabelo e me

obriga a ficar para baixo. — Sim você pode. Agora me diga, o que é que te incomoda tanto.

— Por que você me trouxe aqui?

Whack!

— Por favor... Eu não posso.

— Sim você pode. Se eu digo que você pode tomar isso, você pode, — ele rosna, batendo no meu mamilo até que ele está vermelho e inchado.

— Eu não entendo. Eu pensei que você queria fazer sexo comigo, e agora você quer falar sobre coelhos?

Ele me bate três vezes agora, cada vez mais duro que o anterior. Isto dói tanto que meus sentidos se enrolam. Meus músculos estão tensos, se preparando para o próximo golpe, mas ele nunca vem. Estou dolorosamente vazia como se eu estivesse esperando algo. Como se eu quisesse que isso acontecesse.

Absurdo.

— Eu faço as regras, não você. E confie em mim quando eu digo que eu *vou* transar com você. — ele puxa meu cabelo para trás, longe o suficiente para inclinar minha cabeça.— Olhe para eles. Agora me diga... o que você vê?

— Dor... — a palavra me deixa tonta.

Ele dá um tapinha na cabeça, golpes suaves escovam pelo meu cabelo. — Hmm... você se lembra daquele coelho que você recebeu no hospital psiquiátrico?

— Sim... — eu suspiro. — Foi seu, senhor Brand?

— Eu pensei que iria te animar e te ajudar a trabalhar com seus problemas. Te tornar um pouco menos obcecada por mim e te dar algo para se apegar. Depois, ouvi que você não apreciou o meu pequeno presente.

Oh, Deus. Eu não sabia que era ele. — Sinto muito, senhor Brand, eu não quis dizer isso-

— Shh... Chega. — ele diz, acariciando meu peito com o açoite, me lembrando que ele tem todo o poder. — Eu sei que você não fez isso de propósito. O problema subjacente é óbvio.

— O que quer dizer, senhor Brand? — pergunto.

— Você mal pode olhar para eles sem desligar. Eu sabia no momento que eu ouvi de Sam, do Doutor Bailey, o que você tinha feito com o animal de pelúcia que era tudo parte de seu trauma. Eu vou te ajudar com isso.

— Como?

— Te forçando a se lembrar.

Acho que o meu coração parou de bater por um segundo.

— Por favor, não...

Ele golpeia meu peito novamente. Eu assobio de dor. — Pare de me desafiar. Eu posso te ajudar se você me deixar assumir o controle. Tudo vai ficar melhor. — ele me acaricia com o açoite, movendo para baixo e para cima em toda a minha pele, causando uma névoa vertiginosa na minha cabeça porque eu estou esperando a dor e recebendo nenhuma.

— Confie em mim, senhorita Carrigan. Me deixe trocar uma dor por outra. Uma quente e escaldante dor tirará seus medos. Deixe a dor seduzir seu corpo, mente e alma. — ele puxa meu cabelo e me bate de novo, me fazendo guinchar. — Não lute contra isso. Sinta. Aceite isso. Adore.

Em suas calças, seu pau cresce, abaulando contra a minha cabeça enquanto ele me espanca com o açoite. — Abra as pernas, — diz ele, colocando o açoite entre elas. — Mais. Eu quero que você abra para mim. Molhada.

Suas palavras me fazem ansiar pelo amor que ele pôde me dar uma vez, quando eu ainda estava no hospital.

— Não pense sobre o que era ou o que poderia ter sido, — diz ele. — Concentre-se no aqui e agora. Você e eu. Este açoite e sua pele vermelha. A dor e a sua luxúria. — eu fecho os olhos e me concentro no som de sua voz, a calma delicada em que ela de repente prevalece. Eu não o ouvi falar assim antes, tão calmo. Ele quase me faz esquecer que eu sou uma prisioneira sob seu domínio.

De repente, ele puxa meu cabelo para trás, me fazendo arquear as costas. Ele se inclina e pressiona seus lábios firmemente contra os meus. Ele me beija, tão grosseiro e tão amorosamente, que ele tira o meu fôlego. Eu não me afasto. Eu não mordo. Eu não aperto e

empurro. Deixo que ele me beije, mais duro e mais apaixonado do que qualquer coisa que já experimentei antes. É como se esse beijo me dissesse que ele realmente quer ser meu. E quando ele assume meus lábios novamente, eu estou sentindo uma lascívia que eu não sabia que eu tinha.

Ele sorri, em seguida, me bate de novo com o açoite, me surpreendendo. Eu luto para manter minhas pernas abertas quando a onda me bate.

— Sua pele é tão bonita quando está vermelha, — ele sussurra. — Eu poderia te lambar agora, mais e mais até você brilhar como o sol. — quando ele planta um beijo na minha testa, eu sinto seu pau latejando em suas calças. Pelo menos o pau dele me diz a verdade; ele me quer. Queria saber se esta é a forma como ele expressa seu amor.

Ele dá um tapinha no meu cabelo e caminha em um círculo em volta de mim com um brilho nos olhos e um sorriso simples em seu rosto. Ele pega meu queixo e o levanta. — Mantenha sua cabeça erguida, pequena fada. Olhe para mim. Sua beleza me espanta. Não tente escondê-la. Seja orgulhosa. — meu lábio se anima em um pequeno sorriso pelo seu comentário. Depois de sentar aqui nua por um tempo, eu não me sinto tão insegura mais. Eu ainda temo o açoite em sua mão quando ele espalma na palma da mão. Ele coloca um pé entre as minhas coxas e olha para mim, uma aura escura em torno dele.

— Segure-se em mim, — diz ele com calma precisa.

Eu faço como ele diz, passando os braços em torno de sua perna, e deixo minha cabeça descansar contra sua canela. O calor do seu corpo irradia através de suas calças, me aquecendo no interior. De alguma forma me faz sentir à vontade. Meus mamilos esfregam contra o tecido, causando uma agonia doce. Eu não sei por que a dor aguda me faz querer abraçá-lo apertado, mas faz.

O sorriso estampado em seu rosto é tão alarmante como é erótico. Ele enrola o açoite sobre minhas costas, me lembrando do poder que ele detém, mas ainda impede de me espancar. Ele acaricia meu cabelo como um animal de estimação sentado em seu colo, a ponto de me relaxar. Por um momento, eu estou quase começando a me sentir contente só de estar aqui com ele, não ter que pensar sobre qualquer coisa além da sua mão me acariciando, me fazendo sentir melhor.

É uma indulgência pecaminosa que eu não deveria dar, mas eu faço.

Eu faço, porque eu preciso dele. Muito.

— Me diga como você se sente, — diz ele. — E não minta. Não irá te ajudar.

Eu não quero falar a verdade, mas eu sei que devo. Eu não quero admitir isso, mesmo que seja a verdade. — Melhor.

— Bom. Me veja como sua âncora. Um pilar para sustentar quando você fica assustada. Agarre-se à dor que eu te dar como você está agarrada a minha perna agora. Deixe ele despertar os desejos dentro de você. Deixe de lado seu medo e deixe o prazer assumir o controle. — ele se afasta. — Agora rasteje para o banco. — ele aponta para ele. Eu me movo em minhas mãos e joelhos em direção ao banco. Me sinto como um animal, rebaixado, e ainda assim minha mente está bem com tudo. É como se eu tivesse aceitado tudo que ele faz, mesmo achando isso nojento.

Em vez disso, eu me sinto como se eu estivesse rondando em direção a sensualidade, como um gato perseguindo o seu destino.

Quando o açoite acerta a minha bunda, eu gemo alto. Eu não esperava que a dor me despertasse tanto. Essa dor me excita, fazendo os nervos na minha buceta pegar fogo. Ele me bate de novo até que eu chego ao banco.

— Boa pequena fada... ronrone para mim, — diz ele. Eu gemo quando o açoite cai na minha bunda novamente. — Levante-se no banco. Uma perna de cada lado.

Eu me levanto para o banco e me posiciono. Minha bunda está sem jeito no ar, exposta, e quando ele começa a trancar minhas mãos no banco, eu sinto o calor subindo para minhas bochechas. Meu coração troveja quando ele algema meus tornozelos também. Ele abafa um gemido quando ele circula em torno de mim e, em seguida, caminha para o rack para pegar uma nova ferramenta. Outro plugue anal.

— Não se preocupe, pequena fada vermelha. Confie que eu vou cuidar de suas necessidades sexuais. Eu vou te trazer êxtase através da dor. — ele caminha de volta para minha bunda, e eu não posso fazer nada para detê-lo. Esfregando lubrificante em mim, ele me aquece antes de empurrar o dedo dentro. Espremendo as minhas próprias mãos, eu gemo quando ele empurra o dedo dentro e fora, me deixando acostumar com a ideia dele me foder. Eu senti a plenitude antes, mas cada vez é uma surpresa. Eu me sinto suja. Imunda por ele estar fazendo isso comigo. Desgostosa com meu próprio corpo por gostar. Minha buceta

aperta cada vez que ele faz isso, e quando o plugue anal entra em mim, meus sentidos saem do controle. Eu me sinto plena e esticada, mas, ao mesmo tempo, largamente aberta para ele usar. E de alguma forma, o pensamento disso me deixa quente e incomodada.

Droga. Estou me perdendo isso.

— Oh, sua bunda é tão perfeita, senhorita Carrigan, — ele rosna. — Perfeita para o meu pau. — ele me bate, e eu gemo, meu corpo empurrando para cima e para baixo nos apoios.— Você não concorda?

— Vá devagar...

Ele me bate com o açoite, duro. Meus olhos quase rolam para a parte de trás da minha cabeça.

— Eu não recebo ordens de você, Senhorita Carrigan. Você recebe ordens de mim. Você é minha para usar e foder como eu achar melhor, com os brinquedos que eu desejo ver no interior de seu corpo. Eu te digo o que fazer, e agora eu quero que você me diga como se sente ao ter o meu plugue em sua bunda. Fale a verdade ou eu vou te punir.

— Ótima... — murmuro. É a verdade. Eu odeio isso, mas é a verdade.

Ele mantém minha mente longe dos cantos mais escuros da minha mente. Estou completamente absorvida no momento, e é tudo que eu preciso agora. Esquecer sobre a vida... isso é tudo que eu preciso agora. Sua merda me faz esquecer.

O açoite bate na minha bunda novamente. — Mais alto.

— Ótima! — eu grito. — É tão bom, Senhor Brand.

Ele geme, acariciando minhas nádegas com a mão nua. — Um belo contraste entre essa sua bunda vermelha e sua pele branca. Eu vou fazer seu rosto ficar vermelho uma vez que eu acabar de foder você.

Engulo em seco, as suas palavras enviam choques pelo meu corpo. Seus dedos deslizam entre as minhas pernas, e eu me encontro arqueando para encontrar seu toque. Um único dedo desliza em minha buceta, me fazendo gemer.

— Hmmm... tão molhada. — ele planta um beijo na minha bunda. — Tão... pronta para mim.

Quando ele tira o dedo, eu estou com um desejo indesejável.

— Então... você disse que você não me quer mais por causa da maneira que eu sou ou o que eu fiz. Vamos mudar essa perspectiva, — diz ele. Antes que eu saiba, ele está entre as minhas pernas, debaixo de mim, me lambendo.

Eu ofego enquanto ele me lambe, sua língua incontrolável, deliciosa. Ele me dá beijos e lambidas em todos os lugares certos, me empurrando para o meu limite. Oh Deus, isso é quente. Minhas restrições me mantêm de me mover; me mantêm de pegar alguma coisa e me mover ao ritmo de sua língua. Jesus Cristo, isso está me deixando tão excitada. Meu cérebro culpado e estúpido está me dizendo que isso não é bom. Que eu deveria estar zangada com ele por me lamber. Deus, eu estou tão chateada que ele está me fazendo o querer tanto.

— Hmm... você tem um gosto tão doce. Eu poderia te lamber todos os dias e ainda não ter o suficiente, — ele cantarola. — Você está perto?

— Hmhm... — murmuro, mordendo meu lábio.

Ele dá um tapa em minha bunda, mas a dor reverbera na minha buceta, intensificando o prazer. — Doce Jesus, — eu grito.

— Sim, me diga o quanto você quer isso. Me diga o quanto você quer minha língua em todo dessa sua buceta.

— Eu quero... — eu ofego.

Quando ele bate a minha bunda, o plugue se move, e faz com que meu clitóris pulse. Ele chupa meu clitóris, o puxando, me fazendo gritar de dor e prazer. — Você quer gozar? — ele murmura contra minha buceta.

— Sim, — eu gemo. Desisto. É inútil. Eu não sou párea para isso.

— Ainda não, senhorita Carrigan. Eu quero que você me implore por mais.

— Por favor... me deixe gozar...

Ele abafa uma risada. — Eu vou fazer você me implorar para bater em sua bunda. Isso é como você vai gozar.

Ele me bate de novo, cada golpe mais duro do que antes, e eu aperto meus olhos fechados por causa da dor. Sua língua está me deixando tonta de desejo.

— Me implore, senhorita Carrigan. Implore para a dor.

— Por favor... me espanque. — as palavras saem em uma injúria.

Sua língua pressiona no meu clitóris, latejando pelo orgasmo iminente. — Agora goze enquanto eu bato em sua bunda. — sua boca desaparece da minha buceta antes do meu clímax. Quando sua mão bate na minha bunda, eu explodo. Minha respiração trava na minha garganta enquanto meu corpo se desfaz, se desfazendo de sua palmada. Sua provocação foi o suficiente para me trazer para o ponto de não retorno. Pior ainda, a surra só contribui para a intensidade do orgasmo. É tão bom; eu quase quero mais do mesmo, o que me faz acreditar que eu realmente perdi dessa vez.

Na verdade, eu quero que ele me bata, a fim de gozar ainda mais duro. Que tipo de pessoa fodida sou eu?

Ele ri, deslizando o dedo na minha buceta, me surpreendendo. — Que buceta molhada. Você merece uma recompensa por finalmente me obedecendo. — ele puxa o dedo para fora e esfrega na minha bunda, então ele para à minha frente. Eu vejo a protuberância em suas calças antes de eu perceber seus olhos olhando para mim. Ele desfaz zíper e tira seu pau. Eu acho que ele nunca usa cueca. Não admira que ele sempre exige que eu faça isso; é o que ele está acostumado.

— Abra sua boca. Mais. — ele desliza em seu pau antes de eu ter tempo para molhar meus lábios. Ele agarra meu rosto e desliza para dentro e fora de mim, me observando atentamente. Seus olhos quase perscrutam minha alma enquanto ele fode minha boca, tornando difícil olhar para longe. Meu clitóris ainda está latejando do orgasmo intenso que eu acabei de ter, e eu me sinto mal por ficar excitada novamente. Seu pau deslizando pela minha garganta é muito bom. Depois de todas essas noites sonhando com que isso acontecesse, eu não posso evitar em o querer. É uma fraqueza em mim que eu odeio agora, uma fraqueza por ele; o homem que eu considerava meu salvador, agora se transformou no vilão que ele realmente era. E ainda, eu desejo a sua aprovação, o seu amor, e a fuga que me oferece.

— Sim, senhorita Carrigan, você vê o quanto você gosta disso? Quanto você ainda me quer? — ele geme, empurrando para dentro e por fora. — Você entende que não há como escapar da sua necessidade? — eu quero tirar o sorriso do seu rosto. — Finalmente você parou de lutar e aceitou. Como um boa pequena fada. — ele tira seu pau da minha boca e empurra para fora de um pouco antes de mergulhar de volta até o fim. Em seguida, ele enxuga o excesso de saliva na minha bochecha e caminha para a minha bunda novamente.

— Você fez bem. Você aprendeu a aceitar a dor como um meio de obter prazer. Me agrade. Deixe meu pau duro para você, me faça querer gozar em cima de você. Me faça *querer* precisar de você.

— Mas senhor Brand, você já precisa de mim.

Ele ri. — Não, senhorita Carrigan. Isso é onde você está enganada. Você precisa de mim, a fim de preencher o vazio deixado para trás por seu trauma. Alguém a desejar e amar. Alguém que você pode confiar para te fazer inteira novamente depois de quebrar suas paredes. Eu não preciso de ninguém.

— Sim, você precisa. Você precisa de alguém para controlar, e você não terá nada menos. Não há um monte de mulheres que poderiam te dar isso.

— Mas você pode? — ele diz, enquanto puxa o plugue anal da minha bunda. Eu sou pego de surpresa, mas consigo segurar um gemido.

— Sim, — eu digo, lutando para recuperar o fôlego. — Eu te dou o que você precisa.

— Hmmm... — ele começa a lubrificar minha bunda novamente. — Você é uma mulher forte, eu te dar isso. Você pode pensar que você é fraca, mas eu discordo. Só uma mulher forte recebe a dor que eu ofereço e obtém prazer com isso. Admitir isso, significa que você está ciente de suas próprias fraquezas, mas você não vai deixá-las derrubar você. Você não sucumbe à subjugação moral, mas a um homem que está disposto a retirar as suas necessidades e medos mais sombrios e torná-los seus. Sim... Senhorita Carrigan... você está certa sobre essa parte. Precisamos um do outro.

Ele caminha para o meu rosto de novo e se inclina. — E eu acho que o que você precisa agora é ficar cara a cara com o seu medo. Eu não vou recuar. Seja forte. — de repente, ele coloca um coelho bem na minha frente. Meus olhos se arregalam.

— Não! — eu grito.

— Sim, olhe para ele.

— Não, eu não posso.

— Sim você pode. Agora abra os olhos e os mantenha no coelho. — ele agarra meu cabelo e puxa com tanta força que me obriga a abrir

os olhos. — Abra bem esses olhos bonitos. Não fazer isso irá resultar em punição.

Lágrimas se formaram nos meus olhos. — Por favor, não faça isso... — eu pensei que ele queria me foder. Eu teria estado ok com apenas foder. Mas isso ... isso é apenas tortura.

Ele ignora as minhas súplicas, e em vez disso, passa a mão na minha bunda de novo, empurrando a ponta de seu pau contra mim. Eu balanço minha cabeça, implorando. — Por favor, não me faça olhar.

Ele puxa meu cabelo, forçando minha cabeça a se erguer. — Abra. Seus. Olhos. Não os tire do coelho.

Ele empurra seu pau na minha bunda. Eu grito quando a dor é intensa, pior do que o plugue anal. É duro, e completo, e, oh, tão diferente de qualquer coisa que eu senti antes. Meus músculos tencionam e eu luto contra as restrições, tentando escapar dessa cena. Eu não quero ser forçada a olhar para aqueles coelhos malditos. Eu odeio eles. Odeio. Eu não tenho odiado algo tanto assim desde... desde... não, eu não posso ir lá.

— Por favor... — eu murmuro quando ele começa a me foder mais duro.

— Shhh... — diz ele. — Me deixe afirmar a sua bunda. — ele geme alto quando ele empurra dentro e fora, mais e mais rápido. — Porra, você tem uma bunda tão apertada, — ele rosna. — Mantenha os olhos no coelho. — ele puxa meu cabelo para trás. — Vê isso? É tudo o que está de pé entre mim e sua buceta. Eu não vou foder sua buceta molhada ainda, oh não, você tem que merecer primeiro.

— Como se eu quisesse isso! — eu deixo escapar com raiva.

Ele espanca minha bunda tão duro que uma lágrima escorre pelo meu rosto. — Pare de mentir, eu sei que sua buceta está desesperada por um pau, mas eu não vou dar a você a menos que você olhe para o coelho e me conte tudo. *Tudo*, senhorita Carrigan. Eu não vou aceitar nada menos.

Eu choramingo enquanto ele me fode incansavelmente, fazendo minha bunda doer e minha buceta mais úmida. Eu tento não olhar para o coelho e todas as lembranças que empurram para a superfície. Com cada impulso, ele me obriga a abrir minha mente, os pensamentos dolorosos que eu não quero me lembrar. Lágrimas correm agora, me enchendo com tristeza, raiva, dor. Luxúria deu lugar ao ódio enquanto

ele bate seu pau em mim. Eu odeio isso, eu odeio estar aqui, eu odeio tudo.

— Tome isso, — ele grita. — Tome meu pau em sua bunda suja e me conte tudo sobre seus segredos sujos.

— Vá se foder! — eu grito.

— Sim, sim, eu quero, e eu estou me divertindo completamente. Se você não me disser, eu vou gozar dentro de você. Você quer fazer isso, hein? Você quer meu esperma quente em seu pequeno buraco?

— Não! — eu grito, sacudindo sobre as restrições, mas não adianta. Eu sou confrontada com uma cena que eu não posso ignorar por mais tempo.

— Eu acho que eu vou ter que dar a você, desde que você não me ouve. Uma bunda gotejando de porra vai fazer você obedecer. Você está pronta para isso?

Antes que eu possa responder, ele empurra mais fundo, seu pau pulsando e, em seguida, explode na minha bunda. Seu sêmen quente jorra para dentro de mim, me enchendo quando ele ruga. Tensão aumenta no meu corpo quando ele gozar dentro de mim, puxando meu cabelo com tanta força que é impossível desviar os olhos do coelho de pelúcia. Eu quero jogar tudo fora. Os animais. Ele. Esse lugar. Até mesmo eu.

Eu estou chorando incontrolavelmente enquanto as memórias escoam em minha mente.

O sangue, o horror rastejando sob a minha pele quando eu testemunhar as cenas que tiveram lugar no meu passado. Um tapa na minha bunda traz todas as peças fodidas do quebra-cabeça.

— Me conte o que aconteceu. Me conte tudo! AGORA!

As palavras derramam para fora de mim como uma corrente de pensamentos puros. — Senhor Flufbuns. Meu coelho de estimação... eles o mataram. E então eles assassinaram minha mãe.

Capítulo dezenove

Música de acompanhamento: 'Chord Left' por Agnes Obel

LILITH

Woodstock, Connecticut - 29 de janeiro de 2013

Eu costumava ver o mundo com admiração. Aproveitei as músicas que os pássaros cantavam enquanto voavam sobre minha cabeça. Eu tirei a energia do vento soprando em minhas costas, me empurrando para a frente, gotas de chuva caindo na minha cabeça, folhas farfalhando em minhas pernas, o sol aquecendo a minha pele, o riso enchendo meus ouvidos. Eu poderia continuar ouvindo as coisas que eu amava - as coisas que as pessoas nunca tinha parado para pensar. Apenas ouvir. Parar e ouvir. Ouvir o zumbido mundo, o seu batimento cardíaco, a vida continua para sempre.

Eu queria captar tudo e mostrar a beleza deste mundo para as pessoas que a habitam. Minha câmera era meu melhor amiga. Nunca longe de mim, eu ao levava ao redor em toda parte, em qualquer lugar que eu poderia imaginar. Se era uma escola, a minha casa, a casa de um membro da família, o jardim zoológico, em férias, ou em qualquer outro lugar, minha câmera e eu éramos inseparáveis. Tirar fotos foi a minha maneira de testemunhar este mundo, aprender a amá-lo. Foi a minha maneira de esquecer a situação deplorável em casa.

Não foi até o relacionamento dos meus pais se deteriorar que eu vi o mundo exterior como um lugar que eu não queria viver mais. Minha família nunca foi sólida. Eu não percebi isso até que eu era velha o suficiente para ir para a faculdade, quando as rachaduras no seu amor começou a aparecer. Ir para a faculdade me afastou deles, e por sua

vez, eles se afastaram um do outro. Eu era o cola que os tinham mantido juntos.

Tentei não pensar nisso e foquei na faculdade, o que foi muito difícil. Eu senti falta do meu animal de estimação, o Senhor Flufbuns, muito. Ele tinha sido meu companheiro por muito tempo, mas eu não podia levá-lo comigo, então minha mãe cuidou dele. A única coisa que eu tinha para me animar durante os dias difíceis era a minha câmera. Meu pai sempre me visitou, minha mãe não. Ela e eu nunca tivemos o melhor relacionamento. Nós duas tínhamos um telefone, mas ela não se importava em usá-lo. Exceto por aquele telefonema.

O dia que eu ouvi que meu pai foi violentamente mal.

Quando descobri o quão ruim a situação dele era, eu não poderia continuar. De jeito nenhum. A faculdade foi colocada em banho-maria. Logo depois, meu pai morreu.

Nós nunca soubemos por que isso aconteceu ou até mesmo como.

Tudo o que eu sabia era que minha mãe nunca se importou. Nem um pouco.

Ou ela era melhor atriz do mundo. De qualquer forma, o meu mundo veio abaixo. Nada poderia ser pior do que isso. Ou assim eu pensei.

Que um telefonema dá a palavra ‘mal’ um significado totalmente diferente. *Mal* me diz para voltar para casa. Não é uma pergunta. Não há nem mesmo um *se* na minha mente. No momento em que minha mãe é mencionada, tudo desaba em cima de mim.

Férias com a minha melhor amiga Ashley vem a um fim abrupto e eu arrumo minhas malas imediatamente. Ashley vem comigo como apoio. Nós duas saltamos sobre o primeiro avião que pudemos pegar e fazemos o nosso caminho para a minha casa. Exceto, que casa não é mais casa.

O que encontramos é o inferno.

Meu coelho. Meu doce, animal de estimação, o Mister Flufbuns.

Abatido.

Dilacerado como uma besta devastada e comido vivo.

Horror enche meus pulmões, me impedindo de respirar enquanto caminhamos em meu quintal. Eu encontro seus restos mortais na

grama... sobre as pedras... contra as paredes. Manchas de sangue por toda parte. Eu passo sobre os ossos e pele, sua pele espalhada por todo nosso quintal.

É lá, no meio de tudo isso, que encontramos a minha mãe.

Seu corpo sem vida entre os restos do meu amado 'Senhor Flufbuns. Sangue mancha seu queixo, e uma piscina cresce embaixo dela. Seu peito está coberto na pele e várias perfurações fizeram buracos em seu peito. Eu paro para respirar e testemunhar a cena, paralisada. Horrorizada.

Mal se esconde nos cantos. Nos observando. Rondando. Esperando que nós gritássemos.

Nós tentamos correr, nós realmente tentamos.

Mas ninguém pode escapar do diabo.

Capítulo vinte

Música de acompanhamento: 'Chord Left' por Agnes Obel

SEBASTIAN

Quarto 115. Providence, Rhode Island - 08 de maio de 2013

Fico lá com ela.

Eu ouço a história dela e ouço as palavras fluírem da sua boca como uma cachoeira correndo em direção ao vasto oceano. Ela não pode parar. Palavras continuam saindo na forma de resmungos, repetindo uma e outra vez. Seu corpo treme com veemência, então eu imediatamente a solto de suas amarras. Ela quase cai, mas eu a pego antes que ela bata no chão. Me sento no chão, a segurando. Seu corpo está lateralmente no banco, com a cabeça caída no meu colo. Eu a embalo em meus braços, puxando-a para perto de mim. Sua nudez fria me pega em um momento de fraqueza. Neste momento, não há nada mais que eu queira do que fazer tudo de novo - voltar no tempo e me retirar da equação, a impedindo de se lembrar de todos os horrores que seu passado tem a esconder. Isso está matando-a.

Ela treme, soluçando, proferindo palavras que eu já não posso entender. Acho difícil não sentir nada. Manter compaixão na baía. Compaixão é o primeiro passo para o amor. Se eu me apaixonar por essa bonita alma quebrada, isso significaria o fim para nós dois. Eu já não poderia mantê-la segura. Mas eu não posso deixá-la pior. Frágil e triste, sua vida está à beira do nada, e eu sou a única força a mantendo aqui, a mantendo neste mundo. Pelas coisas que ela me diz, eu sei que ela não tem mais ninguém. Eu sou a única corda entre viver e morrer para ela. Ela precisa de mim, tanto... como eu posso *não* ser carinhoso com ela agora?

Estou surpreso ao encontrar o meu próprio coração ainda batendo.

Eu ainda posso ser gentil.

Eu não sou *apenas* um homem mau.

Ou então eu digo a mim mesmo. Me deixo pensar isso, porque ela me faz querer acreditar. Eu *quero* ser um homem bom. Se isso não significasse traição.

Ela para de chorar, e eu aproveito a oportunidade para acariciá-la e dizer: — Vai ficar tudo bem.

Ela se afasta de mim, procurando meus olhos em busca de pistas. E então ela me bate.

Ela me dá um tapa na cara.

— Como você ousa fazer isso comigo? — ela me bate novamente. — Seu imbecil!

Eu não a impeço.

Ela continua a me bater, primeiro no rosto, mas quando ela vê que não vou ceder, ela começa empurrar seus punhos em minha camisa. Lágrimas rolam pelo seu rosto enquanto ela me bate com os punhos e garras. Sua raiva é descontada em mim, e eu vou levar isso tão bem quanto eu puder. Eu cerro os punhos, ignorando a sensação de coceira de eu deveria fazer alguma coisa, bater de volta, ou amarrá-la, mas eu não vou. Isto é o que ela precisa agora, e eu percebo que é parte do negócio. Eu a fiz lembrar. Eu deveria arcar com as consequências.

— Faça alguma coisa! — ela grita. — Vamos lá! Bata em mim!

— Não, — eu digo, com calma.

— Porque? Porque agora? Por que você me deixou bater em você? — ela se enfurece. — Pedaco de merda do caralho!

Eu dou de ombros e ela me dá um tapa novamente, em seguida, solta um suspiro alto. — Você está louco?

— Sim, — eu digo, rindo.

Ela cerra os dentes e rosna. — Você não se importa nenhum pouco?

— Oh, eu me importo. — eu levanto uma sobrancelha. — Você deve saber que você é a primeira mulher que me bateu, — eu sorrio. — Tome isso como um elogio.

Ela para antes de me bater novamente, sua mão já está no ar. Em seus olhos, eu ainda vejo a mágoa, a dor. Ela está quebrada, e é assim que ela ataca para se proteger.

— Está tudo bem. Vá em frente. Bata em mim. Me bata tão duro quanto você pode. Eu posso aguentar.

Ela estremece e, em seguida, dá um soco novamente até que ela fica cansada demais para mover um músculo. Então ela quebra em cima de mim, caindo em ruínas, rasgando e deixando tudo sair. Eu a calo enquanto ela se arrasta para perto de mim, olhando para mim com os olhos grandes. Olhos vulneráveis. Olhos que me fazem querer abraçá-la e dizer a ela que eu vou fazer os homens pagarem.

Ela suspira. — Eu bati em você.

— Sim, e isso é bom. Eu disse para você.

— Mas é errado.

— Não é errado se eu disser para você fazer isso.

— Eu não quero ser como você, — ela murmura, escondendo o rosto em minha camisa.

— Você não é. Gosto de distribuir dor. Você não.

Ela inala uma respiração profunda. — Eu não gostei de bater em você.

— Isto é o que você precisava fazer. E você está certa, eu sou um idiota.

— Sim, você é. — ela me aperta mais. — Mas eu precisava, eu acho.

— Você precisa de um idiota, — eu brinco.

— Não, eu precisava da dor, para me lembrar... lembrar... — ela lambe os lábios, lágrimas brotam dos seus olhos novamente.

— Vai ficar tudo bem.

Ela olha para mim de novo. — Como você pode dizer que tudo vai ficar bem? Você ouviu tudo o que eu disse?

— Sim... e eu estou mortificado. Se tudo isso é verdade, então Jesus Cristo... — deixo escapar um grande suspiro. Não posso deixar que meus sentimentos fiquem no caminho disso. — Independentemente disso, está no passado agora.

Seus dedos curvam ao redor do tecido da minha camisa. O jeito que ela me agarra é doce, suave, como uma criança, e ainda assim eu não a vejo como tal. Ela é a única pessoa que pode me fazer querê-la. Quem pode me obrigar a fazer coisas que eu achei que não tinha coragem. Ela traz o veneno em mim que poderia nos matar, e ainda assim eu desejo nada mais do que a repetir... uma e outra vez.

Ela funga. — Isso não me faz melhor. Isso não os traz de volta à vida.

— Não. — de alguma forma, uma parte de mim quer poder fazer isso. — Mas agora que você se lembra, irá ser mais fácil de lidar. Talvez, com o tempo, você possa aprender a aceitar. Aprender a seguir em frente. Viva a sua vida novamente.

Ela balança a cabeça. — Não... não depois disso.

— Nada é tão mau como parece à primeira vista. Você vai viver. Você ainda está viva, e você ainda estará. Basta continuar daqui para frente. Você vai chegar lá.

— Onde? Como exatamente eu tenho que continuar? — o desespero na voz dela me faz franzir a testa e raiva ferve dentro de mim. Eu odeio que ela se sinta assim, odeio que este trauma a arruinou a tal ponto que ela desistiu. Eu olho para ela, minha mão encontra o seu caminho para o rosto dela antes de eu perceber. Eu pego seu queixo e acaricio seu rosto, enxugando suas lágrimas. Ela se encontra nos braços de um monstro, achando conforto nas palavras de um bruto, dobrada e torcida por uma besta. Eu queria dizer a ela que ainda há um futuro para ela, mas eu fico aquém das palavras. Não há futuro comigo, só a morte certa.

Ela pisca as lágrimas em seus olhos. — Eu entendo se você não quer responder. Eu não sei a resposta também. Deus, eu não quero nem pensar nisso. Agora que eu me lembro, tudo que eu quero fazer é bloqueá-lo novamente.

— Não. Isso não vai fazer as coisas mais fáceis.

— Eu sei... — ela suspira.

Eu sorrio para ela. É a única coisa que posso fazer.

A única coisa que pode fazer seu coração bater de novo.

Um sorriso em troca de um pouco de felicidade.

Eu sou desprovido disso, mas por uma fração de segundo, eu consigo me imaginar sendo feliz com ela. Se apenas.

— Me deixe te ajudar a chegar onde você quer ir, — eu digo.

Ela desvia os olhos. — É por isso... é por isso que você me trouxe aqui? Para eu conseguir me lembrar?

— Em parte, sim. Eu sabia sobre o seu problema com o coelho e eu queria ver se eu poderia te ajudar com isso. — eu lambo meus lábios. Eu não posso ignorar o fato de que eu fui um pouco egoísta e passei do ponto. Eu não conseguia parar mais. Eu fui pego no momento, pego em luxúria, pego nela. Às vezes eu esqueço que existe um outro ser humano perto de mim - alguém cuja alma ainda está intacta e cujo coração sangra. Eu poderia ser um monstro, mas eu não desfruto da dor dos outros. Bem, só a dor física, sexual. Eu não gosto de machucá-la emocionalmente.

E, no entanto, isso é tudo que eu pareço fazer. Tudo que eu sei que tenho que fazer para nos manter seguros.

Eu limpo minha garganta. — Me desculpe se eu fui um pouco duro com você.

— Um pouco? Isso é um pouco de um eufemismo, — ela zomba.

— Você nunca iria descobrir sobre todas essas coisas de outra forma. Você precisava do empurrão. Você precisava ser quebrada a fim de se curar.

— Eu precisava ser quebrada? Você sabe o quão ruim isso soa?

— Sim, eu sei. — eu inclino a cabeça, fazendo-a olhar para mim. — Mas eu sei que você pode lidar com isso. Há um fogo em você, Senhorita Carrigan, se você vê ou não. Eu sei que ele está lá. Sua chama diminuiu, mas isso não significa que você não pode reacendê-la. Que *eu* não posso reacendê-la. Me deixe ser a faísca para acendê-la.

Um rubor aparece nas suas bochechas, o primeiro passo para a recuperação. Eu a distrai de seus pensamentos. Mesmo que apenas por um segundo, consegui trazer a ela um pouco de paz. Mas rapidamente desaparece novamente. — Senhor Brand... — ela suspira. — Você me confunde.

Eu rio. — Eu tenho esse efeito, me disseram muitas vezes.

— Você não era o homem que eu pensei que você fosse.

— Eu não sou, mas será que realmente faz você infeliz?

Suas sobrancelhas se juntam e ela se mexe em seu lugar. — Eu não sei como responder a isso sem parecer louco.

— Não há problema em ser um pouco louca. Quando você está comigo, isso é tudo que eu peço. Deixe de lado suas inibições. Me deixe tirar seus medos, aprender a amar a dor, te deixar levá-la para o mundo de êxtase e felicidade.

Ela trava a mão dela na minha camisa. — Isso é amor? É isso o que eu preciso?

— O amor vem em todas as formas e tamanhos.

— Mas, ser usada como uma escrava? Ser prisioneira na casa de um homem que me odeia?

Eu pego seu pulso e aperto. — *Não* diga isso. Eu não odeio você, Senhorita Carrigan. Eu já não provei isso a você?

— Como você pode chamar do que você faz qualquer *coisa* além de ódio?

— É devoção, senhorita Carrigan. — eu suspiro e solto sua mão, passando os dedos pelo meu cabelo ao invés. Eu nunca poderia explicar isso para ela. Não há sentido. A verdade vai fazê-la fugir, mas quando eu ajudá-la a se lembrar, ela vai me odiar por isso. Qualquer que seja a direção que eu a leve, levará nós dois em direção a um destino onde eu vou perdê-la para sempre, mas pelo menos nós dois vamos estar seguros.

E a pior parte é que eu não sei se eu quero mais isso.

Eu estou realmente perdendo a batalha. Perder nunca foi parte do meu plano.

Eu inalo bruscamente. — Eu não posso e não vou me explicar para você, Senhorita Carrigan. Eu sou o que sou, é pegar ou largar.

— Mas eu não estou autorizada a sair...

— Você iria sair se fosse dada a escolha?

Ela fica em silêncio por um momento.

— Isso foi o que eu pensei.

— Eu ainda estava pensando, — ela bufa.

— Eu sei o que você está pensando. Você acha que é errado o que eu faço com você. Que você deve me desprezar por eu colocar meu pau em sua boca e bunda. Você acha que você deve odiar ter gostado. Olha, aqui está a coisa. Você *pensa* demais. Pare de deixar sua moral ficar no caminho da verdadeira felicidade. Posso te dar isso e muito mais. Não fui eu quem provou isso para você? Você não gosta de ser lambida? Você não adora meu dedo sondando sua buceta ou o deleite vergonhoso de ter meu pau na sua bunda? Você não pode me dizer honestamente que você não gostou de nada disso, da surra, da chupada, da foda ou o plugue.

Ela suga seus lábios, escondendo um sorriso insolente. Eu não posso estar um pouco bravo com ela por não querer abrir os olhos e ver. Verdadeiramente se abrir e me deixe entrar. Seria o melhor.

— Me diga... Me diga a verdade, — murmuro contra sua pele, dando um beijo contra sua testa.

— Talvez...

— Talvez ou sim?

— Sim, um pouco.

— Um pouco não é sim. Você ainda está evitando.

— E eu vou continuar fazendo isso durante o tempo que você não me permitir um pouco de liberdade. Você levou a minha liberdade de mim, senhor Brand, e meu corpo. O mínimo que você pode fazer é me conceder um pouco de tempo longe de tudo.

— E isso vai fazer você menos relutante?

— Talvez.

Eu rolo meus olhos. Ficamos em silêncio por um minuto. Eu apenas me sento aqui com meus braços cruzados em volta dela, beijando sua cabeça suavemente, a deixando saber que eu ainda estou aqui, ela querendo estar aqui ou não. Eu vou fazer meu caminho em seu coração, se ela permitir isso ou não.

Se está fora de questão. *Quando* é mais parecido com isso.

— Eu quero saber o que aconteceu, — ela de repente diz. — Tudo. — ela olha para mim com um brilho de coragem em seus olhos, que acende uma excitação desconhecida em mim. O tipo que me faz querer levá-la através do oceano eu mesmo.

Este sentimento é estranho e assustador para mim, mas não posso deixar de sucumbir a ela.

— Eu quero visitar a minha casa.

— Tudo bem, — eu digo.

Ela engasga. — Espera... simples assim? Você vai me deixar?

— Claro. Mas você não vai sozinha.

— Oh... — a ligeira decepção em sua voz não é difícil de perder.

— Seria muito perigoso para nós dois se eu te deixar fora da minha vista.

— Por quê? — sua curiosidade me pega de surpresa por um segundo.

— Você saberá, na hora certa.

— Eu quero saber agora. — sua mão vem para o meu rosto, e eu me inclino para longe dele, pensando que ela pode querer me bater ou me estrangular pelo que eu fiz com ela. Em vez disso, ela pega minha mandíbula, seu polegar acariciando a minha pele. Instintivamente, eu coloco a minha mão sobre a dela. — Por favor... — ela murmura. Seus dedos delicados me atormentar, tão doce, tão... *porra*.

Eu afasto sua mão. — Não. Você não vai me tentar, então pare. Vou te dizer quando for a hora e não um momento mais cedo.

— Isso tornaria mais fácil para eu aceitar estar aqui. Viver como sua... submissa. — ela franze a testa. — Não importa o quanto eu tente, não consigo sacudir essa necessidade... a necessidade de estar com você. E isso me irrita muito. — ela fecha os lábios.

— Faria você se sentir melhor se eu dissesse que eu me sinto exatamente a mesma coisa? — seu sorriso me faz sorrir. — Exceto que eu sinto um desejo incontrollável de dominar você, e você traz esse desejo em mim. Eu não consigo resistir. Eu me recuso. É quem eu sou; é a minha natureza. — eu pego seu rosto. — E está em sua natureza precisar de um homem forte, que pode te puxar através da escuridão e de volta para a luz novamente.

— Eu sei... e eu não quero lutar mais... eu não posso. Eu preciso me curar, e eu não posso fazer isso a menos que...

— A menos que você completamente se renda, — eu digo.

Sua respiração vacila. — Estou com medo.

— Me dê o seu medo. Me dê tudo isso, — eu digo, segurando seu rosto com as duas mãos. — Porque eu preciso disso. Eu preciso de você. — eu nem sequer penso antes de eu bater meus lábios nos dela. Eu preciso dela, eu a quero. No momento em que a conheci, eu sabia que havia uma conexão entre nós, e eu não posso mais negar a poderosa atração que sinto por ela. Eu a beijo, de forma incontável - seus lábios macios e gostosos abrindo para mim. Eu lambo a costura de sua boca e empurro a minha língua, sondando sua boca. Ela me deixa entrar, livremente, por sua própria vontade. Ela me deixa beijá-la, me deixa tirar a dor, e me deixa lhe dar o amor que ela precisa. Mesmo que seja misturado com veneno, meu beijo lhe traz paz. Sua boca abre minha alma, o jeito que ela me beija suavemente me consome. Eu sei disto por algum tempo agora, e ainda assim eu não quis ouvir a voz na parte de trás da minha cabeça. *Você está se apaixonando por ela... você está se apaixonando por ela.*

Já é tarde demais.

Eu sei como esta viagem termina para nós dois. Em frangalhos, memórias e perseguindo sonhos impossíveis. Destruição. E eu vou ser o catalisador de tudo.

Capítulo vinte e um

Música de acompanhamento: 'Fivefold' por Agnes Obel

SEBASTIAN

Providence, Rhode Island - 16 de maio de 2013

O livro que ela está lendo a tem absorta pelo último par de dias agora. Ela está lendo sem parar desde que ela visitou o quarto de jogos infantis. Fico feliz que ela tenha encontrado uma maneira de escapar da realidade. Recuperar de seu trauma passado foi difícil. Por dias, ela tem sido sombria, incapaz de lutar. Eu tenho que admitir que tenho o prazer de sua resistência, e não há muito a dominar agora. É egoísta, então eu tento não pensar sobre isso. Me entristece vê-la desta forma - a mulher fugaz foi agora reduzida a um monte de cinzas. Ela parece inquieta e cansada, ao mesmo tempo, bocejando e suspirando muito. Do canto do olho, ela me olha, e a camisola que ela está usando é uma distração irresistível. Meu pau não pode deixar de responder ao modo como ela cruza as pernas sedosas e levanta a sobancelha para mim, quase como se para me tentar.

Mas quando ela desvia os olhos, o momento se foi novamente, e só me resta um pau rebelde nas calças, morrendo de vontade de se enterrar dentro dela.

Eu tento me concentrar no meu livro novo, teclando no meu laptop para terminar essa coisa. Eu tenho trabalhado nesta peça desde que eu peguei na Sala de Reunião Genesis. É a única maneira de transformar meus sonhos em realidade. Escrever minhas fantasias no papel me dá um certo... poder. Como se eu fosse invencível e este texto, ainda que pequeno, vai se transformar em uma magnífica obra de arte. Uma obra de arte destinada a prever a queda do Genesis.

Ela limpa a garganta, me distraindo mais uma vez.

— Sim, senhorita Carrigan? — murmuro.

Ela fecha o livro. — Bem... eu estava pensando. Você disse que ia me levar para sair, certo?

— Sim, se você quiser.

— Eu... — ela morde o lábio de uma forma tão provocante; seria difícil dizer não ao que vem a seguir. — Eu quero visitar a minha casa.

Eu fecho meus olhos e reflito sobre isso por um segundo. — Certo.

— Espera... simples assim? Você está dizendo que sim?

— Por que você está tão surpresa?

— Porque você normalmente nunca-

— Shh, — eu interrompo, segurando o meu dedo. — Não diga mais nada, eu já ouvi o suficiente. Eu não sou tão ruim quanto você pensa que eu sou.

— Talvez você simplesmente não tenha mostrado isso para mim ainda, — ela retruca, levantando uma sobrancelha.

Eu sorrio e suspiro, balançando a cabeça. — Bem, é hora de mostrar a você, então. — eu me levanto e fecho meu laptop. — Então vamos.

— Agora?

— Sim, agora, — eu digo, agarrando seu braço, a levantando de seu assento. Eu pego o casaco e paro atrás dela deixo o casaco no braço.

— Mas eu não estou vestida ainda.

— Não importa. Eu prefiro assim. Você não vai sentir frio... e se sentir, eu vou saber o que fazer para que você fique quente como fogo ardente de novo. — eu pisco, a fazendo corar antes de bloquear as algemas em ambos os nossos pulsos novamente.

— Isso é realmente necessário? Eu não vou fugir. Não é como se eu tivesse para onde ir.

— Não vejo isso como um método de restrição, mas como uma maneira de te manter perto de mim. Eu estarei lá para oferecer proteção e apoio, — eu medito.

— Você tem um jeito com as palavras, senhor Brand.

— Obrigado. Agradeço o elogio, mas você e eu sabemos que você simplesmente quer me irritar.

— Não, eu quero dizer isso. — ela me dá um sorriso hesitante, que eu não estava esperando. — Mas sim, eu gosto de te irritar.

Eu sorrio. — Talvez em mais de uma maneira.

O rubor no rosto dela me faz querer agarrá-la e transar com ela agora, mas temos outros planos que precisam de cuidados. Além disso, eu preferiria não deliberadamente me apaixonar por ela, e transar com ela agora faria exatamente isso. A fazer me odiar é o principal objetivo, e eu vou ficar com isso. Foder deve ser um instrumento para esse fim e nada mais.

* * *

Música de acompanhamento: 'We Are Us' por Omniflux

Depois que ela me diz onde ela morava, eu a levo para fora do prédio e a deixo entrar no carro antes de deslizar ao lado dela. Ela brinca com seu cabelo vermelho enquanto eu a admiro durante o passeio. Eu mal posso tirar meus olhos dela. Sua beleza é enigmática, e eu duvido que ela vê a si mesma. Dor turvou sua visão do mundo, e dói pensar sobre o fato de que eu só vou piorar a situação. Depois que o meu motorista chega na estação de trem, eu saio do carro e a ajudo a sair. Ela franze os lábios e congela no meio da rua. Olhando por cima do ombro do por que ela foi completamente parada de se mover, noto um certo temor emanando dela.

Levantando uma sobrancelha, eu digo: — Vamos lá.

— Não... — ela murmura.

— O que está errado?

— Eu... eu... — ela tropeça em suas palavras.

— Eu não vou esperar o dia todo. — eu empurro seus punhos, a puxando comigo. — Agora, vamos lá.

Eu empurro incansavelmente, enquanto ela continua a cavar seus pés no chão, relutantemente indo comigo. Quando eu olho para trás de vez em quando, ela me encara furiosamente. Enquanto fazemos o nosso caminho para o salão principal, sua resistência aumenta. Ela faz uma careta e seus olhos escurecem no momento em que ela vê um trem.

— Não... — eu me viro e a vejo balançar a cabeça. Seu corpo inteiro está tremendo, os lábios se contraindo, e os dedos encolhidos próximos uns dos outros. Ela agarra meu braço e me puxa para trás. — Não vá lá.

— Por que não? Eu estou te levando para sua casa, lembre-se.

— Não quero entrar lá dentro.

— Qual o problema?

Ela estremece quando o trem começa a se mover. — Por favor, não...

— Se não nos apressarmos, vamos perder o trem.

— Eu não me importo, — ela se encaixa. — Vamos sair daqui, — ela tenta me puxar com ela, mas eu permaneço rígido.

— Não, — eu digo, empurrando nos punhos entre nós para puxá-la para perto de mim. — Agora me diga o que está errado.

— Eu não posso... aquela... coisa... — ela engole. Lágrimas começam a se formar em seus olhos.

Eu fecho meus lábios e penso. Algo está realmente a incomodando. — Se você não me disser, eu não posso te ajudar.

— Eu não quero ajuda. Eu quero sair daqui. — com seus olhos, ela me implora. — Por favor, podemos sair daqui? Ir com o carro em vez disso?

— Eu queria que você desfrutasse do ar livre um pouco, mas se isso é realmente o que você quer ...

Ela treme. — Sim... Eu não aguento ficar aqui por mais tempo. — ela franze as sobrancelhas. — Eu não quero falar sobre isso.

Eu estrito os olhos. — Você sabe que você vai ter que enfrentar isso um dia.

Suspirando, ela abaixa a cabeça. Eu pego seu queixo, a fazendo olhar para mim. — Mas não vai ser hoje.

O pequeno sorriso que aparece em seu rosto ilumina meu dia um pouco. Qualquer coisa para fazê-la feliz. Embora eu saiba que isso acabará por fazer com que ela me odeie ainda mais. Percebendo isso, uma grande tristeza derrama pelas minhas veias.

Eu limpo minha garganta para me livrar disso. — Bem, vamos lá então.

Ela engancha seu braço ao redor do meu. — Obrigada, senhor Brand.

Me surpreende que ela está grata, e isso me deixa um pouco melhor. Eu rapidamente afasto o sentimento. Só vai tornar mais difícil dizer adeus.

* * *

Woodstock, Connecticut - 16 de maio de 2013

Quando chegamos a casa dela, ela para em frente ao quintal. Ela não abre o portão da cerca de madeira. Ela apenas olha para ela, tremendo. Quando coloco minha mão em seu ombro, ela salta.

— Jesus.

— Não, sou só eu. — eu rio.

Ela suspira alto, baixando a cabeça para olhar para seus pés. — Tem sido muito tempo desde que eu estive aqui...

— Sim, é por isso que você deve empurrar.

— Eu sei, mas... é difícil. — ela enfia uma mecha de seu cabelo rebelde atrás da orelha. A verdade está dentro de seu alcance, mas ela não vai mergulhar. Eu compreendo. É assustador saber a profundidade do mal.

— Vá em frente, — eu digo suavemente, empurrando-a. — Você pode fazer isso. Eu estou aqui, — eu sussurro em seu ouvido. — Eu não

vou a lugar nenhum. Não se preocupe; você está segura. Agora vá em frente.

Sua mão vai para a cerca e empurra. O som de estalos é inquietante, pois é o único barulho que ouvimos. Este lugar está abandonado, completamente vazio de qualquer felicidade. Sinto o cheiro do medo, o pavor do momento em que entramos no jardim, a grama fazendo barulho debaixo dos meus pés. Seus passos são lentos, calculados, como se ela tivesse medo de pisar em algo importante. Eu a guio pelo jardim, sem tirar os olhos dela. Estamos sozinhos, e eu sou o único que está entre ela e liberdade. As algemas estão soltas. Ela podia sair e correr a qualquer momento, mas eu sei que ela não vai. Ela quer ver isso, sentir as memórias enquanto elas se repetem uma e outra vez em sua cabeça. É a única maneira de aceitar e seguir em frente.

O jeito que ela toca a parede provoca arrepios na minha espinha. Como se ela estivesse pintando suas visões sobre as pedras. Ela anda na ponta dos pés através da grama, evitando certos pontos, me fazendo acreditar que ela está vendo as imagens passando na frente dela.

Não há mais nada das cenas que aconteceram aqui. Sem sangue. Nenhuma pele. Nenhum ser humano. Não há nada que diferencia este jardim de qualquer outro neste bairro. Quase me faz pensar que está tudo sido em sua cabeça.

— Como... — ela murmura. — Não há nada.

— Talvez eles limparam tudo, — eu digo, olhando em volta para qualquer evidência.

— Não... como isso é possível? Não teria estado nos jornais? Quero dizer, a polícia deve saber sobre isso, certo? Isto não pode continuar sem controle. — ela olha para mim por respostas, mas eu não tenho nenhuma para dar a ela. — Por favor, me diga que alguém sabe. Que eles estão procurando quem fez isso.

— Eu gostaria de poder te dizer, mas eu sinceramente não sei.

— Mas você me salvou! — ela agarra meu casaco, com os olhos quase pulando de sua cabeça. — Como você pode não saber? Me diga que eles estão indo atrás de quem fez isso. Me diga que eles vão encontrá-los! — ela me sacode e afasta os dedos..

— Pare. — eu agarro seus pulsos e os puxo para longe de mim. — Pare agora. Eu não vim aqui para discutir com você. Eu não posso te

dizer o que as autoridades estão fazendo. Eu sou um curador, não um policial.

Seus lábios tremem. — Mas eu não posso lidar em não saber se...

— Se o que? — eu levanto seu queixo. — Se vai haver justiça?

Ela balança a cabeça, e eu me inclino, deixando minha testa cair contra a dela. — Eu vou ter certeza que a justiça seja feita. Confie em mim que eu vou fazê-los pagar.

Ela balança a cabeça novamente, e eu planto um beijo em sua pele, arrastando meus lábios suavemente pelo rosto, ao longo de seu nariz, nos lábios. Lá, eu coloco um beijo suave. Parece renovar sua energia, e não levou muito tempo para ela voltar a sorrir. Ele só permanece por um único segundo antes de desaparecer novamente, mas eu vi. Eu vi o que meu beijo fez com ela, e eu também vi o quanto isso a assusta.

Ela se afasta e vai até as paredes novamente, traçando uma linha da esquerda para a direita com o dedo. O que aconteceu a assombra. Mas eu realmente pode corrigi-la? Posso realmente trazer justiça a ela? Ou é tudo em vão?

— Eu a vi... deitada ali, — ela murmura, apontando para a grama em frente. — Minha mãe. — seus dedos circulam em torno de seu peito. — Ela estava coberta de feridas de bala.

Eu escuto, mas não respondo. Este é o momento para ela se curar. Para falar sobre os acontecimentos rodando em sua cabeça.

— E o meu coelho... ele foi rasgado em pedaços. Tudo ao redor do jardim. — sua mão faz um círculo em torno do estaleiro. — E lá... — ela aponta para um canto agora, perto da entrada de sua casa. — Havia homens lá. — ela dá um passo mais perto, se curvando, como se eles ainda estivesse lá. — E eles falaram para mim...

Seus sussurros se tornam menos audíveis, então eu para atrás dela, a fim de ouvi-la falar.

— *Senhorita Carrigan, bem-vinda de volta em casa.*

— *Olá, Lillith, eu vejo que você finalmente voltou de férias. Que cortês da sua parte aceitar o meu convite quando eu chamei você.*

— *Aproxime-se, filha. Venha ver como ela está linda agora.*

Ela fala as palavras como sussurros, mas elas saem em respirações entrecortadas.

— Foram eles que me ligaram, que ameaçaram ferir minha mãe se eu não voltasse para casa das férias. — sua respiração vem em suspiros curtos. — Eles levaram eu e Ashley... depois que assassinaram meu coelho e minha mãe... eu vim para casa... e eles nos raptaram. Foi sobre nós, o tempo todo. Eles nunca quiseram a minha mãe... e ainda assim eles mataram ela de qualquer maneira. Eles assassinaram tudo o que importava para mim.

— Quem são eles? — eu pergunto, querendo puxar cada polegada de detalhe dela.

Ela para de se mover. Suas mãos estão cerradas perto de seu peito. Por um momento, eu acho que ela viu o diabo. Em seguida, ela se vira para me encarar, uma única lágrima escorrendo pelo queixo.

— Eu me lembro agora. — suas pupilas estão dilatadas, os lábios entreabertos. — Um deles... Newman... ele chamou a si mesmo de Newman. É assim que ele se apresentou à minha mãe... uma paquera na festa de angariação de fundos.

Eu me aproximo e envolvo meus braços em torno dela, abraçando-a apertado. Lágrimas caem sobre minha blusa, mas isso só me faz querer puxá-la para mais perto. Ela se agarra aos meus braços, as suas últimas palavras tomadas rapidamente pelo vento, mas com a marca em sua mente para sempre.

— Ele era amante da minha mãe, o homem que a roubou do meu pai. O homem que assassinou todos nós.

Capítulo vinte e dois

Música de acompanhamento: 'Stateless' por Bloodstream

LILITH

Providence, Rhode Island - 16 de maio de 2013, à noite

Nós não gastamos mais um minuto naquele lugar que eu costumava chamar de lar.

Depois que eu tinha falado sobre o que aconteceu, eu desliguei. Eu não poderia dizer outra palavra. Eu não conseguia nem pronunciar uma única sílaba. Eu não conseguia tirar a dor que acompanha as memórias, não podia tirar o medo que veio com essa parte da minha história que eu não me lembro ainda.

No momento em que eu percebi que tinha sido sobre mim o tempo todo, eu bloqueei.

Eu não poderia pensar sobre o rapto, ainda não posso.

Em seus braços eu busco conforto por mais torcido que seja. Ele é único e igual, um homem que pega o que quer sem arrependimentos. Exceto que com ele, eu me sinto segura. Há uma diferença entre ele e aqueles que assassinaram minha mãe... compaixão.

Mesmo que ele tente se esconder atrás de um véu de distanciamento, eu posso ver o quanto ele se importa. A maneira como ele me carrega em seus braços de volta para o carro e gentilmente me abaixa, a maneira como ele acaricia meu rosto e segura minha mão enquanto dirige de volta para sua casa... ele me mostra que ele quer que eu esteja bem. A mensagem que ele envia com seu comportamento

errático e seu sexo violento é tão diferente desse ar que ele exala quando ele está perto de mim em um momento de dor. A verdadeira dor. Emoção de partir o coração, dor de abalar a alma.

É aí que ele é diferente.

Aqueles homens, não... tudo que eu senti com eles era desespero. Desespero puro. Eu ainda arrepio pelo sentimento. Eu prefiro não me lembrar mais, com medo de que o que eu penso poderia me empurrar sobre o limite. Eu não posso ir lá.

Eu olho para Sebastian, que sorri para mim quando nós chegamos em sua casa novamente. Como antes, ele me leva para fora do carro. Sem perguntas. Objeções. Ele faz isso porque quer, não porque eu preciso dele. Não porque eu não posso levantar e andar eu mesma, mas porque ele precisa cuidar de mim. Está em seu sangue, o desejo de cuidar das pessoas. Não importa o quanto ele tenta esconder isso, o quanto ele é repelido por esta parte dele - pensando que é fraqueza ao invés de força - eu sei que ele está lá.

E eu estou contente que eu o encontrei. Feliz que ele salva tudo para mim. Eu não sei por que ele de repente mudou tanto. É tão assustador como é refrescante. Apreciado, até. Por um segundo, eu poderia imaginá-lo sendo o Sebastian que eu conhecia, o homem que eu poderia me apaixonar. Eu só tenho que pensar de forma diferente sobre quando ele me obriga a fazer coisas que eu não quero fazer. Talvez ele faz isso para me ajudar, para me tornar uma pessoa melhor - alguém que é forte, aberta, disposta. Alguém que pode suportar até mesmo o mais sombrio dos tempos.

Isso é o que eu espero, pelo menos. É tudo o que pode vir da forma como ele brinca com o meu coração e os jogos que ele joga comigo. Eu me pergunto que parte disso é real e que parte é uma farsa. Eu não acho que eu vou ter que esperar muito tempo antes de descobrir.

Ele me leva para dentro até sua casa, me levando todo o caminho. Ele só me abaixa uma vez chegamos ao banheiro.

Ele tira um fio de cabelo preso no meu rosto e segura meu rosto. Sua mão para por um momento, antes de descer no meu pescoço, enviando choques através do meu corpo. Sua ternura me pega de surpresa. Eu me sinto um pouco culpada pela forma como meu corpo responde ao seu toque, mas eu empurro o sentimento para longe.

Ele tira meu casaco, os dedos derrapando através de minha pele, criando arrepios em todos os lugares. — Você está tremendo.

— Eu não estou com frio, — eu digo, observando-o atentamente.

Um dedo é colocado em meus lábios. — Shh... não fale.

Engulo em seco quando ele enrola os dedos ao redor da minha camisola e a puxa para cima, levantando cuidadosamente sobre os meus ombros e cabeça, jogando de lado. Estou nua, e seus olhos varrem o meu corpo dolorosamente lento. O sorriso no seu rosto... e o volume em suas calças são inconfundíveis.

Ele me agarra pela cintura, me assustando, e me levanta para a banheira. Ele se vira na água morna e joga sais de banho. Em seguida, ele começa a tirar suas roupas. Eu o observo desabotoar a camisa preguiçosamente, tirando camada após camada. Meus olhos estão colados à sua pele quando ele tira tudo. Eu luto para lidar com a minha excitação, vendo-o nu. Seu pau salta para cima e para baixo com a visão de mim. É grande e firme, o suficiente para me encher. Eu não sei por que eu estou pensando sobre isso agora.

— Sente-se, — diz ele. Seu comando é severo e suave ao mesmo tempo. Quando a água oscila enquanto eu pouso minha bunda na água quente, ele desliza por trás de mim. Suas pernas estão em cada lado de mim, e seus braços envolvem em torno de meu corpo, me puxando para ele.

— Respire... — diz ele.

Eu solto o ar que eu estava segurando. Eu me sinto pega em flagrante. Meu coração corre quando ele pega a água e a joga sobre o meu peito, me aquecendo até o meu núcleo. Ele me segura apertado e dá um beijo na minha testa. É então que eu percebo que eu fui de sequestrada para cativa disposta.

É uma pílula difícil de engolir.

Eu me pergunto se eu posso me acostumar com isso. Se eu posso realmente ser dele. Eu tenho que admitir, estar com ele por um longo período de tempo me fez querer mais dele do que eu pensei que eu podia, e isso me assusta. Isso assusta que eu poderia querer alguém como ele - um monstro autoproclamado. Ele quase me estrangulou, ele me fodeu quando eu não estava pronta, fez coisas comigo que eu não queria... ele é o epítome do mal. E, no entanto, eu ainda o quero. Depois de tudo que ele fez, eu ainda não estou farta *dele*.

Capítulo vinte e três

Música de acompanhamento: 'Cupido' por Hurts

LILITH

Providence, Rhode Island - 24 de maio de 2013

Hoje é o meu aniversário.

Normalmente, eu teria celebrado, convidando todos os meus amigos para ir a uma discoteca a noite inteira com bolo e muita festa. Isso foi antes de eu ver minha mãe, assassinada no nosso quintal.

Agora, eu encontro gratidão no fato de que eu vivi para ver outro dia.

Sebastian detém o garfo na frente da minha boca, me persuadindo a abrir. Eu abro minha boca, o deixando me dar o bolo. Ele me observa comer, lambendo os lábios quando ele vê me engolir. Sentada no colo dele me deixa corada porque eu posso sentir seu pau cutucando minha bunda. Eu desisti de resistir à excitação.

— Hmm... Feliz aniversário, fada doce, — ele brinca.

— Obrigada... — eu coro. — Eu me sinto como um idiota por corar esta manhã.

— Não sinta. — ele coloca o prato para o lado. — Gosto de mimar você.

Eu sorrio. — Bem, isso é um bolo delicioso. Eu tenho que dizer, Conchita fez um ótimo trabalho.

— Foi a receita dela sim, mas eu fiz isso.

— S3rio?

Um sinal de arrog3ncia aparece em seu rosto. — H3 muito mais neste homem do que voc3 pensa. — ele desliza o dedo no meu rosto, o fazendo formigar. — Mais bolo, mais presentes... mais prazer.

Ele sorri, e depois para, retirando as m3os completamente. Eu fico desejando muito mais, o que n3o me surpreende.

Em um momento de coragem, eu alcanço sua m3o e a coloco no meu peito, arrastando para baixo em direç3o ao meu peito. Franzindo a testa, ele empurra sua m3o para longe, suspira, e vira a cabeça. Ele suga uma respiraç3o afiada enquanto eu me reposiciono no seu colo. — Desculpe.

— N3o faça isso de novo. Nunca. — sua voz 3 fria, me esfriando at3 o osso.

Fazendo uma careta, eu saio de seu colo, mas ele agarra meus quadris e me impede de ir embora. — Eu n3o disse que voc3 poderia ir.

— Por que n3o? H3 outra coisa que voc3 quer?

— N3o, mas eu nunca te dei permiss3o. Portanto, fique aqui.

Eu suspiro, me sentando novamente com furor. Carrancuda, eu olho para o quarto dele, fingindo que ele vai me levar at3 l3 e me foder at3 que meu c3rebro exploda.

Eu n3o deveria estar pensando sobre isso agora, mas o que eu posso dizer? Eu sou louca.

— O que exatamente voc3 quer de *mim*, senhorita Carrigan? — pergunta ele, deslizando afastado o cabelo que caiu na frente dos meus olhos.

— Nada, — eu digo.

Ele agarra meu queixo e me obriga a olhar para ele. — N3o minta.

Eu engulo o n3o na garganta. — Eu sinto falta... eu sinto falta da conex3o.

Suas sobrancelhas se juntam. — Conex3o? Que conex3o?

— Com voc3... seu toque. Seu abraço. — eu olhar ameaçadoramente para ele por um segundo, n3o querendo admitir isso, mas eu sei que ele n3o vai receber nada menos. — At3 do seu pau. Sim, sinto falta de tudo.

Ele balança a cabeça. — Senhorita Carrigan... você decide quando eu reclamo você.

— Eu sei... — murmuro. Quando eu tento tocá-lo, ele empurra para longe. Quando eu o confronto com o meu desejo pelo seu amor, ele desvia o olhar. Ele nem sequer olha para mim. Nenhuma vez ele olhou para o meu corpo desde que ele entrou no banheiro comigo. Desde aquele dia, tudo o que ele tem feito é cuidar de mim. Mas eu quero mais - eu quero ser *sua*.

Suspirando pesadamente, eu salto para cima de seu colo rápido o suficiente para ele não me pegar.

— Fique aqui, — diz ele.

— Não. Eu estou indo para o meu quarto, — eu digo, nem mesmo olhar para trás.

— Se vire. Aí. Agora!

Eu rio, caminhando para o meu quarto. É então que ele rosna e empurra sua cadeira para longe, correndo atrás de mim. Rajadas de energia sexual vêm quando ele agarra meu pulso e p prende nas minhas costas, me parando.

— Eu não disse que você poderia ir, pequena fada. Como se atreve a me desafiar?

— Eu não me importo. Se você não está fazendo o que eu quero, então eu não vou fazer o que você quer.

— Não é assim que este jogo é jogado, — ele rosna, me puxando para longe da porta. Ele me joga na cadeira. — Agora fique aí. — o olhar furioso em seus olhos de alguma forma está me despertando. Eu provavelmente o associei ao sexo, o que é preocupante, mas mais preocupante é o fato de que eu quero mais disso.

Ele abre uma gaveta e chega ao interior, em seguida, caminha de volta para mim. Ele lança um pacote em meu colo e, em seguida, se senta na minha, se recostando na cadeira com as mãos em ambos os braços, como um rei assistindo sua rainha de seu trono.

— Abra, — ele rosna.

Fechando meus lábios, eu desfaço o laço que está enrolado e rasgo o papel. Na caixa está algo incomum, inesperado. Uma câmera.

— Parabéns, porra.

Eu suspiro, abrindo a caixa para tirar a nova câmera. É o mesmo modelo que eu costumava ter, que é quase bom demais para ser verdade. Jesus, ele me comprou uma câmera para o meu aniversário? Eu não posso evitar o enorme sorriso de aparecer no meu rosto. Eu não posso acreditar que ele se lembrou que eu amava tirar fotos.

— Obrigada, — eu digo: — Você não sabe o que isso significa para mim.

— Claro que eu sei. Agora você está feliz por ter ficado?

— Sim, senhor Brand.

— Bom. — ele bufa. — Você deveria estar feliz por eu ainda te dar seu presente depois da sua insolência.

— Sinto muito, senhor Brand. Eu só...

— Shh... — ele mantém o dedo na frente dos seus lábios. — Eu não quero ouvir isso, — ele se encaixa. — Agora, tire uma foto.

Eu franzo a testa, segurando a câmera na minha mão. — De quê?

— O que você quiser. Basta experimentá-la.

— Tudo bem... — eu levanto a câmera na frente de meus olhos e me concentro em um ponto específico. De todas as coisas que eu acho interessante, é ele que eu quero uma fotografia. Então eu clico no botão.

O que eu vejo na minha frente não é Sebastian.

É um monstro, coberto de sangue.

Suas mãos estavam passando através do sangue, seu rosto sombrio. Homens de pé atrás dele, rasgando uma menina.

Eu grito.

A câmera cai de minha mão, e eu imediatamente salto para cima do meu assento. O mundo parece passar em câmera lenta, mas eu sei que eu estou me movendo rápido como um raio enquanto eu corro para a porta, qualquer porta, a fim de fugir.

Algo me agarra por trás, e eu grito de medo.

— Shhh!

Eu luto com meu atacante, o empurrando para longe, mas ele é muito mais forte do que eu. Contra a porta, eu solto respirações rasas, seu corpo contra o meu.

— Pare, — diz ele. — Acalme-se.

— Não! — eu grito. O instinto de fugir ainda é forte.

— Pare com isso. — sua voz é familiar, e quando ele me vira, eu noto que é Sebastian. O verdadeiro Sebastian. Não aquele coberto de sangue e restos humanos....

Seus olhos procuram os meus por respostas, enquanto meus pulmões se expandem rapidamente.

— O que há de errado? — diz ele.

— A câmera, — eu digo. — Eu os vi.

— Viu o quê?

— Os homens que mataram a minha mãe!

Ele me puxa, me enrolando em seus braços. Meu rosto está contra o seu peito, sentindo seu cheiro familiar que me aclama. O que eu vi me aterrorizou tanto que um certo impulso de correr assumiu.

De repente, um metal frio, duro é colocado em volta do meu pulso. Um empurrão duro obriga meus braços para as minhas costas. Lá, eles são algemados juntos. Meus olhos se arregalam quando eu olho para Sebastian.

— Oh, minha querida pequena fada... Eu acho que é hora do seu próximo presente.

— O quê? — eu digo quando ele me torce em seus braços e me guia para fora da porta. — Onde estamos indo?

— Você acha que pode simplesmente fazer o que quiser? Você sabe que eu sou o único responsável. Você. Não pode. Fugir.

— Eu não estava, eu só...

— Você estava com medo... — ele sussurra, quase como se se divertisse com o meu medo.

— Sim.

— Ótimo. — a maneira como ele diz isso faz os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantar. — Então, o que vem a seguir certamente irá fazer você gritar ainda mais alto.

Capítulo vinte e quatro

Canção de acompanhamento: 'Angel' por Massive Attack

LILITH

Providence, Rhode Island - 24 de maio de 2013

Sebastian me guia pelos corredores de seu edifício, pelos corredores que contêm os quartos. Cada quarto que passamos faz meu coração saltar; me perguntando se é para onde nós estamos indo. Mas ele continua a andar, me mantém indo. As algemas que prendem meus pulsos juntos machucam, mas eu não o deixo saber. Eu não queria vir aqui novamente depois do que aconteceu da última vez, mas ele se recusou a aceitar um não como resposta. O momento que eu mantive minha posição e disse 'não', algo estalou nele. Uma faísca familiar brilhou em seus olhos; um sorriso diabólico apareceu em seu rosto. Antes que eu percebesse, ele tinha me bloqueado entre seus braços, tinha me algemado, e estava me arrastando. Eu não temo a dor iminente. Em essência, eu realmente sinto mais segura com ele agora que ele me tem.

Quando eu tinha tentado caminhar para o meu quarto e ele me tinha jogado de volta na minha cadeira, eu sabia que era exatamente o que eu estava procurando. Sua raiva. Eu estava incitando-o. Na hora, eu senti a necessidade de desafiá-lo simplesmente porque eu podia. Deixá-lo no limite. Sentir uma fatia de poder e de ter isso arrancado de mim dentro de segundos.

É o que eu almejo, abrir mão do controle. Não ter que pensar sobre o que eu deveria fazer, ou onde devo ir, ou como responder. Deixar tudo ir.

Ele precisa de controle. Para reivindicar e tomar o que pertence a ele, para exercer sua vontade sobre algo. É algo que ele deseja e só pode conseguir de mim.

Dessa forma, eu sou o equilíbrio perfeito. Se eu paro de lutar com ele, ele vai parar de me controlar, e ambos perdemos o que nós mais desejamos. Desde que eu percebi isso, a escolha é simples. Lutar com ele e perder o controle. Se entregar e ele e ele me dominar. Nós dois conseguimos o que queremos.

No entanto, depois de ser levada na viagem onde eu me lembrei o que aconteceu com a minha mãe, eu fui caindo lentamente mais e mais para seu charme. Resistir se tornou menos importante. Mas isso também significa que eu tirei a oportunidade dele me dominar, o que o tornou apático. Ele não me tocou em muito tempo, não tentou me foder em um tempo tão longo, que eu comecei a sentir falta dele. Eu admito que é tão errado. Mas, ao mesmo tempo, eu quero que ele me foda - me dê um pingão de amor, mesmo que apenas por meio de uma foda.

Se lutar com ele é tudo o que preciso para conseguir isso, então eu vou com prazer participar.

Então, eu o deixo me levar para os quartos, para o lugar que eu temo.

Eu luto com as minhas amarras, faço carranca quando necessário, aperto meus lábios, e sopro uma lufada exaltada como eu deveria. Quando sua mão desce na minha bunda, eu grito, mas sorrio por dentro.

— Continue andando, — ele rosna.

— Para onde estamos indo? — pergunto.

— Isso não te diz respeito.

Quando olho para trás, vejo a câmera na mão dele. Eu me pergunto o que ele está planejando.

Ele para em frente a porta e puxa em meus punhos para me manter no lugar. — Entre, — seu comando quase me faz querer resistir a ele apenas para ver o que aconteceria. Eu entro no quarto e observo a etiqueta na porta. *Calabouço*.

Santo inferno.

As paredes são blocos de cimento empilhados e tochas estão penduradas nela. Em cada lado há uma mesa com vários equipamentos, incluindo corda, plugues, brinquedos, tesouras, itens de bondage couro, açoites, bastões, algemas e mais em todas as formas e tamanhos. Há uma gaiola de metal à esquerda e uma cremalheira para a direita. Ganchos estão pendurados no teto.

Tendo no cenário me deixa arrepiada. É como se eu tivesse acabado de entrar em um set de filmagem de uma prisão, apenas uma, onde eles fazem as pessoas sofrerem com vergonha e humilhação.

Sebastian para na frente de mim. Meus olhos vão para sua mão quando ele tira uma faca do bolso. Ele a segura na frente do meu rosto. — Vê isso?

Eu concordo. Ele a move para o meu pescoço. Eu choramingo pelo metal frio empurrado para dentro da minha pele.

— Esta é a sua punição por se comportar tão mal.

— Sinto muito, senhor Brand.

— Não. Eu não disse que você poderia abrir a boca, muito menos falar.

Eu fecho a minha boca imediatamente. Ele então começa a deslizar a faca pela minha garganta sem fazer sangrar, me fazendo dolorosamente consciente do poder que ele tem sobre mim.

— Você vai fazer o que eu digo. Sempre.

Concordo com a cabeça, mas não respondo, como ele deseja.

— Estou cansado da sua constante necessidade de me derrubar. Você parece pensar que você sabe o que quer. Eu discordo e eu vou te mostrar hoje. — ele sorri quando ele traz a faca até as alças do meu vestido e o corta, rasgando o meu vestido.

— Tire, — diz ele.

Eu faço como ele diz, passando o vestido por de cima de mim até que eu estou em minhas calcinhas.

Ele franze a testa, apertando os olhos. — Calcinhas...

— Eu queria... usá-las, — eu digo.

— Senhorita Carrigan, só porque é seu aniversário não significa que você pode decidir o que acontece. — ele empurra a faca na minha

pele e corta o material até que ele cai no chão. Eu estreito os olhos para ele, com raiva que ele está dilacerado a minha única maneira de me expressar.

— Você me odeia agora, senhorita Carrigan?

— Estou começando. Você arruinou a minha única calcinha.

— Bom. Você não deve estar vestindo isso. Nunca. — ele de repente agarra minha buceta com a mão. — De quem é essa buceta?

Eu suspiro. — Sua, senhor Brand.

Ele dá um tapa no interior da minha coxa, me fazendo espalhar minhas pernas, mas ele só faz isso para que ele possa me agarrar mais apertado, mais profundo, mergulhando o dedo em minha buceta. — Diga isso de novo.

— Minha buceta é sua, senhor Brand.

— Sim, e qualquer coisa que se interpõe entre mim e *minha buceta* não é permitido.

Ele caminha para a mesa, me deixando nua e confusa. Ele pega uma plugue de metal, este maior do que todas as anteriores, e o lubrifica. Meus olhos se arregalam. Quando ele vem em minha direção, ele diz, — Se curve. — o medo rasteja em mim enquanto ele caminha para a minha bunda empoleirada. — Mãos sobre os joelhos.

Eu faço o que ele diz. Não demora muito para posicionar o plugue contra mim e empurrá-lo para dentro. Eu gemo, um pouco de frustração e um pouco de emoção, até que ele empurra completamente. — Boa garota.

Ele dá um tapa minha bunda com tanta força que me levanto. Eu não posso nem recuperar o fôlego antes dele já estar beliscando meus mamilos, as sensações intensas me inundando. Então, ele decide me puxar pelos meus seios.

— Ow! — eu grito quando ele puxa os meus mamilos. — Isso machuca!

— Deveria mesmo. — ele me puxa para o meio do quarto e diz: — De joelhos.

Quando eu fico de joelhos, ele busca uma corda da mesa. Ele tira minhas algemas e joga a corda sobre o gancho pendurado no teto. Em seguida, ele amarra nos meus pulsos e puxa até que minhas mãos

estão no ar, esticando os músculos ao limite. Quando está apertado o suficiente, ele amarra a corda em um anel de metal ligado ao piso.

É uma sensação estranha, braços esticados, de joelhos, impotente, e deixada a mercê de seus caprichos. Sexy, até. Inegavelmente livre de alguma forma. Como uma flor delicada limitada por uma corda, eu penduro no teto, pronta para seu ataque impiedoso, e eu estou disposta. Carente. Tanto que eu quase me sinto culpada. *Quase.*

Com um toque de admiração, ele me olha por um segundo, circulando ao meu redor com passos determinados. Ele pega a câmera que ele me deu de seu bolso e tira uma foto de mim. O flash corre através do meu corpo, porque eu estou querendo saber o que ele vai fazer com a imagem. Ele tira outra, e depois outra, cada uma de um canto diferente. Ele vai para a mesa novamente e pega uma varinha grande, que eu acredito que é um vibrador. Ele a coloca contra a minha buceta e liga, imediatamente me fazendo contorcer. Deus, eu quase me sinto culpada por querer isso. *Quase.*

Ele se abaixa e diz: — Sinta isso. Não deixe isso escapar, ou outra coisa.

— Sim, senhor Brand, — eu digo quando ele dá a volta em mim e, em seguida, bate na minha bunda. Eu quase perco o equilíbrio, mas por enrijecer meus músculos, eu consigo manter o vibrador entre as minhas coxas. Ele tira outra imagem e enfia a câmera de volta no bolso. Grunhindo, ele para diante de mim e desce seu zíper, tirando seu pau. Está duro e latejante e ele imediatamente empurra a ponta contra a minha boca. — Chupe.

Capítulo vinte e cinco

Música de acompanhamento: 'Angel' por Massive Attack

SEBASTIAN

Quarto 146, Providence, Rhode Island - 24 de maio de 2013

Ela está muito ligada a mim, muito disposta a ser o minha prisioneira. Eu tenho que mudar isso, e é por isso que eu vou fazê-la lamber meu pau e outros. Oh, as coisas que eu tenho em mente...

Eu enfio meu pau dentro de sua boca quando ela mal abre os lábios, forçando meu caminho. Porra, sua língua é deliciosa quando ela cobre meu pau com saliva. Ela chupa e me lambe como eu ordenei, como uma boa pequena fada, que eu capturei, fiz brilhar e cantar só para mim. E oh, como ela vai gritar.

Deslizando meu pau para dentro e fora de sua boca, eu aumento o ritmo implacável, tentando levá-la ao limite. Mas ela não se mexe, então eu enfio mais, segurando o cabelo dela e a puxando para mais perto. Eu vou quebrá-la até que ela não possa mais ficar em pé. Se ela acha que ela quer isso, ela está errada. Eu vou provar isso para ela. Eu me empurro nela tão profundo que sua boca está na base.

— Espere, — eu digo, antes de recuar novamente alguns segundos depois. Ela está sem ar, o rosto corado pelo vibrador fazendo seu clitóris pulsar. Eu sorrio quando eu olho pra ela. — Sua buceta se sente bem? — pergunto.

— Sim, senhor Brand, — diz ela.

— Bem o suficiente para querer o meu pau nela?

— Sim, senhor Brand.

— Não até que você pedir... — eu forço meu pau de volta antes que ela tenha tempo para dizer qualquer coisa. Eu enfio em sua garganta, agarrando seu cabelo enquanto eu fodo sua boca. Deus, é tão bom fodê-la assim. Cru. Doloroso. Como um animal. Eu tenho todo o controle, e eu adoro isso. É o que eu preciso.

— Sim, chupe tão duro quanto você pode, e talvez eu vou te recompensar.

Ela geme quando eu tiro meu pau. — Recompensa?

— Você vai ter meu pau.

— Eu não quero isso.

— Sim, você quer. Eu vou fazer você me implorar por ele antes que este dia termine.

— Por que não agora?

Eu sorrio pelas suas palavras. — Ainda não, senhorita Carrigan. — eu sei que ela está secretamente morrendo de vontade de me sentir dentro dela, mesmo que ela não vai admitir isso.

O gemido irritado que vem da sua boca soa maravilhoso. Eu fico de joelhos, pego o vibrador, e empurro contra seu clitóris. Ela geme, fechando os olhos, e eu a esbofeteio no seio para acordá-la novamente. — Mantenha seus olhos em mim, — eu digo quando eu continuo a esfregar seu clitóris com a Varinha Mágica⁴.

— Oh Deus... — ela murmura.

— Continue, — eu digo. — Até o limite.

Ela geme tão alto que eu acho que ela está quase lá, então eu afasto a varinha e posiciono contra sua buceta novamente, dando um passo para trás. Ela rosna quando eu lambo meus lábios. — Você quer gozar tanto assim? — pergunto.

Ela franze a testa. — Sim...

Eu bato em seu outro seio, e ela grita de dor.



— Sim, senhor Brand!

— Não.

— Hã?

— Você não pode gozar a não ser que eu diga que você pode. — eu empurro meu pau contra seus lábios novamente e forço meu caminho para dentro. — Eu vou fazer você lambar meu gozo primeiro.

Os sons que ela faz são uma combinação de frustração, bem como luxúria. Eu posso sentir que ela não está longe, mas ela não tem permissão para gozar. Não por muito tempo. Ela vai ter que esperar e sofrer enquanto eu gozo. Ah, sim... Eu vou gozar, e gozar e fazê-la esperar uma eternidade. Ela estará me implorando de joelhos para que eu foda sua buceta quando eu terminar com ela.

Suas pernas estão tremendo e suor escorre pelo seu rosto enquanto ela traz de volta meu orgasmo enquanto eu fodo sua boca.

— Quer provar minha porra, senhorita Carrigan?

— Sim... — ela geme. — Me dê, por favor.

Eu empurro e puxo até eu que chego ao ponto de êxtase. Então eu tiro meu pau e acaricio, espalhando sua saliva a. — Coloque sua língua pra fora, — eu rosno, pouco antes de eu disparar minha carga para ela. Ele cobre o seu rosto, lábios; está em sua boca e em seus peitos. Para não mencionar que o chão está coberto também. Eu fiz uma bagunça.

Eu limpo meu pau em seu rosto culpado-prazer e, em seguida, aponto para o chão. Seus olhos seguem meu dedo obedientemente. — Limpe, — eu digo.

— O que? — ela olha para as manchas de gozo. Me curvo e afrouxo a corda para que ela possa ir para o chão, mas nem uma polegada mais longe. Tirando meu dedo, eu digo, — Lambe.

Com um estremecimento, ela se abaixa e começa a lambar o chão. Porra cobre sua boca e eu adoro a forma como ele parece nela. — Beba tudo, — eu digo, sorrindo com a visão. Meu pau já está flácido, mas eu não acabei ainda. Ah, não, não por muito tempo.

— Qual é o gosto? — pergunto.

— Como você, senhor Brand.

Eu abafo uma risada. — Se você quiser gozar, é melhor você amar minha porra.

— Eu amo, — ela resmunga após cada lambida. Em seguida, ela levanta a cabeça. — Eu pensei que você iria me foder.

Eu empurro sua cabeça para baixo para o meu gozo. — Eu disse que você poderia parar?

— Não...

— Então lamba o chão. Eu não quero ver você se levantar até este piso estar limpo. — eu a solto novamente, colocando meu pau de volta na minha calça, e caminho até a mesa onde eu pego outra corda. Eu verifico se ela terminou antes de puxá-la de volta para cima e amarrar a corda em volta de sua cintura.

Ela geme e se move enquanto eu empurro o vibrador na posição e a prendo com as cordas. Está amarrado a seu corpo agora, enquanto ela parece estar dançando sobre brasas.

— Você está pronta para gozar? — pergunto.

— Sim, oh Deus, sim. Por favor, senhor Brand.

— Ainda não...

— Oh... — ela rosna. — Por que você está me atormentando tanto?

— Porque eu vou provar um ponto. — eu certifico deque a corda está amarrada tão apertado que ela não pode escapar.

— E qual é?

— Que eu possuo você, não o contrário.

Ela fecha os olhos, mas não diz uma palavra.

— Lembre-se, você não pode gozar... ou eu vou te machucar.

— Sim, senhor Brand. — eu me viro e vou embora. — Espere, onde você está indo? — ela grita.

— Saindo.

— O quê? Porque?

— Porque eu posso.

* * *

Quarto 146, Providence, Rhode Island - 24 de maio de 2013, duas horas mais tarde

Passei as últimas duas horas meticulosamente escrevendo meu livro. Levei um tempo para conseguir as palavras certas porque seus ruídos constantemente me distraíam. Ela gritou tão alto que eu podia ouvi-la na minha própria casa. Que gritadora. Adoro.

Embora eu não vou admitir isso, é claro. De qualquer outra coisa, eu deveria puni-la por fazer tal tumulto enquanto eu estava tentando trabalhar.

Sim, eu a fiz esperar. Ansiosamente, a ponto de xingar. Eu a quero no limite, porque ela precisa perceber que o único no comando não é doce. Ela não pode se apaixonar por mim e espera que eu seja o homem que ela quer que eu seja. Eu não vou permitir isso.

Quando eu entro no quarto, as sobrancelhas se juntam e ela começa a gemer. — Por favor ...

— Hmm?

— Eu não posso... — ela murmura.

— Você quer gozar?

— Sim...

— Quanto?

— Eu quero gozar. Jesus, eu quero v. — as palavras soam mais como gemidos, e elas me fazem rir. Eu ando até ela e tiro o vibrador da sua pele, desligando. O zumbido que ela estava sentindo completamente parado.

— Não... — ela murmura. — Eu estava quase lá.

— Eu sei, — eu digo quando amarro a corda em volta da sua cintura e anexo a um gancho diferente.

— Como foi o meu gozo, pequena fada? — pergunto. — O gosto é bom?

— Sim, senhor Brand, — ela rosna.

Eu puxo o cabelo para trás. — Não é bom o suficiente. Me diga o quanto você gostou.

— Eu gostei muito, senhor Brand.

— Você quer mais?

— Sim, muito mais ...

— Ótimo. — eu a solto, pego uma corda nova, e amarro em torno de suas pernas, içando-a. Amarrada e suspensa no ar por sua cintura e pernas, eu admiro a vista que isso me dá. Sua buceta está em exibição, e o plugue anal com desenho de losango parece incrível sobre ela. Baixando a minha calça, eu tiro meu pau e o acaricio perto de sua entrada até que ele está inchado.

Com olhos famintos, ela me observa - lambendo os lábios, me antecipando. Então eu bato meu pau contra sua buceta. Seu grito é atado com excitação.

— Sim...

— O que? — eu provoco.

— Sim, por favor...

Eu esfrego meu pau agora rígido contra sua buceta, provocando seu clitóris tanto que ela aperta os dedos dos pés juntos.

— Quero isso.

— Você quer o que?

— Eu te quero...

— Não, você quer o meu pau. Diga.

— Eu quero o seu pau, senhor Brand.

— Me implore.

— Por favor... me dê o seu pau, senhor Brand.

Com um sorriso, eu retire o plugue que está em sua bunda, fazendo-a gritar quando eu o jogo de lado. — Bom. — e então eu

mergulho em sua buceta. Sua buceta molha meu pau facilmente quando empurro para dentro e para fora. Seus gemidos saem em suspiros curtos enquanto eu transo com ela, duro. Eu não vou fácil; eu não vou devagar. Sua buceta é como uma luva de veludo, encaixando perfeitamente no meu pau, tão liso, tão apertado. Eu amo o olhar em seu rosto - uma combinação de dor, luxúria e necessidade explosiva.

Eu me inclino para a frente e pego seu seio, apertando sua carne macia enquanto eu meto nela. É uma sensação boa levá-la assim, enquanto ela está ligada ao teto, incapaz de sequer me tocar, e muito menos de fugir. Sua buceta aperta ao redor do meu pau, praticamente me ordenhando, e eu estou pronto para gozar novamente.

— *Minha* buceta não merece ser fodida, então considere isso um presente de aniversário, — eu rosno.

— Ah sim!

— Espere, — eu rosno quando ela geme alto. Eu coloco meu dedo em seu clitóris e começo a brincar com ela, empurrando-a para seus limites e além.

— Por favor... Eu não posso.

— O que podemos dizer?

— Por favor, posso gozar? Senhor Brand, por favor, me deixe gozar.

Eu rosno quando eu enfio meu pau o máximo que eu posso e agito seu clitóris cada vez mais rápido. — Goze. Agora.

Seu clitóris lateja debaixo do meu dedo e, em seguida, sua buceta começa a contrair. Eu posso senti-la explodir em torno de mim, apertando meu pau mais profundo dentro dela. É tão bom. Eu continuo empurrando até que eu volto, soprando minha carga em seu interior. Eu empurro três vezes mais e dou um último impulso duro antes de eu puxar para fora, ofegante, o suor escorrendo pela minha testa. Ela trava nas cordas, seus olhos fechados, completamente imóvel.

Seus lábios abrem enquanto desfaço as cordas ao redor de suas pernas, a ajudando a descer.

— Deus... Eu precisava disso, — diz ela, de repente.

Com olhos grandes, ela olha para mim, e então fecha a boca, suas bochechas vermelhas. Eu levanto uma sobrancelha e olho para ela. Eu

não posso acreditar que ela disse isso. Eu acho que ela não pode acreditar nisso, também.

Balançando a cabeça, eu digo: — Eu sei. Eu sei há algum tempo que você gosta de ser fodida contra a sua vontade. Isso ajuda você a esquecer quem você era e permite que você molde a pessoa que você quer ser. É uma sensação boa abandonar o controle e ser capaz de mergulhar em minhas regras... estar à minha disposição é a sua fuga deste mundo. Que apropriado, — medito enquanto desfaço a corda da sua cintura e punhos, puxando-a do gancho. — E tudo isso porque você gosta que eu te amarre e afirme você como minha.

— Bem, eu sei que você gosta de tomar as mulheres contra a sua vontade, você é mau assim, — ela zomba, não sabendo mais o que dizer.

Meu lábio abre em um sorriso quando eu chego perto e planto um beijo em sua testa. — Que um casal perfeitamente fodido nós fazemos, você não acha?

Capítulo vinte e seis

Música de acompanhamento: 'Fivefold' por Agnes Obel

SEBASTIAN

Biblioteca de Sebastian. Providence, Rhode Island - 02 de junho de 2013

Livros são sempre extraviados, e é um dos meus maiores ódios. Quão difícil é colocar o livro de volta onde ele pertence? Parece que meus clientes não podem realmente ler as notas sobre as estantes de livros, embora eles gostem pegar meus livros emprestados. Leitura seletiva no seu melhor.

Irritado, eu reorganizo alguns livros até que eles estejam perfeitamente alinhados e na ordem correta. Quando eu desço a escada, páginas esvoaçantes pegam meu olhar. Senhorita Carrigan está folheando o livro que eu lhe dei, seu rosto se iluminando a partir das imagens do interior. É um livro sobre viagem e fotografia, as duas coisas que ela mais ama. Eu escolhi para ela, porque eu sei que ela adora essas coisas. Mas o que eu adoro... é observá-la folhear as páginas. É como se ela tivesse encontrado o amor novamente, apenas nas páginas de um livro, em vez de um homem. É estranho pensar que eu ficaria feliz de vê-la dessa maneira. Eu não deveria me permitir me sentir desta forma, mas é uma luta que eu já perdi.

Eu me pergunto como vou sair disso.

— Uau, olha isso! — diz ela.

— Hmm? — eu dou uma olhada na foto que ela está apontando.

— Há! Oh, não é lindo?

— Bali? Com certeza é.

— Eu quero ir para lá. — ela olha para mim com olhos brilhantes, em seguida, seu sorriso some quando ela assume um rosto mais sério. — Você poderia me levar até lá, algum dia?

Eu lambo meus lábios. — Bem... eu poderia...

— Por favor? — ela faz beicinho, o que me faz rir um pouco. É muito bonito, eu não posso evitar, e por um momento, eu sinto meu coração aquecer um pouco. Isso me assusta.

— Talvez um dia, — eu digo com um aceno cortês e um sorriso suave.

— Oh... — ela olha para o livro, mordendo o lábio com uma carranca no rosto. Eu não deveria me apegar a sua felicidade tanto assim, mas isso ainda me toca.

— Algum dia poderia estar perto. — eu coloco minha mão em seu ombro. — Mais perto do que você imagina.

Ela olha para mim novamente com um sorriso radiante no rosto. — Tudo bem, eu vou acreditar em você. Eu vou confiar em você para me levar até lá algum dia.

— Confiar? É a primeira vez para você, senhorita.

Ela olha para mim, um som abafado vindo de sua garganta antes dela lançar seu livro para mim. — Isso *não* é verdade.

Eu pego o livro, que agora caiu no chão, e o coloco sobre a mesa. — Você? Confiar em mim? — eu sorrio. — Prove.

Ela sopra ar de sua boca, revirando os olhos. — O que você quer que eu faça, então? — ela zomba.

— Levante-se.

Com um som estridente, sua cadeira salta para trás e ela cruza os braços ao se levantar.

Ainda desafiante, depois de tudo que eu fiz para ela. Um pequeno sorriso rasteja em meus lábios. — Feche os olhos.

— O que você-

— Shh. — eu ando em círculos ao redor dela. — Deixe suas mãos para baixo e fique quieta.

Ela faz o que eu digo, mas eu posso dizer que ter os braços ao lado de seu corpo e os olhos fechados está deixando-a pouco insegura. Ela está mordendo o lábio e as sobrancelhas se contorcem no momento em que ouve o som de meus sapatos no chão de madeira.

— Você confia em mim? — pergunto.

— Sim.

— Diga isso como você tivesse certeza, — eu rosno.

— Sim, senhor Brand. Eu confio em você.

Eu paro na frente dela e sorrio descaradamente quando eu não vejo as sobrancelhas se contorcer. Sua respiração mudou. Como se ela estivesse antecipando alguma coisa, mas ainda não sabe o quê, quando, ou onde. E, no entanto, ela tem esse ar de indiferença sobre ela que eu não consigo entender. É como se ela estivesse completamente dada ao que vem para ela. Completa submissão.

Bonito.

Eu me inclino para a frente e separo meus lábios, deixando uma faixa de ar quente passar por eles, me aquecendo dela. Ela engasga, quase respirando duas vezes. Meus lábios estão tão perto que eu quase posso prová-la.

Eu me afasto.

Seus peito arfa e ela faz uma careta.

— Por que você não-

— Ah-ah... você está esperando. Não espere, experiência.

— Mas-

— Se você disser mais uma palavra, eu vou ter que bater em você, Senhorita Carrigan. Eu não me importo se este é um lugar público.

Ela engole enquanto suas bochechas ficam rosadas. Eu circulo em torno dela novamente, admirando sua bunda redonda e seus peitos empertigados que se movem para cima e para baixo enquanto ela respira. Mesmo seu corpo em silêncio, imóvel me desperta.

Eu paro atrás dela e toco na base do seu pescoço com o meu dedo indicador. Um simples toque a faz estremecer. Eu adoro o som que ela faz quando ela pula uma respiração, sentindo meu dedo rastejar para cima, pondo sua pele em chamas. Ela arqueia sua cabeça, me

permitindo mais acesso. É então que eu me inclino para ela, abro a boca, e afundo meus dentes em sua carne.

Ela engasga e grita, mas soa mais como um gemido surpreso.

— Puta merda.

— Hmm... — eu mordo momentaneamente, antes de liberá-la novamente. Marcas vermelhas cobrem sua pele, mostrando ao mundo onde meus dentes estavam.

— Você me mordeu, — diz ela, agarrando para a marca da mordida.

— Sim.

— Por quê?

— Porque você disse que confia em mim.

— Eu confiei em você para me tratar bem.

— Dói?

— Um pouco...

Eu me movo para plantar meus lábios na marca da mordida e a beijo. — De um jeito bom?

Ela balança a cabeça lentamente.

— Então eu te tratei bem. — quando meus lábios deixam sua pele novamente, murmuro: — E agora o mundo sabe que você é minha.

De repente, meu telefone toca, e ele mata o humor. Eu tiro meu celular e verifico o número. Merda. Eu *não* quero falar com ele agora, mas eu não tenho outra escolha. Eu me afasto dela antes de atender, me certificando de que ela não pode ouvir nada.

— Olá?

— Sebastian? — sua voz é brutal.

— Sim?

Há um barulho de rosnar que emana de seu suspiro. Isso faz o cabelo na parte de trás do meu pescoço se levantar. — Vou te encontrar no clube em duas horas. Você tem algumas explicações a dar...

Música de acompanhamento: 'Dream is Collapsing' por Hans Zimmer

LILITH

Providence, Rhode Island - 02 de junho de 2013, pôr do sol

Quanto mais à vontade eu me sinto em sua casa, mais complicado fica.

É estranho estar bem com o que ele faz. Precisar de algo tão violento, tão ruim. Não é da minha natureza, e ainda assim eu não posso pensar em estar em qualquer lugar que não seja em sua casa agora. Mesmo estando sozinha, eu não tenho nenhuma vontade de fugir. Esta loucura de deixar meu coração me controlar vai ser minha queda algum dia.

Virando a página do meu livro, eu verifico o relógio na parede. Já se passaram três horas desde que Sebastian saiu. Eu me pergunto o que ele está fazendo ali, na biblioteca na sala de reuniões. Estou sempre curiosa para saber o que faz lá em cima, mas eu não estou autorizada a me juntar a ele. Nunca. Ele deixou isso bem claro para mim quando eu tentei ir com ele da última vez.

Depois que ele atendeu algum telefonema na biblioteca, ele rapidamente me trouxe para casa e foi direto para lá. Ele estava com tanta pressa. O olhar nervoso em seu rosto e seus movimentos erráticos eram tão diferentes dele. Algo deve estar errado, mas ele não quis me dizer. Então agora eu estou aqui, esperando em sua casa até que ele volte.

Quando eu noto um livro peculiar em sua mesa, algo dentro de mim se liga. A necessidade de me puxar de volta à realidade. É quase como se eu estivesse sendo chamada, encorajada pela voz na minha cabeça para investigar.

Meu instinto é geralmente direito sobre essas coisas, e ele me diz para ir lá, então eu faço. Folheando as páginas, me deparo com uma cena que me faz parar. Eu li a passagem na minha cabeça uma e outra vez. Um homem se masturba na biblioteca, enquanto uma mulher observa. Meus olhos digitalizam cuidadosamente as palavras, os meus lábios trêmulos enquanto eu leio as palavras exatas que Sebastian falou comigo. Este livro descreve exatamente o que aconteceu comigo.

Em estado de choque, eu largo o livro no chão.

Um broche que estava preso rola para fora. É o broche que ele sempre usa.

Ele normalmente nunca deixa este broche em casa. Nunca.

Algo está errado.

Tremendo, eu pego o livro e o broche. O triângulo e círculo com o G sempre me intrigou, mas agora ainda mais. Desde o momento que o vi usá-lo, eu o reconheci, mas eu ainda não sei de onde. Um impulso para procurar pistas dá uma guinada na minha cabeça. Eu não posso ignorar essa sensação zumbindo, então eu faço meu caminho para seu escritório pessoal, o que ele não me deixa entrar. Contra as regras ou não, eu ainda entro.

Engolindo em seco, eu acendo a luz e olho a sala. Há filas e filas de livros e uma mesa no fim, de frente para a janela. Com passos cuidadosos, eu vou em direção a ele e me sento em uma cadeira. Eu tento não tocar em nada quando eu coloco o livro na mesa e inspeciono o broche. É tão peculiar; queria saber o que significa. Eu ligo o seu computador. Há uma tela que pede uma senha. Levo quinze minutos para preencher um monte de coisas aleatórias que eu sei sobre ele, mas nenhum deles funciona. Seu nome, seu sobrenome, um monte de títulos dos livros que se encontram por aqui. Nada.

Suspirando, eu olho para um objeto que está ao lado de seu monitor, algum tipo de obra de arte sob a forma de uma maçã. Estou aproveito esta oportunidade e digite 'maçã'. Funciona, estranhamente.

Eu abro um navegador e procuro pelo broche.

'Círculo com triângulo dentro'.

O primeiro link que aparece me choca tanto que eu quase caio da minha cadeira.

'Símbolo illuminati'.

Meu coração está acelerado, mas eu não consigo parar de investigar mais. Segurando o suéter de cashmere que Sebastian comprou para mim, eu leio o texto no site.

O triângulo dentro de um círculo é um símbolo oculto para os illuminati, que remonta às civilizações antigas. Há muitas vezes um ‘olho que tudo vê’ retratado no interior do triângulo, que representa a capacidade de ‘ver’ tudo. O símbolo também é comumente associado com os maçons.

Me sento na cadeira e absorvo tudo. Jesus. Já ouvi falar dos Illuminati e os maçons antes, mas eu nunca tinha realmente pensado sobre isso. Agora que eu estou segurando um item na minha mão que se parece exatamente com as descrições, estou um pouco assustada. Com certeza é um exagero, mas, caramba, o que significa isso? Não pode ser real... Isso tem que ser algum tipo de piada.

Antes que eu tenha a oportunidade de ler, algo aparece na tela. Um programa dizendo que uma conexão foi feita para qualquer dispositivo que está ligado ao computador. Eu me curvo para os lados e olho para o computador. No topo está a câmera que Sebastian me deu.

Com as sobrancelhas franzidas, eu clico no programa e deixo os arquivos abrirem. Fotos minhas aparecem. As que ele tirou quando ele me suspendeu no teto, me fodendo com brinquedos e assim por diante. Ainda fico quente cada vez que eu penso sobre isso.

A quentura rapidamente se transforma em gelo quando eu clico através das imagens.

Fotos horríveis de uma menina sendo espancada. Incitada com armas e facas. Cortada e machucada. Seu corpo está sendo usado como uma boneca de pano. Homens a tocam, rasgam sua camisa. Formam lágrimas nos meus olhos só de ver as imagens na minha frente, cada uma pior que a anterior. A menina é usada e abusada, em mais de um sentido, e está tudo na câmera.

Minha respiração vacila.

Esta menina... é Ashley.

Não consigo respirar.

Esta câmara não é nova. Ela era minha o tempo todo.

Capítulo vinte e sete

Música de acompanhamento: 'Bad Moon Rising' por Mourning Ritual

LILITH

Providence, Rhode Island - 02 de junho de 2013, pôr do sol

Não importa o quanto você se prepara para o dia em que alguém te trai, você nunca está totalmente preparada. Durante todo esse tempo, eu fui enganada. A única pessoa que eu pensei que eu pudesse confiar era a única a me arruinar.

Ele estava certo quando disse que ele era um monstro.

Eu salto tão rápido que a cadeira cai no chão. Antes que eu possa virar e correr, uma mão aparece por trás e coloca um pano sobre a minha boca.

— Parece que eu cheguei em casa muito tarde. Eu te disse para confiar em mim, senhorita Carrigan... Você deveria ter pensado melhor.

Um cheiro pungente entra no meu nariz enquanto eu tusso e inspiro as coisas que eu sei que vai me fazer desmaiar. Eu me esforço em seus braços, chutando e empurrando tão duro quanto eu posso. Eu luto para permanecer consciente, mas não adianta. A última coisa que eu ouço é sua voz... sussurros na escuridão...

— É hora de entender que o conto de fadas que você criou para si mesma não irá absorver a dura verdade.

E então tudo fica preto.

SEBASTIAN

Estação de Comboios, Rhode Island - 02 de junho de 2013, noite

Deixar meu broxe em casa não era para acontecer, mas eu estava com pressa e quando o deixei em meu livro na noite anterior, eu esqueci completamente sobre isso. É claro, a curiosidade a levou para o meu computador... embora eu não achasse que ela descobriria a minha senha, ela teria encontrado a câmera de qualquer forma. Eu não deveria ter deixado ela lá, mas eu estava muito preso nas demandas do clube. Eu estive esperando por este dia, mas veio cedo demais, rápido demais. Eu não estava preparado, e ainda assim eu sei que não há como parar agora. As cartas estão caindo, e ela vai me odiar para sempre.

Ela estava no auge de sua reabilitação, a confiança dela em mim crescendo a cada dia, enquanto ela se apaixonava mim. E eu, por sua vez, estava me apaixonando por ela. Não era para acontecer, mas aconteceu. Isso, no entanto... isso era para acontecer. Só que eu não estava antecipando que seria tão logo que eu teria que dizer adeus. Agora chegou o momento, e eu não tenho tanta certeza se é o que eu realmente quero mais.

No entanto, o que eu quero não é importante. O que deve ser feito deve ser feito.

Não há sorte. Nada certo. Nenhum perdão.

Agora ela finalmente vê a verdade.

A verdade hedionda, miserável que sou eu.

Seu corpo sem vida está mole em minhas mãos enquanto eu arrasto ela e uma bolsa pesada para o trem. Paguei a estação de trem para fechar por hoje e eles tinham preparado um trem apenas para nós. Eu não estou surpreso que eles concordaram tão rápido. Afinal, não há nada que o dinheiro não pode comprar com a exceção de duas coisas: amor e alguém para limpar a bagunça deixada para trás.

A pessoa encarregada da limpeza sempre corre para as autoridades, o que é inútil, ou eles acabam se matando.

É um ciclo interminável, então agora eu sou o único que resta para fazer tudo.

Eu jogo minha bolsa pesada no sofá em frente a onde nós vamos nos sentar. Quando eu a coloco no sofá, ela começa a abrir os olhos, então eu deslizo até a janela e me sento ao lado dela. O clorofórmio vai parar o efeito em breve. É apenas uma questão de segundos antes dela abrir a boca, e quando fizer, eu vou ouvir gritaria.

— Dormiu bem?

— Você... — ela murmura.

— Eu?

— Você não me deu essa câmera... ela era minha.

— Sim, era.

Ela tenta se sentar mas seu corpo ainda está mole. — Onde estamos? — diz ela enquanto olha para fora da janela. Árvores e casas passam mais rápido quando o trem aumenta o seu ritmo.

— No veículo que você despreza mais.

Sua respiração trava em sua garganta. — Não...

— Sim, é hora de enfrentar seus medos.

— Não! — ela grita, pulando de seu assento, tentando fugir e ficar longe de mim. Eu a agarro pela cintura enquanto ela se debate em meus braços, desesperada para sair. Eu a pressiono contra o meu corpo e afundo meus dentes em seu ombro. Ela grita de dor, empurrando a cabeça para trás para me machucar, mas eu evito bem na hora.

— Eu já e disse o quanto eu amo morder? — eu digo. — É demais...

— Me solta!

— Nem em um milhão de anos.

— Você me mordeu! Você é louco.

— Sim, eu sou. Finalmente, você percebeu.

— O que você fez com Ashley? Seu imbecil!

Eu aperto mais, fúria implacável passando através de mim. Eu não consigo me controlar. No momento que ela ainda sugere que é minha culpa, eu fico puto. — Você *sabe* o que aconteceu com ela. Pense, droga. *Pense!*

Eu faço a única coisa que eu sei que vai desencadear as lembranças. Eu rasgo sua camisa e aperto seus mamilos, acariciando sua buceta com a outra mão. Ela grita, me batendo, mas a droga ainda corre por suas veias e a deixa fraca. Uma presa fácil.

— Você gosta disso, pequena fada?

— Pare!

— Ser tocada assim lembra daquele dia... não é? — eu sussurro no ouvido dela. Eu puxo seus mamilos até que eles estão tensos e, em seguida, rolo eles entre os meus dedos até que ela começa a se contorcer.

— Me diga o que você se lembra! — eu a esbofeteio, fazendo-a gritar. Eu sei que não é a dor que ela acha terrível, mas o jeito que eu a trato agora. Não há outra opção. Ela foi muito longe agora.

— Eu não posso! — ela grita. — Por favor... me deixe ir. — lágrimas começam a fluir pelo seu rosto agora, provavelmente porque ela está enfrentando seu pior medo.

Eu o conheço o tempo todo.

Desde que ela pisou na estação de trem e congelou, praticamente morrendo quando ela viu este lugar. Trens. Eles são seu pior pesadelo. E é tudo por causa do que foi feito com ela e sua amiga...

Eu agarro sua garganta e a forço a olhar para o final do vagão, perto da porta. — Veja isso... Veja com seus próprios olhos, — eu sussurro. — Me diga o que você vê.

Sua respiração trava em sua garganta. — Mal.

Capítulo vinte e oito

Música de acompanhamento: 'Battle Cry' por Imagine Dragons

LILITH

Train, Rhode Island - 02 de junho de 2013, noite

Adrenalina desperta um lado dormente de mim, abrindo as partes mais profundas do meu cérebro. Puro terror mantém meus olhos abertos, com foco em um único ponto que traz tudo de volta. Eu não quero olhar, mas eu não posso ignorar o que eu vejo. Memórias passam como em um projetor de vídeo. Eu posso ver tudo na minha frente - este trem e o pesadelo que teve lugar aqui.

Eu vejo *tudo*.

* * *

Woodstock, Connecticut - 29 de janeiro de 2013

Seus sorrisos são muito brilhantes, muito grandes, muito diabólicos para ignorar. Eles aparecem em minha casa, um por um, quatro deles no total. Vestido em ternos caros, manchados de sangue, os rostos são imundos e cheiram a morte. Suas mãos penduram casualmente em seus bolsos, enquanto eles caminham em direção a mim. O barulho dos gatilhos das armas que estão sendo aprontadas para atirarem e as lâminas de facas barulhentas em seus bolsos me atordoam.

A sintonia é assoviada por um deles, um que passa pela minha medula e osso.

— Senhorita Carrigan, bem vinda em casa, — diz um deles.

— Olá, Lillith, eu vejo que você finalmente voltou de férias, — diz outro. — Que cortês da sua parte aceitar o meu convite quando eu liguei para você.

É o homem que eu vi com minha mãe durante o coquetel; Sr. Newman. O homem que a levou do meu pai. O homem que a reivindicou como dele depois que ele morreu. Foi ele quem me ligou e me disse para voltar para casa, ou ele iria machucar a minha mãe. E então ele a matou... apenas assim.

— Não se aproxime! — eu grito, recuando junto com Ashley. Ela olha para mim, um certo destemor em seu rosto que eu não tenho a coragem de refletir. Eu estou tremendo com veemência, segurando nela em busca de apoio.

Minha mãe está morta assim como meu coelho. E agora eles estão querendo mais.

— Quem diabos é você? — eu grito com Newman. — Você a matou!

— Sim, eu matei... — ele ri. — Ela fez seu trabalho perfeitamente. Você chegou em casa, então ela cumpriu seu propósito. Agora... venha com a gente.

— O cacete que vamos! — Ashley grita, e então ela olha para mim. — Corra. Agora!

— Mas... — eu fico olhando para o corpo sem vida de minha mãe, sem saber se eu poderia deixá-la assim. Não importa o quanto ela me machucou, ela não merecia isso... ninguém merece.

— Vamos, vamos logo! — Ashley puxa minha mão e se vira.

Nós nos chocamos com um homem, e antes que eu perceba, um saco desliza sobre a minha cabeça. Eu não posso dizer quem é; tudo o que posso fazer é gritar.

A mão de Ashley escorrega de mim quando eles nos separam. Eu grito seu nome, com medo de que eu vá perdê-la bem aqui, agora. Os sons que ela faz cortam a noite, puxando o meu coração em

pedaços. Não só minha está mãe morta, e meu coelho foi rasgado em pedaços, mas agora eles pegaram a minha melhor amiga, também.

— Aonde vocês estão nos levando? — eu grito. — Me solte!

Eles não respondem, o que me perturba ainda mais. Algo brusco e duro bate na parte de trás da minha cabeça, e eu me sinto tonta, incapaz de me mover.

De repente, estou voando pelo ar, e então eu pouso em algo duro e macio, ao mesmo tempo, meu corpo fazendo um barulho ensurdecedor. O ar é empurrado para fora meus pulmões, e algo pesado é empilhado em cima de mim. Ele se contorce, me empurrando para o lado.

— Ashley? — eu grito.

Tudo o que ouço são gemidos e sons abafados. Deve ser ela.

Algo fecha. Meu coração dispara em minha garganta enquanto eu sinto algo se mover ao meu lado, empurrando contra mim, e, em seguida, mais duas coisas se fecham. Um zumbido alto me diz que estamos em um carro. O cheiro de gasolina enche meu nariz, o cheiro pútrido quase me faz vomitar. Eu não sei quanto tempo nós dirigimos ou para onde estamos indo. Poderia ser horas, por tudo que eu sei. Meus cabeça lateja por ela ter batido em algo quando eles me jogaram aqui. Quando Ashley sai de cima de mim e eu sou empurrada para fora do carro, meus olhos estão abertos novamente. Eu sou arrastada, empurrada, forçada. E então eles tiram o saco.

A estação de trem.

— Nós vamos para um pequeno passeio, — um dos homens diz.

— Espere! — eu grito, mas eles me empurram até que Ashley e eu estamos no trem. Eu tento lutar contra eles, mas um contra três não adianta. A porta se fecha. Estamos presos aqui com esses homens monstruosos.

Quando eu olho para dentro, eu percebo que estamos sozinhas. Completamente à mercê desses animais que mataram aqueles que eram queridos para mim.

Eles nos empurram para a frente e para um banco atrás da porta. — Senhorita Carrigan, sente-se. — sua voz é calma e rigorosa, ao mesmo tempo. Eu faço o que ele diz para evitar irritá-los. Se eu posso impedi-los de nos ferir, então eu estou um passo à frente da situação.

Exceto que eu não esperava que eles não dissessem a *ela* para se sentar.

Ashley.

Eles a arrastam, a puxando como animais selvagens incitando a presa antes de abatê-la. É difícil de engolir. Meu instinto me diz para não deixá-los levá-la, então eu me levanto e tento correr em direção a ela. Mas alguém me agarra pelo ombro e me puxa para trás, passando os braços ao redor da minha cintura.

— Não há nenhum lugar para ir.

— Não! Tire suas mãos dela! — eu grito.

Eles começam a rasgar as roupas dela.

— Essa é boa e cheia, do jeito que eu gosto delas, — um deles rosna.

— O outra é muito magra, muito mansa. Esta dá alguns socos. Excitante, — mais um diz, lambendo os lábios.

Ashley soca e chuta, mas eles a pegam e a mantêm no ar, enquanto eles rasgam as roupas dela em pedaços. Em terror, eu vejo eles tirarem camada por camada, até não restar mais nada além de seu corpo nu. Eu choro e grito nas mãos de meu captor, mas eu não posso fazer nada. Eu não sou párea para sua força.

— Você vai ficar com isso? — Newman diz para o homem me segurando.

— Espere, — diz ele, e então ele brinca com a câmera em volta do meu pescoço. Eu nem estava ciente de que ainda estava lá. Ele a empurra na frente dos meus olhos, pega a minha mão, a coloca no botão, e diz: — Tire algumas fotos.

— O quê? — eu digo, tremendo. — Pare... por favor... — minhas palavras soam mais como gritos quando derramo as lágrimas pelo meu rosto e na minha boca.

— Vá em frente... — o homem que está acariciando Ashley diz para mim com um sorriso diabólico no rosto. — Eu quero algo bom para lembrar este dia.

O homem atrás de mim começa a pressionar o meu dedo, e eu sem querer tiro fotos da cena horrível na minha frente. Ela é esbofeteada. Espancada. Empurrada até seu limite. Obrigada a fazer

coisas que eu nunca, *nunca*, queria olhar. Só que eu não consigo desviar o olhar. Eu sou obrigada a assistir e tirar fotos da minha amiga sendo molestada, agredida, e usada. E eu não posso fazer nada sobre isso. Congelada como um bloco de gelo, minhas mãos estão dormentes e meu cérebro está desligando.

— Você gosta de ver a sua amiga assim, senhorita Carrigan? Aprecie o show enquanto você pode, — diz Newman. — E continue tirando fotos! Eu vou fazer pior do que isso, se você não fizer.

— Não tente nada, Lillith... isso não vai ajudar. Eles vão te matar, — o homem atrás de mim diz.

— Por favor... — eu soluço. — Pare.

— Shh... — ele continua pressionando o botão da câmera. — Me deixe cuidar disso.

— Porque? Por que isso está acontecendo? — eu murmuro.

— Não dê ouvidos a eles. Não olhe, — ele sussurra.

Eu gostaria de poder ouvir o que ele disse. Eu realmente queria fechar os olhos e fazer tudo ir embora. Ignorar o que está acontecendo bem na minha frente. No entanto, dentro de mim eu sei que tenho que a isto, por ela, Ashley, de modo que um dia... se nós escaparmos deste inferno... Eu posso fazê-los pagar.

Meus dentes rangem, mas eu me recuso a desistir. Eu estou à beira do colapso, mas eu me forço a ficar de pé. A continuar assistindo, não importa o quão horrível é. Estas fotos não me pertencem mais. Eu sei que eles vão levá-las, e então eu vou ter nenhuma prova. A prova estará em minha mente, então eu digo a mim mesma que eu preciso lembrar de tudo.

No entanto, o calvário prova ser demais para mim.

Sempre que eu tento virar a minha cabeça, um dos homens se aproxima e me bate na cara. Eu não sou autorizada a desviar o olhar, mesmo se eu tentar. Após cerca de cinco horas testemunhando agressão e tortura brutal, meu corpo e mente cedem.

Eu entro em colapso no braço do homem que me impede de correr, o homem que faz parte desta bando e ainda tenta me ajudar com isso. Sua pequena fatia de humanidade, ainda que pequena, é a única coisa que eu me agarro quando eu me afasto deste mundo.

Logo em seguida, um deles concentra sua atenção em mim. — Porra, ela se foi.

— Não, ela não se foi. Eu vou ser o único a decidir isso, — Newman rosna.

Ele se aproxima e coloca suas mãos sobre mim. Eu grito, lutando contra ele enquanto ele agarra minha camisa e rasga de cima para baixo. Eu me esforço a ficar de pé enquanto ele puxa minhas calças também. O homem atrás de mim diz: — Espere! — e ele tenta impedi-lo, agarrando minha calça e empurrando, mas não adianta. Eu já estou nua. Despojada do último resquício da minha humanidade.

— Pare, ela não é seu alvo, — o homem atrás de mim grita.

— Quem se importa, ela é agora. — ele não para até que todas as minhas roupas sumiram ou estão rasgadas.

— Chega! — o homem atrás de mim me puxa para longe de suas mãos e me traz para os meus pés, me segurando perto. — Ela é *minha*!

— O quê? — diz Newman.

O homem atrás de mim me pega em seus braços. — Você já teve uma; Não leve essa, também.

— Você está pensando em usá-la para seu-

— Talvez, mas que não é da sua conta. Eu não vou deixar você manchar esta também. Você conseguiu o que estava querendo.

— Tudo bem, — Newman diz, grunhindo, e então ele caminha de volta para Ashley. Minha mão se move, querendo ir para ela, mas o homem me segurando em seus braços me reposiciona para que eu fique frente para ele. Minha cabeça cai e eu estou perdendo a luta para permanecer consciente. Meus olhos já desistiram, fechando, minha respiração saindo em baforadas curtas. Perdi. Eu perdi tudo. Minha amiga. Minha família. Minha dignidade.

Tudo o que resta é ele.

Minha confiança de que ele vai me trazer para a segurança.

Eu sinto seus passos, mas não sei aonde nós estamos indo. Os ruídos de Ashley desaparecem, assim como os homens. Parece que minha mente se esvaziou, e não há mais nada. Estamos fora do vagão. É estranho não ouvir seus gritos e os grunhidos mais cruéis dos

homens. Uma brisa fria arrepia meu corpo até o osso. É surpreendentemente bem-vindo.

— Espere, estamos quase lá, — diz ele, mas eu mal posso ouvi-lo.

Tudo que eu sinto é suas mãos quentes em torno de mim enquanto ele me leva para longe do perigo e para o desconhecido. Algo emite um sinal sonoro, eu acho que é um carro, e a porta é aberta. Sou colocada em um sofá aconchegante e um cobertor é dobrado sobre mim. De alguma forma, eu sinto que eu fui salva pelo próprio diabo. Quem são essas pessoas que ajudaram ao homem a levar minha mãe para longe de mim? Quem é este homem que está me levando embora?

— Q-quem é você? O que você quer comigo? — eu pergunto com a última gota de energia que eu tenho. Estou quase desmaiando, mas eu consigo entender a próxima coisa que ele diz, antes de escapar completamente.

— Meu nome é Sebastian Brand, e eu quero que você me perdoe.

Capítulo vinte e nove

Música de acompanhamento: 'Breath of Life' por Florence and the Machine

LILITH

Train, Rhode Island - 02 de junho de 2013, noite

Me lembro de tudo.

Eu me lembro como eles mataram a minha mãe e vieram para Ashley e eu. Como eu nunca fui realmente o alvo, mas ela. Para o bem da minha própria segurança, eu empurrei tudo para fora, esqueci tudo. Eu disse a mim mesma para lembrar, e em vez disso eu fiz o oposto. *Ashley* ...

Minha respiração trava na minha garganta no momento que eu percebo que eu ainda estou em *seus* braços. O homem que os ajudou a fazer isso conosco.

Eu olho para trás, meus alhos dilatam. — Você... Você estava lá. Você fez isso com a gente!

Eu me afasto de seu alcance e sento no chão, mas eu continuo engatinhando, qualquer coisa para estar longe dele.

— Sim, era eu. Eu estava lá quando a sua amiga foi abusada, espancada, fodida contra sua vontade. Eu estava lá quando eles mataram sua mãe, e eu sabia que isso iria acontecer. Eu sei de *tudo*. E agora você também.

— Não... — eu balanço minha cabeça. — Como você pôde?

— Eu me pergunto a mesma coisa uma e outra vez. E você sabe qual resposta eu consegui? — diz ele, olhando para mim enquanto eu me arrasto para trás o mais rápido que eu posso. — Nada. Não há nada que eu possa dizer que vai justificar isso. Eu não tinha outra escolha a não ser participar...

— Você... você é um monstro, — eu rosno.

— Você está certa... eu sou. Mas e agora? Você vai correr? Para onde você acha que você pode se esconder? — ele dá um passo mais perto, estendendo a mão, enquanto eu me levanto do chão. — Você acha que eu iria te deixar ir?

— Por que você me fez lembrar? Por que você não pode apenas me deixar?

Ele passa os dedos pelos cabelos, suas narinas dilatadas. — Você era única desesperada por mim, não o contrário.

— Você é doente! — eu rosno quando eu viro e corro, empurrando o meu caminho através das portas do trem. Não há saída, nenhum fim, nada parar para este trem, e a única maneira de sair é pela força. Então eu encontro o interruptor de emergência mais próximo e abaixo com força. O trem dá uma guinada e eu quase tombo, mas eu consigo me apoiar em uma das barras do vagão. Sebastian está bem atrás de mim quando ele para, o rosto aparecendo pela porta, me dando novos pesadelos que eu sei que vai me assombrar para sempre.

— Você nunca deveria ter saído daquele hospital psiquiátrico, — ele grita. — Você é louca se quer sair.

— Se é longe de você, eu estou mais segura do que eu já estive, — eu digo. — Me desculpe não me preocupar com você. — eu puxo a alça da porta, e ela abre enquanto o trem ainda está em movimento.

— Não. — ele levanta a mão em um esforço de me impedir de saltar. — Você não sabe o que está fazendo. Vamos falar sobre isso primeiro.

— Eu cansei de falar com você! — eu grito quando eu movo meus pés mais perto da porta.

— Pare! Não pule deste trem.

Tarde demais.

Eu já escorreguei e deixei meu corpo voar.

Capítulo trinta

Música de acompanhamento: 'Bad Moon Rising por Mourning Ritual

SEBASTIAN

Train, Rhode Island - 02 de junho de 2013, noite

Ela precisava lembrar. Eu queria que ela lembrasse. Ela precisava se lembrar, então ela poderia me odiar... me desprezar... e ficar longe de mim, como ela está agora. Era tudo parte do plano. Uma vez ela me encontrou, eu sabia que essa era a única opção. Ou fazê-la ir a força ou por sua própria escolha. Eu fiz isso para ela... a mantive segura. A deixei ser a primeira garota que sobreviveu à provação e tinha fugido.

Exceto, que eu me apaixonei por ela.

Eu realmente me apaixonei.

No momento em que ela estava na minha porta foi o dia que eu sabia que tudo ia desmoronar. Eu lutei com tudo que eu tinha, mas não foi o suficiente. Então, eu a levei, a fiz ver o erro de sua decisão de me seguir. O animal em mim saiu e a devastou, implacavelmente, noite após noite... apenas para deixá-la assustada.

E talvez apenas um pouco, porque eu não pude resistir à tentação.

Eu disse a mim mesmo que eu não iria me apaixonar por ela, que eu poderia manter minhas emoções sob controle. Que eu poderia levá-la e fazer com ela o que eu queria, sem consequências. Era uma mentira que eu disse a mim mesmo para lidar com a verdade. No momento em que ela começou a aceitar meu vício, uma necessidade primordial de

repelir o seu amor iminente crescendo dentro de mim. Eu estava me apaixonando lentamente por ela, e não havia nada que eu pudesse fazer. Nada que mudaria meu coração de sucumbir.

E agora eu não quero que ela fuja.

Eu preciso dela. Eu preciso de sua aceitação para esquecer as coisas horríveis que eu fiz. Eu preciso de sua submissão para alimentar o meu vício por controle. Eu não posso deixá-la ir.

Ou ela vem de volta para mim, ou ela não consegue viver.

Eu procurei por uma saída, mas sabia que não havia outra solução. Uma vez que ela encontrou a câmera, eu perdi tudo. Eu sabia que essa hora viria, mas não tão rapidamente. Eu queria mostrar a ela as fotos eu mesmo, explicar como eu tenho as minhas mãos nisso, mas ela nunca me deu uma chance. O único resultado foi a dor. Tudo causado por mim. Eu não estou orgulhoso de mim mesmo, mas eu sei que tinha que ser feito.

Eu rapidamente pego a bolsa pesada no sofá e tiro a minha espingarda, juntamente com munição. Através da janela na frente de mim, eu vejo sua presença feérica flutuando através dos bosques, correndo, fugindo por sua vida. A lua cheia ilumina o céu, seu cabelo vermelho como um farol, refletindo a luz na escuridão da noite.

Ela deve me odiar. Eu sou um monstro. Monstros não aceitam bem aqueles que fogem.

Ela deveria ter fugido quando teve a chance.

Agora é tarde.

Eu não vou deixá-la fugir.

Capítulo trinta e um

Música de acompanhamento: 'The Hunted' por Snowghosts

LILITH

Meus pulmões queimam e minhas pernas doem, mas eu não vou deixar isso me impedir. Eu corro e corro até que eu não consigo sentir mais nada, e então eu ainda continuo correndo. A floresta é densa, os galhos das árvores grossas e inflexíveis. Eles me arranham quando eu passo por eles. O terreno está encharcado e meus pés estão gelados, mas eu continuo. Eu aguento pela vida... apenas para viver. Agora mais do que nunca percebo o quanto eu *quero* viver.

Agora que eu me lembro de *tudo*.

Eu sei que Sebastian é um traidor, um mentiroso, um traidor e assassino. Ele estava nisso desde o início. Como eu poderia tão cegamente ter confiado nele e colocado minha vida na reta dele? Como eu poderia querer isso que causou toda a minha miséria?

E oh... Ashley... ela ainda está na instituição. Eu a deixei lá sozinha, no escuro, sem mim. Ela se lembra de tudo, e ninguém acredita nela. Ela me culpa por tudo, e agora eu entendo o porquê. Eu deveria ter me impedido de bloquear isso, deveria ter estado lá para apoiar sua alegação, tirá-la, e trazer justiça aos homens que tomaram a nossa inocência.

Uma bala me tira dos meus pensamentos. O estrondo reverbera em meus ouvidos. Aves dispersam da copa das árvores, o barulho atrapalhando meu senso de direção. Me viro um círculo completo, tentando identificar de onde veio. Outro tiro é disparado, e corro, segurando minhas mãos sobre minha cabeça. A bala acerta uma árvore bem ao meu lado.

Não posso descrever o pânico em que eu me encontro.

Quando eu olho frente para ver se o caminho está livre, eu vejo o rosto de Sebastian atrás de uma árvore. Por um momento, meu coração para.

Jesus Cristo.

Ele tem uma espingarda.

E ele está tentando me acertar com ela.

Eu corro, tentando afastar o pensamento dele me acertar. Isso só iria me atrasar. Tão rápido quanto eu posso, eu corro através da floresta, evitando os tiros. Folhas farfalham sob seus pés enquanto ele me persegue. Eu olho por cima do meu ombro, para os olhos azuis que brilham com entusiasmo e ferocidade. A frieza no olhar dele e a determinação em seus passos trazem arrepios aos meus ossos. Um certo brilho nos olhos e o sorriso diabólico nos seus lábios me fazem gritar.

— Sinto o cheiro de sangue... — ele rosna. — Seu sangue.

Eu toco o arranhão na minha bochecha e fico de boca aberta com meu tremor, os dedos manchados de sangue.

— Você já provou o seu próprio sangue? — pergunta ele, fotografando novamente.

Eu grito e corro, então tropeço e corro novamente.

— Eu acho que teria um sabor delicioso...

— Fique longe! — eu grito, correndo com dificuldade, meus pés pesados de lama.

Ele ri, quase maníaco. Eu nunca vi ou ouvi assim antes. Quase como se houvesse sede de sangue dentro dele. A necessidade de matar.

Arrepios encobrem o meu corpo em desgosto.

— Vamos, senhorita Carrigan, você vai aceitar o seu destino com dignidade, ou você quer que eu te cace como um animal selvagem?

— Você vai atirar em mim como se eu fosse um jogo?

— Pare de correr e você vai descobrir.

— O caralho que eu vou!

Eu passo através das árvores, tentando atrasá-lo para que eu possa ficar mais longe dele, mas ele é mais rápido do que eu pensava. Mais acostumado com a caça do que eu imaginava. Me lembro dele disparar o cervo, e tudo começa a se conectar na minha cabeça. Ele caça. Não apenas animais... mas as meninas também.

Quem é este homem?

Nenhum espinho de um arbusto ou arranhão de um ramo pode me fazer sentir como se eu estivesse sonhando. Isto é um pesadelo vindo à vida.

Eu passo por alguns ramos, mas percebo tarde demais que há uma enorme queda. Caindo em um precipício, eu protejo a minha cabeça para trás até eu paro de encontro a um tronco firme. Minha cabeça está latejando, minhas pernas doem, minhas mãos tremem, e eu estou coberta de cortes e contusões, mas eu rastejo até o momento em que ouço o barulho de sua espingarda atirando. Ofegante, eu me arrasto atrás da árvore grossa e espero, rezando para que ele vá passar direto e ir em uma direção diferente.

— Saia, saia de onde quer que você esteja! — ele chama, rindo. — Oh, você sabe que não vai ajudar se esconder. Você vai ser encontrada de alguma forma... se é agora ou em trinta minutos. Eu posso ir para sempre, mas você? Tenho a sensação de que você ainda está muito sonolenta por causa da droga até mesmo para lutar comigo, — ele brinca. — Então saia logo, senhorita Carrigan, e isso vai ser mais rápido.

Eu fecho minha boca, resistindo à vontade de repreendê-lo. O gosto salgado do meu próprio suor entra na minha boca, e eu posso provar o meu próprio medo. O ar espesso, frio me circundando me deixa tremendo. O silêncio está me matando. Eu não ouço quaisquer ruídos, nenhum sussurro, nenhum barulho, nenhum tiro ou couro raspando contra couro enquanto ele anda. Não ouço nada. Este momento de solidão me faz pensar sobre as coisas que eu não quero pensar. Morte. Solidão. O fato de que eu não tenho ninguém e nada para viver... por que eu deveria ir em frente?

Por que isso importa?

Por que eu não posso simplesmente desistir?

É então que eu percebo que não sou a única pessoa que foi ferida nisso. Ashley... ela ainda está lá, esperando que eu a resgate. O pensamento desperta em mim uma ferocidade que envia energia

renovada através de minhas veias. Eu devo continuar por *ela*. De uma forma ou de outra, eu vou tirá-la de lá, e eu não vou parar até que estejamos seguras e livres para viver nossas vidas. Ficar aqui não me fará nenhum bem. Eu tenho que correr e fugir, *agora*. Antes que seja tarde.

— Boo.

À minha esquerda, piscando os dentes como os de um lobo me faz gritar. — Encontrei você.

Eu me empurro para longe da árvore e corro para longe dele, mas balas chovem em cima de mim como flocos de neve caindo do céu. Eu caio de cabeça no chão, enrolando as minhas pernas e pés quando os tiros se aproximam de onde estou. Rastejando para trás, eu olho para cima e encontro os gelados olhos azuis atados com prazer e uma pitada de diversão cruel.

— Não... — eu gemo, balançando a cabeça quando a arma é apontada para mim.

Eu não posso correr, e eu não posso me esconder. Ele vai me matar antes de eu ter uma chance.

É isso. Este é o fim.

Minha vida acabou, mas pelo menos eu vou sair com um estrondo.

— Fique quieta, pequena fada. Tudo vai acabar logo...

Capítulo trinta e dois

**Música de acompanhamento: 'Attack on Titan' por Shingeki não
Ost Kyojin**

SEBASTIAN

*Sala de Reuniões, Genesis. Providence, Rhode Island - 02 de junho
de 2013*

Porra.

Porra!

Só do olhar em seu rosto, eu sei que eu estou ferrado.

Arthur aperta os olhos enquanto ele se senta em sua cadeira, me assistindo entrar na sala de reunião. Hubert e Lewis não olham para mim, desviando os olhos quando me ouvem entrar. Apenas brevemente Patrick olha para mim. Eles não precisam de olhar para mim ou dizer uma palavra para me deixar saber como se sentem; o ar está grosso com raiva.

Entro, o medo rastejando sob a minha pele quando sento na minha própria cadeira. Seus dedos estão espalhados uns contra os outros, seu olhar perpetuamente em mim enquanto eu tento não me sentir intimidado por ele. Aqui é a sobrevivência do mais apto. Os fracos são mortos pelos fortes. Eu não devo ser fraco.

Ele iria levar três segundos para acabar comigo.

Eu sei, porque eu os vi fazer isso com meus próprios olhos.

A calma que o seu corpo e os olhos exumam é uma mentira. Eu sei porque ele me chamou aqui. Ele sabe.

— Sebastian... — ele começa. — Eu ouvi algumas notícias preocupantes do médico hoje.

— Sério?

— Não finja que você não sabe, — Hubert late.

Fecho minha boca e paro de respirar. A maneira que Hubert olha para mim é quase como se ele estivesse me matando com seus olhos.

— Ela escapou, — diz Arthur.

— Sim, eu já ouvi.

— E alguém a viu perto de sua casa, — Hubert zomba, rindo.

Seus olhos se arregalam quando eu suspiro. Me sinto preso. Eu sei que o que quer que eu diga ou faça vai decidir se eu vou viver ou morrer. Eles não aceitam bem os traidores, mas eles podem desculpar um erro.

— Esse alguém era eu, — comenta Lewis. — E você estava com ela. Você estava com tanta pressa para entrar, e o carro estava obscurecendo minha visão, mas eu não pude deixar de notar o cabelo vermelho brilhante desaparecer pela porta. Isso só pode significar uma coisa.

Ah, puta que pariu.

— Se importa de explicar?

Eu respiro fundo e penso em uma resposta inteligente. — Sim, ela escapou. Ela veio até mim um par de dias atrás e eu tenho tentado levá-la de volta para o hospital, mas sem sucesso. Ela é bastante... convincente.

— Isso não era para acontecer, — Arthur se encaixa. — Você conhece as regras.

— Eu sei, e tenha a certeza que eu vou resolver isso imediatamente. Eu não tenho nenhuma ideia de como ela escapou e encontrou seu caminho de volta para mim, mas eu vou ter certeza de que ela volte para onde ela pertence.

— Se ela escapou, isso significa perguntas da autoridade. Sem mencionar que ela veio para você. E como eu disse... Eu não confio em você, — diz Hubert.

— Senhores... — eu rio, tentando aliviar o clima. — Eu disse que vou cuidar dela, me deixe lidar com isso. Ela não sabe nada. — eu olho para eles com a cara mais genuína e honesta que eu posso fazer durante uma mentira. — Eu estava prestes a levá-la de volta quando você ligou.

— Certo, — Hubert zomba.

Arthur levanta a mão e, em seguida, limpa a garganta. — Vamos deixá-lo levá-la de volta para o hospital. No entanto, vamos nos juntar nesse esforço.

— Não, — eu digo.

Todos eles fazem uma cara e apertam os olhos. Merda.

— Ela irá fugir no momento que ver vocês.

— O que, você não pode controlá-la ou algo assim? — Hubert brinca.

— Eu não *preciso* controlá-la, — eu rosno. Não é a verdade, mas ele não precisa saber. — Ela tem de vir por vontade própria, ou isso não vai funcionar. Você sabe os problemas que isso cria se elas se sentem ameaçadas. — eu paro meu olhar sobre Hubert e levanto uma sobrancelha.

— Ele tem um ponto, — diz Lewis.

— Cale a boca, — Hubert rosna.

— De qualquer jeito, ela deve estar de volta lá o mais rápido possível, — Arthur continua. — Você está certo, nós tornaríamos isso mais difícil. Além disso, ela confia em você.

— Obrigado, — eu digo, suspirando para liberar a tensão.

— Mas eu não, — Hubert zomba. — Eu digo que devemos segui-los.

— O quê?

— Essa é uma ótima solução, — Lewis entra na conversa. — Que transporte você usou, Sebastian? Seu carro?

— O trem, mas espera-

— Perfeito. Nós estaremos seguindo o trem então. Ela não vai notar, e se ela conseguir escapar de seu alcance, nós vamos localizá-la. Simples, — diz Arthur.

Eu franzo a testa, meu sangue ferve de raiva.

— Ótimo. — os olhos de Hubert brilham com ferocidade. Eu quero arrancá-los.

— Então está resolvido. Sebastian, você vai em frente, nós vamos cuidar para que tudo corra conforme o planejado.

— Eu não acho que isso vai ser fácil. Ela está interessada em fugir. — Lewis solta uma risadinha.

— Sim, eu estou realmente esperando que ela vá. Eu mal posso esperar para testar esta nova arma que eu comprei! — diz Hubert.

— Você não pode fazer isso! — digo. — Ela é parte de minha missão!

— E ela era parte da minha também, até que você roubou ela, — Hubert rosna.

— Chega disso. Você pode compartilhar, — diz Arthur ao se levantar da cadeira. — A escolha que ela fizer vai decidir seu destino.

Hubert ri. — Que ganhe o melhor.

Capítulo trinta e três

Música de acompanhamento: 'The Hunted' por Snowghosts

LILITH

Área de Gestão de Big River. Greenwich, Rhode Island - 02 de junho de 2013, noite

A morte chegou para me buscar.

Eu fico olhando-o nos olhos enquanto o cano da espingarda é apontada diretamente para mim.

Tudo acontece em um flash.

Eu estou tremendo, meus pulmões se expandindo rapidamente enquanto eu tento controlar o que está prestes a acontecer. Uma parte de mim quer correr, mas eu sei que eu nunca faria isso. Suplicar não é uma opção; nós nos movemos além do ponto de falar. Eu fiz a escolha de fugir, e este é o preço que eu pago. Se eu tivesse ficado no trem, ele não teria me matado? Eu me pergunto, e ainda assim eu percebo que não há nenhum ponto. O que está feito está feito. Estou prestes a perder a vida a um homem que me caçou como uma ave de rapina não é fácil de engolir. Especialmente desde que ele me seduziu a confiar nele, acreditando que ele era um homem que poderia me amar. Em vez disso, ele provou ser a causa de tudo o que tinha me assombrado ao longo dos últimos meses.

Sebastian Brand... o homem que ajudou o namorado da minha mãe a matar ela e o meu coelho. Sequestrar a minha melhor amiga, Ashley, e eu, e a usar como uma boneca sexual, enquanto eles me faziam assistir.

Desprezível. Morrer aos pés de um monstro... é uma vergonha.

Folhas estalam debaixo de seus pés quando se aproxima, seu dedo ainda no gatilho, seus olhos azuis penetrantes focados em mim. Por um momento, eu paro de respirar. Segurando minhas mãos na frente do meu rosto, eu fecho meus olhos.

Segundos vão passando. Nada acontece. Se este é o fim, é surpreendentemente tranquilo. Muito fácil.

Algo agarra minha mão. Assustada, eu abro meus olhos e vejo Sebastian me arrastando para cima a partir do solo. Terror paralisante assumiu minha mente e eu me vejo incapaz de me ajustar a essa mudança repentina em seu objetivo.

Ele me torce em seus braços e agarra ambos os meus pulsos, os forçando nas minhas costas, me segurando perto dele.

— Eu te disse para parar de correr e ficar parada...

— O que está acontecendo? — eu digo. — Eu pensei que isso era...

— O quê? O final? — ele zomba. — Você acha que eu iria te matar?

— Sim. — a palavra escorrega de minha boca como um pensamento fugaz, mas me impacta de maneiras que eu não posso imaginar. Estive à beira da morte, e subir de volta de algo assim é uma pílula difícil de engolir. Como diabos eu deveria tomar isso?

Ele me segura, colocando o cano da espingarda contra a minha barriga. Sua boca está perto do meu ouvido enquanto ele me mantém perto. As respirações rouca vindas de seus lábios me faz estremecer.

— Você está certa. Eu teria matado você se você corresse alguns metros mais longe.

Eu tomo uma respiração afiada, segurando.

— Não fique tão chocada, eu te disse que você não tinha permissão para me deixar. Não mais. Quando eu digo que você é minha, eu quero dizer isso, porra, — ele rosna. — Eu não vou deixar você ir embora.

— Por quê? O que é isso para você? Você me machucou e machucou minha amiga, como você poderia me querer depois do que você fez?

— Necessidade, senhorita Carrigan. Necessidade pura. Eu *necessito* de você agora. Eu sabia quando você veio me procurar que isso iria acabar mal. Eu tentei fazer você sair, mas você não quis ouvir. Quando eu escolhi te esconder em vez disso, eu não pude resistir à tentação mais. Você me seduziu... — a maneira como ele empurra contra o meu corpo me dá arrepios indesejáveis.

— Agora, tanto quanto eu gostaria de provar o seu sangue... — ele lambe os lábios. — Eu prefiro sair deste lugar para que eu possa te levar para algum lugar seguro, mas se você continuar lutando eu poderia ter que atirar em você de qualquer maneira. Eu vou te arrastar para fora daqui e tirar uma amostra do seu sangue. Independentemente disso, eu vou fazer do meu jeito. Então, o que é que vai ser?

— Segurança? Você é a pessoa que está tentando me matar, porra! A única pessoa que eu preciso ficar longe é de você!

Seu aperto aumenta e ele me puxa para mais perto, me intimidando. — Eu disse que essas florestas são perigosas. Você não tem ideia do que está aqui fora.

— Você. Você é que está aqui fora, — eu cuspo.

— Não. Eu tenho tentado te manter *segura*. Todo esse tempo, eu tenho mantido você longe. Escondida. Tentei te manter fora do caminho do mal, mas você continua tropeçando em você mesma, não importa o quê. Você simplesmente não vai desistir, não é?

Sebastian empurra a arma mais duramente na minha barriga. — Não. Eu não vou parar até que eu encontre todos os bastardos que fizeram isso conosco, — eu digo em um momento de coragem cega.

Ele aperta os dentes contra a minha pele... uma clara advertência para não piorar isso. — Continue correndo e você *vai* encontrá-los.

— O quê? — eu suspiro.

— Eu tentei te manter longe *deles*, — ele sussurra: — Os que estão aqui fora, procurando você, agora.

— Não... — eu mordo meu lábio, pavor repentino correndo por mim.

— Sim, eles estão lá fora, nesta mesma floresta, neste exato momento, procurando por você, — ele rosna. — Você sabe o que isso significa?

Eu balanço minha cabeça, mas na realidade eu só não quero enfrentar isso.

— Eles estão caçando você. — suas palavras desaparecem no vento, mas eu ainda posso senti-los queimar em minha alma.

Sugando uma respiração, eu balanço minha cabeça em descrença. Meus olhos derivam sobre seus ombros, em busca de uma saída. O que eles encontram me faz gritar bem alto.

Um homem que eu reconheço está parado no topo de uma colina atrás de Sebastian, suas mãos em um fuzil apontado diretamente para mim. Seus lábios se movem, murmurando alguma coisa enquanto ele me olha nos olhos.

— *Fim de jogo.*